

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

MICHEL HOULI FILHO

**DA EXPECTATIVA À REALIDADE: DINÂMICAS E RELAÇÕES VIVIDAS NO
PROJETO MIGRATÓRIO DE SENEGALESES EM CAXIAS DO SUL/RS**

Porto alegre

2018

MICHEL HOULI FILHO

**DA EXPECTATIVA À REALIDADE: DINÂMICAS E RELAÇÕES VIVIDAS NO
PROJETO MIGRATÓRIO DE SENEGALESES EM CAXIAS DO SUL/RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Karl Martin Monsma

Porto Alegre

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Houli Filho, Michel

Da expectativa à realidade: dinâmicas e relações vividas no projeto migratório de senegaleses em Caxias do Sul/RS / Michel Houli Filho. -- 2018.

104 f.

Orientador: Karl Martin Monsma.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Migração senegalesa. 2. Reconhecimento. 3. Redes migratórias. 4. Identidade. I. Monsma, Karl Martin, orient. II. Título.

MICHEL HOULI FILHO

**DA EXPECTATIVA À REALIDADE: DINÂMICAS E RELAÇÕES VIVIDAS NO
FLUXO MIGRATÓRIO DE SENEGALESES EM CAXIAS DO SUL/RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Karl Martin Monsma (orientador)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Beatriz Rodrigues Kanaan
Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Prof.^a Dr.^a Luciana Garcia de Mello
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Vanessa Marx
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Uma das grandes lições que levo após a conclusão desta dissertação é que o trabalho da pesquisa científica, apesar de eventualmente parecer solitário, só é possível através da colaboração de diversas pessoas que dispõem seu tempo através de palavras de incentivo e sugestões. Sendo assim, gostaria de agradecer àqueles que estiveram presentes de alguma forma ao longo do processo.

Primeiramente, gostaria de agradecer a todos os servidores da UFRGS, em especial aos professores, que tornam possível o funcionamento desta Universidade. Da mesma forma, é necessário agradecer ao povo brasileiro que, mesmo indiretamente, mantém a instituição e possibilita a nós, discentes, o Ensino Superior gratuito e de qualidade. Espero que, um dia, todos aqueles que a mantêm possam também usufruir das oportunidades que a vida acadêmica revela para o crescimento pessoal e profissional.

Agradeço também ao meu orientador, Karl Monsma, por todos as sugestões e todos os conselhos oferecidos ao longo dos anos de Mestrado que ajudaram a materializar este trabalho. Da mesma forma, agradeço a todos os professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, em especial a Marilís Almeida, José Carlos dos Anjos e Luciana Mello, que compuseram minha banca de qualificação, se dispuseram a ler e analisar um trabalho ainda em formação; suas contribuições foram, sem dúvida, essenciais. Agradeço a meus pais, Marilene Rodrigues da Silva e Michel Houli por, desde que posso me lembrar, e provavelmente ainda antes disso, estarem sempre ao meu lado, incentivando e apoiando, nunca duvidando de minhas capacidades, até quando eu mesmo duvidei. Agradeço também a toda minha família na figura de meus avós e tios, que compõem minha vida e ajudam a encher de afeto minhas lembranças.

A meu amigo, Diogo Schmidt, que muito me incentivou a ingressar no Mestrado em Sociologia e trouxe para o campo das possibilidades reais algo que eu acreditava estar além de minhas opções na época.

Ao grande amigo Felipe Madeira, companheiro de anos, de conversas, de apoio, discussões e vivências fundamentais na minha trajetória antes, durante e, seguramente, após a conclusão deste trabalho. As conversas em mesas de bar por tantas vezes iluminaram reflexões que pareciam obscurecidas e sem solução. Sem você, eu certamente não teria conseguido.

Aos amigos que o Mestrado me deu e às amigas que ele reforçou, Camila Chiapetti, Pedro Frizo, Gustavo Schutz, Cláudio Santos, Wagner Nascimento, Mariana Garcia, Maria Gabriela Andriotti, Cristiane Figueroa, Bernardo Coldebella, Rafael Tabarez e todos os

demais colegas do PPGS. Percebi que a felicidade só é real quando compartilhada.

Aos queridos amigos de Caxias do Sul, Eduardo Picolotto, Ingrid Bleil, Carolina Griebler, Paula Aita e especialmente à Cristiane Rigon, ao Thiago Costa e ao Tiago Horn que tantas vezes abriram as portas de suas casas e me receberam durante o período da pesquisa de campo. Nós ainda temos muito o que comemorar, serei eternamente grato.

E especialmente a todos que colaboraram durante a pesquisa de campo, cedendo seu tempo, suas lembranças, suas esperanças e seus sentimentos, especialmente a toda a comunidade senegalesa de Caxias do Sul, às profissionais do CAM e aos membros do Coletivo Ser Legal, tenho certeza de que tratei com o respeito e zelo devidos os momentos que me confiaram, obrigado por acreditar nesta pesquisa.

Dedico esta dissertação a meu avô, Elias Toufic Houli, ele próprio um imigrante, que, com sua história e sabedoria, tanto me sensibilizou para esta temática.

RESUMO

Esta dissertação versa sobre as estratégias mobilizadas pela comunidade senegalesa em busca de reconhecimento a partir de seu processo migratório para o município de Caxias do Sul/RS. A partir de 2010, o Brasil passou a receber migrantes internacionais de trajetórias até então pouco comuns no país. É nesse contexto que a migração senegalesa se insere, compondo uma nova rota migratória. No processo de revisão da literatura, bem como nas entrevistas coletadas durante a pesquisa de campo, identificamos que Caxias do Sul recebeu um aporte considerável de indivíduos que chegaram à cidade com a perspectiva de grande oferta de trabalho formal e boa remuneração, tornando-se um dos municípios com maior concentração de senegaleses no Brasil. A partir desse cenário, propusemos a análise dos processos migratórios dos informantes divididos nas fases de planejamento, de percurso migratório em si e das experiências já em solo brasileiro, o que permitiu vislumbrar o projeto migratório em sua amplitude, sobretudo as expectativas existentes como motivação para tão grande movimento. À luz dos conceitos de reconhecimento, desrespeito, redes migratórias e capital social, é possível verificar quais recursos são mobilizados pela comunidade senegalesa quando a expectativa é confrontada com a realidade da nova vida na cidade de destino. Desse modo, foi possível identificar também em quais pontos o movimento migratório em Caxias do Sul se assemelha e em quais se afasta das tendências percebidas em outras cidades do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Argentina. Por fim, traçamos as principais demandas da comunidade senegalesa do município e verificamos as estratégias desenvolvidas para superá-las, sobretudo aquelas pautadas na coletividade que se forma em torno da identidade senegalesa.

Palavras-chave: Migração senegalesa; Reconhecimento; Redes migratórias; Identidade.

ABSTRACT

This thesis discusses the strategies the Senegalese community mobilize in order to obtain recognition within their migratory process towards Caxias do Sul/RS. Since 2010 Brazil has received international migrants, whose trajectories weren't common in this country, they compose a new recent migratory flux due to, specially, positive economic indicators, sportive events that were getting closer, besides the increasing severity of migratory barriers at traditional destinations, as the United States and European countries, the Senegalese migration composes this context. During the literature review process about this theme, as the interviews gathered at the field research, we identified that Caxias do Sul has received a great number of individuals who got to the city with the promises of job offers, as this became one of the cities with the larger Senegalese concentration in Brazil. With that in mind we proposed to think the strategies this migrant community develop in order to ensure, or at least to claim, their rights among the locals, both in objective terms, as their legality condition in the country, employment and social security rights and the most fundamental of all, the respect for their lives, as in intersubjective recognition terms of their capacities and particularities.

Keywords: Senegalese migration; Recognition; Ethnic relations; Identity.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Fontes para coleta de dados	28
Quadro 2 - Perfil dos entrevistados senegaleses.....	31
Quadro 3 - Perfil dos entrevistados brasileiros.....	32
Quadro 4 - Trajetórias dos entrevistados.....	55
Quadro 5 - Desejos de mudança dos entrevistados.....	88

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

CAM – Centro de Atendimento ao Migrante

CNIg – Conselho Nacional de Imigração

CONARE – Comitê Nacional para os Refugiados

CTPS – Carteira de Trabalho e Previdência Social

EUA – Estados Unidos da América

FGTS – Fundo de Garantia do Tempo de Serviço

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

MTE – Ministério de Trabalho e Emprego

ONU – Organização das Nações Unidas

RS – Rio Grande do Sul

SINE – Sistema Nacional de Empregos

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
1.1 OBJETIVO	16
1.1.1 Objetivos específicos	16
1.2 A COMUNIDADE SENEGALESA EM CAXIAS DO SUL.....	17
1.3 <i>A ITALIANIDADE</i> CAXIENSE E OS PROCESSOS DE SEGREGAÇÃO	22
1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	24
1.4.1 Perfis dos entrevistados	30
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	34
2.1 TEORIA DO RECONHECIMENTO.....	34
2.2 O ENCLAVE ENTRE A RACIALIZAÇÃO E O PROJETO MIGRATÓRIO – DEMAIS APORTES TEÓRICOS.....	38
3 O PROJETO MIGRATÓRIO	42
3.1 A CULTURA SENEGALESA DA DIÁSPORA.....	42
3.2 DESTINO: BRASIL. ENTRE TRAJETÓRIAS, REDES E SONHOS	46
3.3 A VIDA EM CAXIAS DO SUL: NOVOS MIGRANTES NA TERRA DE IMIGRANTES.....	59
3.3.1 Por entre os laços da rede senegalesa	60
3.3.2 “A primeira palavra que eu aprendi em português foi ‘trabalho’” - reflexões sobre o trabalhador imigrante.....	64
3.3.2.1 O caso do entrevistado S11.....	72
3.3.3 “Sempre vai ter alguma coisa pra me dizer que eu não sou brasileiro” - Reflexões sobre racismo e xenofobia na experiência migratória.....	75
3.3.4 “Do Sul, da fé e do trabalho” - A migração em paralelo à identidade caxiense.....	79
4 AS DEMANDAS E AS ESTRATÉGIAS EMPREGADAS	83
4.1 AS DEMANDAS DA COMUNIDADE SENEGALESA EM CAXIAS DO SUL	83
4.2 AS ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA	89
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	96
APÊNDICE 1 - Roteiro das entrevistas pré-exploratórias.	101

APÊNDICE 2 - Roteiro das entrevistas com imigrantes senegaleses.	102
APÊNDICE 3 - Roteiro das entrevistas com membros brasileiros do Coletivo Ser Legal	103
APÊNDICE 4 - Roteiro das entrevistas com profissionais do CAM.....	104

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação analisará os recursos mobilizados por uma comunidade de imigrantes senegaleses situada no município de Caxias do Sul/RS a fim de garantir o seu reconhecimento na sociedade em que se encontram, bem como para se aproximarem das expectativas que impulsionaram seu processo migratório. Primeiramente, é necessário pontuar o caráter social de fluxos migratórios internacionais, pois, necessariamente, envolvem o projeto de vida daqueles que vão, daqueles que ficam e daqueles que passam a conviver com o sujeito migrante (SAYAD, 1998), logo não é uma ação isolada da estrutura social, política e econômica que atravessa as nações. Para dar conta de aspectos tão amplos, este trabalho busca recriar as trajetórias dos sujeitos em diáspora a fim de compreender suas motivações e vivências no processo migratório em paralelo às especificidades sócio-históricas do local de destino. Dessa forma, também trataremos sobre como aqueles que passam a conviver com o imigrante interferem nas histórias de vida desses sujeitos e nas suas estratégias diárias.

Os fenômenos migratórios ganharam muita notoriedade nas últimas décadas devido à ampla cobertura midiática sobre movimentos populacionais massivos motivados por conjunturas dramáticas. Como exemplo, temos a migração de haitianos a partir do terremoto de 2010 que arrasou a capital do país e forçou incontáveis indivíduos a improvisarem estratégias de vida em outros locais, bem como a guerra na Síria que também expulsa os cidadãos que buscam garantir seu bem último, a vida. Em paralelo, também ganhou notoriedade o adensamento de pautas nacionalistas, com viés xenofóbico e racista, avessas ao acolhimento de indivíduos oriundos de países de África e Oriente Médio.

No Brasil não foi diferente. Desde meados de 2010, também se observa a intensificação da imigração de bolivianos, haitianos, sírios, senegaleses, ganeses, nigerianos e mais recentemente venezuelanos além de não serem raras as demonstrações de xenofobia e racismo para com essas comunidades. Poderia se dizer que essa é apenas a reprodução das relações de poder já existentes no Brasil, contudo é necessário observar que as relações desenvolvidas a partir desses novos encontros implicam identidades, recursos e culturas que até então não se relacionavam diretamente, trazendo, portanto, o “novo” ao mundo (HALL, 2018). Em busca desse “novo”, decidimos desenvolver o estudo nesse município específico, Caxias do Sul, que se tornou uma das referências regionais e nacionais em termos de concentração e organização da comunidade senegalesa em diáspora. Além disso, mesmo antes desse fluxo migratório, a região já era um reconhecido centro de atração populacional. Herédia (2011) e outros

pesquisadores, como Kanaan (2008), já indicavam na região uma identidade coletiva fortemente pautada em questões étnicas, hereditárias e religiosas, produzindo segregação mesmo em relação a migrantes brasileiros oriundos de outras regiões do Rio Grande do Sul.

Além deste primeiro capítulo de introdução, para aprofundar as reflexões acerca do material empírico coletado, no capítulo 2 traremos uma síntese da Teoria do Reconhecimento, tal qual desenvolvida por Honneth (2009). Acreditamos que essa corrente teórica é adequada para abordar a problemática desenvolvida neste estudo, uma vez que estabelece formas de reconhecimento e desrespeito presentes nas relações jurídicas dos indivíduos e em suas relações sociais intersubjetivas. Desse modo, é possível analisar as experiências da comunidade senegalesa de uma forma ampla a partir dessas categorias e identificar as principais estratégias empregadas na luta pelo reconhecimento. Ao longo desse segundo capítulo, também trataremos de conceitos como o de capital simbólico, conforme desenvolvido por Bourdieu (2009), estigma conforme desenvolvido por Goffmann (1982), fronteiras étnicas como abordado por Fredrik Barth (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998), além de outros aportes que compõem o arcabouço teórico utilizado na análise dos dados, como os elaborados por Hall (2006; 2018) sobre identidade cultural e Gilroy (2007; 2012) sobre raça.

O fluxo migratório analisado neste estudo se insere em um contexto mais amplo, por isso, para compreendê-lo de maneira integral, é necessário observar os agentes globais, transnacionais e locais que favoreceram a opção desses migrantes pelo Brasil e, mais especificamente, pela cidade em questão. Esse quadro mais amplo será tratado de forma pormenorizada no capítulo 3, onde analisaremos os percursos narrados pelos entrevistados em paralelo a experiências colhidas em outros estudos e também disponibilizadas através de relatos midiáticos e fontes oficiais. Não obstante, é possível adiantar que o progressivo aumento de barreiras impostas ao acesso a destinos tradicionais, como os Estados Unidos e alguns países da Europa, aliado à crise econômica que afeta essas regiões nos últimos anos e que aumentou dramaticamente a taxa de desempregados, bem como o protagonismo assumido pelo Brasil com índices econômicos expressivos e como sede de grandes eventos esportivos nesta década, culminou em um quadro no qual a jornada longa, cara, perigosa e incerta desde a África até a América do Sul surgiu como opção atraente (GONÇALVES; KOAKOSKI, 2015). No que se refere à questão local, o município da serra gaúcha é um polo industrial metalmeccânico, com oferta de emprego vasta (HERÉDIA, 2011) até a crise vivida no cenário nacional nos últimos anos. Sendo assim, conforme a narrativa dos próprios entrevistados, a rede de relações mantida pelo grupo reproduzia a imagem de uma cidade economicamente pujante com condições

favoráveis para conseguir trabalho formalizado e com boa remuneração.

Por fim, no capítulo 4, após a abordagem teórica e o desenvolvimento dos relatos de experiências vividas pelos entrevistados sobre suas vivências em Caxias do Sul, partiremos propriamente à análise dos dados para responder à pergunta proposta: quais os recursos mobilizados pela comunidade senegalesa em Caxias do Sul em sua luta pelo reconhecimento? Ainda nesta introdução, apresentaremos brevemente a comunidade senegalesa que se estabeleceu em Caxias do Sul, além de um histórico acerca da identidade cultural presente na região. Também desenvolveremos os objetivos fundamentais desta dissertação e os procedimentos metodológicos da pesquisa. Dessa maneira, esperamos que, ao concluir a introdução, o leitor já esteja municiado dos recursos necessários para desvendar conjuntamente o contexto do estudo.

1.1 OBJETIVO

O objetivo desta pesquisa é investigar as relações sociais que se descortinam a partir da chegada de imigrantes estrangeiros oriundos do Senegal em Caxias do Sul/RS, mais especificamente: verificar quais recursos são mobilizados pelos senegaleses na relação com a comunidade local a fim de obterem reconhecimento e cumprirem as expectativas que os motivaram a migrar.

1.1.1 Objetivos específicos

I – Investigar as trajetórias dos projetos de migração vividos pelos entrevistados senegaleses;

II – Investigar como foi a chegada e a adaptação ao Brasil, sobretudo em Caxias do Sul;

III – Investigar como/se foram acionadas redes migratórias nesse processo;

IV – Verificar os diferentes graus de participação junto às pautas coletivas da comunidade senegalesa em Caxias do Sul;

VI – Investigar as diferentes relações e graus de integração junto ao restante da comunidade local.

1.2 A COMUNIDADE SENEGALESA EM CAXIAS DO SUL

Indo ao encontro do movimento populacional já presente no restante do país (ONU, 2014), em meados de 2012, a chegada de imigrantes estrangeiros a Caxias do Sul se acentuou, sendo boa parte deles senegaleses. Em levantamento realizado no ano de 2015 pelo CAM – Centro de Atenção ao Migrante de Caxias do Sul¹ – com referência aos atendimentos realizados no período de 2010 a 2014, foram obtidas informações acerca da população senegalesa na cidade, dentre as quais: 1.856 pessoas atendidas, sendo 99,2% homens e 0,75% mulheres; quanto ao estado civil, 50,97% declararam-se solteiros e 35,24% casados; quanto à faixa etária, 15,14% no intervalo de 21 a 25 anos, 37,23% de 26 a 30 anos, 25,65% de 31 a 35 anos e 12,88% de 36 a 40 anos; quanto à motivação para emigrar, a mais destacada foi, fundamentalmente, a busca por trabalho (HERÉDIA; PANDOLFI, 2015)².

Não obstante, o número absoluto de migrantes contido na entrevista supracitada não representa o tamanho da comunidade senegalesa atual, principalmente devido ao fluxo constante de pessoas que chegam à cidade e a deixam de acordo com a oferta de trabalho local e de outras regiões. Nos últimos anos, sobretudo a partir de 2015, com o agravamento da crise socioeconômica vivida no Brasil, houve a redução da oferta de postos formais de trabalho no município, por isso o que se observa é uma redução progressiva dos senegaleses que residem na cidade, uma percepção comum a praticamente todas as entrevistas da pesquisa que abordaram esse tópico. Em uma das entrevistas exploratórias, o presidente da Associação dos Senegaleses em Caxias do Sul avaliou que fosse aproximadamente 400 o número de senegaleses residentes em Caxias à época, maio de 2017, já tendo chegado a cerca de 3.000. Em outra entrevista, com uma assistente social do CAM, os números atuais variaram de 200 a 300 pessoas, já tendo chegado a 7.000 em meados de 2014. No que se refere à escolha da cidade como destino e sua conseqüente transformação em um dos polos da imigração senegalesa na região, percebemos que:

¹ Entidade não-governamental de caráter filantrópico mantida pela Associação Educadora São Carlos, sociedade civil da província Imaculada Conceição, com sede em Caxias do Sul, pertence à congregação das Irmãs de São Carlos Borromeo, Escalabrianas, atende à população migrante na cidade desde 1980.

² Dentre as estatísticas disponíveis, foram citadas aquelas consideradas mais relevantes para o estudo aqui desenvolvido. Do mesmo modo, para as categorias elencadas, foram apresentados os dados mais representativos, de forma que aqueles com menor presença no universo analisado foram suprimidos, por entender-se que não haveria alteração da análise geral. Por exemplo, há registro de senegaleses com mais de 40 anos, contudo em quantidade pequena, logo não há necessidade de citá-los nesta abordagem inicial.

A escolha da cidade de Caxias para os fluxos migratórios tem várias razões. Além de ser uma cidade, considerada desde a década de 70, como um dos principais polos industriais do Estado do Rio Grande do Sul, possui serviços que permitem vê-la também como um polo do setor terciário da região. A cidade sempre foi divulgada positivamente pela mídia impressa, e a forte publicidade é um fator de atração para aqueles que precisam escolher um novo destino. É importante acrescentar também que, nas últimas décadas, alguns fluxos migratórios têm preferido cidades médias em relação às regiões metropolitanas. (HERÉDIA; PANDOLFI, 2015, p. 97)

Outras cidades do Rio Grande do Sul, como Santa Maria, Passo Fundo e Porto Alegre, além de países dessa região da América do Sul, como a Argentina, por exemplo, também receberam fluxos de senegaleses com características similares. A permanência nesses locais variou, sobretudo, em função da oferta de trabalho, adaptação e integração. Da mesma forma, as ocupações variaram do emprego formal às vendas ambulantes e também se transformaram e se adaptaram de acordo com a conjuntura vivida (*vide* TEDESCO, 2017; HERÉDIA; TEDESCO, 2015; MOCELLIN, 2015 e GOLDBERG; SOW, 2017). Assim como em Caxias do Sul, os estudos desenvolvidos nessas cidades relatam estratégias de ingresso no país semelhantes às verificadas nas entrevistas, como a solicitação do protocolo de refúgio. No Brasil, o solicitante de refúgio tem garantido o direito à emissão de carteira de trabalho e CPF enquanto aguarda no país até a análise do pedido³, o que lhe permite ser contratado em emprego formal. Muitos dos que optaram por essa estratégia iniciaram sua viagem primeiro até o Equador, onde não havia necessidade de emissão de visto para cidadãos do Senegal, para depois seguir de ônibus passando por Peru e Bolívia até entrar no Brasil pelo Acre, conforme apontado por UEBEL (2015). Essa rota está presente nos relatos de alguns entrevistados e retrata também os riscos a que os migrantes estão expostos ao longo do processo, sobretudo a truculência e o abuso de autoridades policiais e atravessadores ao longo do trajeto de ônibus. Além dessa estratégia, também existe a possibilidade de solicitar visto de turista, o que permite a entrada no Brasil por vias legais, através de São Paulo, Rio de Janeiro ou ainda cidades menos prováveis, como Campo Grande, e posteriormente o protocolo da solicitação de refúgio.

Após a entrada no país, os entrevistados foram unânimes em dizer que não vieram para o Brasil com uma oportunidade de emprego definida, apenas a sua expectativa em função das informações de suas redes migratórias já existentes entre parentes e amigos. Sendo assim, ao chegarem no país sem saber falar português, encontravam dificuldades para se comunicarem, mesmo em situações simples como a compra de passagens ou a

³ É comum o relato de que a espera para a decisão é longa, muitos entrevistados já estavam no país há 3 anos apenas com o protocolo de refúgio.

localização de um endereço. Nessas ocasiões contavam com a boa vontade de estranhos ou ainda, e principalmente, com suas redes de apoio compostas por parentes, amigos, e amigos de parentes. Acredito que essas redes possam se expandir indeterminadamente através dos contatos entre esses indivíduos e suas ligações com os brasileiros. Dessa forma, tanto nas entrevistas como na revisão da literatura, percebe-se que a sua existência é determinante para o sucesso do projeto migratório:

A constituição da rede informal desempenha um papel importante de informação e de comunicação entre eles, o que beneficia a inserção e a escolha de espaços de trabalho. As redes informais também são dinâmicas e se alteram no decorrer do tempo. Os vínculos sociais com os coetâneos têm sua relevância no momento de chegada, como condição de inserção no local de destino. As redes auxiliam o acesso às oportunidades aos imigrantes, e essas são dinâmicas que se abrem ou se fecham, dependendo das relações sociais. Os senegaleses contam com o apoio de outros imigrantes, da associação de Senegaleses, do Centro de atendimento ao Migrante, de algumas instituições sociais e das redes sociais. (HERÉDIA; TEDESCO, 2015)

Nesse sentido, dentro da rede de apoio, destaca-se a Associação dos Senegaleses de Caxias do Sul, que existe desde 2015 e é composta exclusivamente por senegaleses, possui um corpo diretivo (ou *bureau* como dito pelos entrevistados) de aproximadamente oito pessoas e realiza reuniões abertas todos os últimos domingos de cada mês em espaço cedido na Câmara Municipal de Vereadores de Caxias do Sul. Recentemente, em 2017, uma das prioridades apontadas pelos membros da Associação foi efetivada, a sua formalização, o “documento da Associação” como dito pelos interlocutores, o que lhe conferiu número de CNPJ e a possibilidade de agir legalmente em contratos registrados, como de financiamento por exemplo. Independentemente disso, a Associação, principalmente através da figura de seu presidente, uma referência regional e quiçá nacional dentro da comunidade senegalesa, é um dos maiores e mais fortes laços dentro da rede de apoio mantida no município, com atuação na mediação de questões das searas trabalhista, de saúde e moradia.

Outro componente da rede de apoio é o Coletivo Ser Negão, Senegal, Ser Legal⁴, nem totalmente interno à comunidade senegalesa, nem totalmente externo. Isso porque seu coordenador e fundador é senegalês em contraste com os demais membros, de 12 a 15 pessoas, todos brasileiros que, para efeitos de análise nesta pesquisa, não consideraremos como sendo internos à comunidade senegalesa apesar de alguns manterem vínculos sólidos com ela. O Coletivo existe também desde meados de 2015 e surgiu através de projetos desenvolvidos por

⁴ Ao longo da dissertação, irei me referir a essas entidades simplesmente como “a Associação” e “o Coletivo”.

seu coordenador que tinham por objetivo dar visibilidade à comunidade senegalesa residente na cidade, diminuir o estranhamento provocado pelas diferenças culturais entre os imigrantes e os locais e ensinar português para estrangeiros através de um canal do *Youtube*. Os dados obtidos nas entrevistas mostraram que, a partir dessas ações, os vínculos locais do fundador se expandiram e ele estabeleceu conexões com brasileiros que eram simpáticos à causa migrante, o que permitiu a formação de um grupo que veio a ser conhecido por Coletivo Ser Legal. Ao longo de sua existência, observa-se considerável fluidez na composição de seus membros, com ingressos e saídas relativamente constantes, o que corrobora a opção metodológica de manter esse agente como “misto” para fins de análise. Ademais, quando questionado acerca de ausência de outros senegaleses, o coordenador respondeu que:

É, é porque eu não convido, é porque como nós senegaleses já temos grupos entre nós então, se fizer mais ainda outros grupos seria como se eu tô criando outro grupos de senegaleses...não vão ter um visto muito bom, vão achar que eu...por isso nem eu falo muito no Coletivo, eu sou só o criador, mas eu deixo eles discutir...eles discutem, os brasileiros mesmo. (Fundador do Coletivo Ser Legal)

Em outro momento, ele relata que:

Que nem agora, tinha uns casos de uns imigrantes que estavam precisando de ajuda, uma pessoa grávida e tal... a gente tá discutindo isso, até agora tava recebendo as mensagens pra ver o que que... como nós poderíamos ajudar. [...] De todas as nacionalidades [...] Quem nos buscar, quem precisar...mesmo que sejam brasileiros também que precisem de ajuda, enquanto a gente pode ajudar, a gente ajuda. (Fundador do Coletivo Ser Legal)

Portanto, apesar de estar voltado para o apoio à comunidade senegalesa, suas atividades não estão exclusivamente vinculadas à nacionalidade, mas a situações de carência material de grupos vulneráveis, principalmente de migrantes estrangeiros, que estabeleçam contato com o Coletivo. Atualmente, suas atividades podem ser divididas em três eixos: aulas de português gratuitas, assistência material e produção de eventos com a temática senegalesa.

Ainda é possível citar outros dois agentes que foram mencionados com menor frequência ao longo da pesquisa: o Coletivo Math Art e a Associação dos Imigrantes Negros. O primeiro é coordenado por um brasileiro simpático à causa migrante e composto por cerca de 3 ou 4 senegaleses que são artistas em áreas que variam da arte visual ao design de moda. Esse coletivo tem como objetivo a promoção dos trabalhos artísticos de seus membros, através da divulgação e comercialização, portanto seu foco não é a defesa da causa migrante. Entretanto, consideramos válida a sua inclusão para fins de análise junto aos agentes coletivos

de apoio à comunidade senegalesa, pois as atividades que promove afirmam o migrante senegalês como indivíduo múltiplo e capaz, corroborando a luta pelo reconhecimento intersubjetivo. Já a Associação dos Imigrantes Negros foi citada apenas na entrevista realizada com seu presidente, um senegalês, como sendo uma entidade composta por migrantes negros de diversas nacionalidades residentes na região de Caxias do Sul com ações voltadas à prestação de assistência material a pessoas em necessidade e mediação de contatos entre imigrantes e brasileiros, quando solicitado. Apesar de não ter sido identificada em outras entrevistas, por duas oportunidades quando participei de eventos que debatiam a causa migrante na cidade, essa associação estava representada por seu presidente e, em uma dessas ocasiões, havia sido uma das responsáveis pela organização do evento junto a coletivos locais do Movimento Negro. Sendo assim, entendo que essa associação compõe a rede de apoio da comunidade senegalesa no município, bem como favorece o fortalecimento dos laços sociais capazes de garantir reconhecimento.

Não seria possível retratar a comunidade senegalesa em Caxias do Sul sem abordar o aspecto religioso na vida desses indivíduos, que, em sua absoluta maioria, professam o islamismo, da Confraria *Mouride*, originada no Senegal e um fator determinante para a coesão dos senegaleses em diáspora (GONÇALVES; KOAKOSKI, 2015). Abordaremos de maneira mais detalhada as características dessa confraria islâmica e sua repercussão nas redes migratórias senegalesas na seção 3.1: “A cultura senegalesa da diáspora”. Contudo, é necessário apontar a importância da religiosidade na vida dos entrevistados e como as práticas pautadas nessa religiosidade moldam sua experiência migratória, ao mesmo tempo que se constituem em espaço de organização, acolhimento e realização. A organização dessa comunidade proporciona, por exemplo, a realização de sua celebração anual, o *Magal Toubá*, conforme determina a tradição, que marca o retorno do fundador da confraria, Cheick Amadou Bamba Mbacke, do exílio imposto pelo regime colonial francês no início do século XX. A título de exemplo, na celebração do ano de 2016, o evento foi realizado em salão paroquial cedido por uma igreja católica na região central da cidade e, em 2017, em outro salão paroquial de outra igreja católica, essa já em um bairro mais periférico da cidade. Além do espaço físico, toda a alimentação, as bebidas, os materiais, o aluguel e a organização dos eventos foram providenciados pela comunidade senegalesa local.

Por fim, é importante apontar que não foi identificado agente estatal oficial dentro da rede acionada pela comunidade senegalesa, que fosse dedicado especificamente à população migrante. Não obstante, o vácuo deixado pela ausência de aparelhos públicos voltados a essa questão é parcialmente preenchido pelo Centro de Atendimento ao Migrante, CAM, instituição

religiosa e assistencial, cuja atuação será detalhada no subcapítulo 3.3.1 “Por entre os laços da rede senegalesa”. De qualquer modo, é possível afirmar que a atuação do CAM foi determinante para a manutenção de condições mínimas para a vida dos entrevistados em Caxias do Sul, sobretudo nos primeiros meses na cidade.

1.3 A ITALIANIDADE CAXIENSE E OS PROCESSOS DE SEGREGAÇÃO

Neste subcapítulo trataremos da presença de uma identidade coletiva em boa parte da Serra Gaúcha, inclusive em Caxias do Sul, que está fortemente atrelada a um fluxo migratório originário e a processos de segregação. Acreditamos que fazer breve análise da comunidade local seja importante, pois o reconhecimento se dá, necessariamente, através de relações intersubjetivas (HONNETH, 2009), por isso os parceiros de interação são de fundamental importância para determinar os desdobramentos das relações. Nesse sentido, as normas morais, a identidade e a posição dentro da estrutura social modificam dramaticamente as expectativas de ambos os sujeitos, assim como o conceito preexistente do “outro”. Dessa forma, tratar das especificidades do local onde se desenvolve este estudo permitirá analisar os recursos mobilizados de maneira mais consistente, pois sua história se manifesta cotidianamente a seus habitantes, expõe contradições, propicia segregação e, por isso, também influencia em suas relações. Caxias do Sul é um município da serra gaúcha com 483.377 habitantes (IBGE, 2010) que se encontra na região nordeste do Rio Grande do Sul, em parte da Serra do Mar, com cerca de 800 metros de altitude, figurando como o segundo maior município do estado, atrás apenas da capital, Porto Alegre, da qual dista 130 km. A cidade é reconhecidamente um centro de atração populacional: ao se analisar sua história, observam-se diversos fluxos migratórios, desde o processo inicial de colonização no final do século XIX protagonizado por italianos, até outras ondas ao longo do século XX, sobretudo em períodos de desenvolvimento industrial, como nos anos 50, desta vez de indivíduos oriundos de outras regiões do próprio estado do Rio Grande do Sul, como a fronteira oeste e a região central (HERÉDIA, 2011; MOCELLIN, 2011).

De todos os fluxos, entretanto, o que deixou maior marca na identidade do município foi o inicial, que começou na região da serra gaúcha em 1875, onde atualmente se localiza a cidade de Farroupilha há cerca de 14 quilômetros de Caxias do Sul. Nesse período, eram fornecidos lotes de terras aos imigrantes italianos, que chegaram ao Estado em número próximo a 100 mil nas décadas iniciais, principalmente no nordeste gaúcho (DE BONI, *apud* KANAAN,

2008). Os imigrantes eram oriundos de diferentes regiões, principalmente do norte da Itália, e a distribuição das propriedades se dava em ordem de chegada, logo não se formaram grupos marcados pela origem regional inicialmente (FROSI; MIORANZA *apud* KANAAN, 2008). A partir do desenvolvimento das formas de contato entre os colonos, das trocas econômicas e culturais e também da interação com brasileiros, esses indivíduos passam a se diferenciar, e a serem diferenciados, enquanto italianos, em contraste àqueles que já residiam aqui (AZEVEDO *apud* KANAAN, 2008).

Kanaan (2008) utiliza a expressão *italianidade* para se referir ao arcabouço simbólico constituinte da identidade da região, marcado por valores que supostamente seriam característicos dos descendentes desses imigrantes, como o pioneirismo, o apreço à família, à religiosidade, a aptidão para o trabalho e para o progresso. Conforme exposto pela antropóloga, essa identidade passou por transformações ao longo da história da comunidade, desde quando era considerada um estigma relacionado ao atraso, até se tornar uma forma de distinção positiva, como é atualmente.

A transformação da *italianidade* passa diretamente pela construção do “mito do pioneiro” (SANTOS, 2014), uma forma de reapropriação e ressignificação dos fluxos migratórios do passado ressaltando as dificuldades enfrentadas pelos primeiros imigrantes frente a uma região supostamente inexplorada, indicando seu talento nato para o desenvolvimento e o progresso. Em seu discurso, os descendentes dos primeiros imigrantes italianos procuram vincular casos de sucesso econômico à hereditariedade, fazendo o duplo movimento de exaltar as origens agrária e colonial através das dificuldades vividas na época enquanto salientam o desenvolvimento urbano e industrial da atualidade, afastando-se do que poderia ser considerado “atrasado” (SANTOS, 2014).

Estudos etnográficos, como o de Kanaan (2011), realizados na região indicaram a constituição de uma fronteira simbólica que demarca a separação entre aqueles identificados como “italianos” e os identificados como “brasileiros”. Os italianos são, na realidade, descendentes em algum nível dos imigrantes que colonizaram a região e que se distinguem dos demais, oriundos de outras regiões do estado, que acorreram à serra ao longo do século XX. A antropóloga aponta que essa fronteira é porosa, logo, a visão monolítica e homogênea desses grupos não é condizente com a realidade empírica e é tratada aqui dessa maneira para facilitar a abordagem inicial do contexto social, tal qual um tipo ideal. Entretanto, a estigmatização decorrente dessa fronteira é verificável:

Os migrantes que acorrem à região, posteriormente aos imigrantes italianos, sem que tenham atravessado nenhuma fronteira nacional, estadual ou linguística, encontram-se em situação de estrangeiros dentro de seu próprio país. Estes são frequentemente chamados de 'brasileiros', 'pelos-duros', 'pretos', por aqueles que se consideram 'italianos' e se atribuem virtudes as quais os tornam os únicos responsáveis pelo progresso deste pedaço da 'Europa no Brasil'. A superioridade de poder reivindicada pelo grupo dos descendentes de imigrantes italianos em Farroupilha não se atém a evidentes vantagens materiais ou econômicas. A supremacia do grupo estabelecido frente aos novos migrantes também não está assentada somente no fato da permanência anterior ou mesmo na ideia de fundação do lugar. Além desses fatores mencionados, a superioridade dos primeiros imigrantes sobre os últimos, recém-chegados, está sendo mantida através do acionamento de virtudes auto-atribuídas pelos indivíduos do primeiro grupo e que estão presumidas como ausentes nos grupos recém-chegados. (KANAAN, 2011, p. 95-96)

Dessa forma, remete àquela estudada por Elias (2000), pois também neste contexto o grupo capaz de impor poder aciona mecanismos sócio-históricos com o objetivo de se distinguir positivamente dos demais e reforçar seu pertencimento e seus vínculos comunitários. Os descendentes de italianos, enquanto grupo dominante, conseguem reproduzir seu arcabouço cultural para diversos meios da vida em conjunto, supervalorizando-o, em detrimento de características diferentes, que, enquanto identificadoras de um grupo social em posição desprivilegiada no tecido social, podem tornar-se estigmatizantes, como apontado por Goffmann (1982).

Da mesma forma, o estudo realizado por Kanaan (2008) ocorreu na cidade de Farroupilha/RS, um município muito menor que Caxias do Sul onde, acredita-se, as questões relacionadas à identidade coletiva estão mais condensadas. Entretanto, apesar dessa ressalva, tendo em vista que as cidades compõem a mesma região, com características históricas semelhantes, a identidade retratada ainda se faz notar de forma contundente em Caxias do Sul, tanto nas relações intersubjetivas e atribuição de valores aos indivíduos, como na forma de estratificação da estrutura socioeconômica e geográfica da cidade. Sendo assim, não poderia passar despercebida a conjuntura já existente antes da chegada dos primeiros senegaleses e que estará presente em sua luta pelo reconhecimento de maneira inevitável.

1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pergunta que pretendemos responder é “Quais os recursos utilizados pela comunidade senegalesa em Caxias do Sul em sua busca pelo reconhecimento?”. O questionamento parte do princípio de que a criação de estratégias pelos imigrantes é necessária com base em relatos colhidos durante entrevistas exploratórias, observações iniciais e revisão da literatura,

sobretudo Herédia e Tedesco (2015), Rangel (2015) e Oliveira (2011). Tais estratégias são os recursos que queremos desvendar. Esse conjunto de dados apontou dificuldades iniciais de ordem material, como a comunicação em português e a obtenção de trabalho, mas também aquelas que são percebidas com o passar do tempo, como a segregação socioeconômica atravessada por racismo e xenofobia.

Em paralelo, de acordo com Honneth (2009), as relações intersubjetivas dos indivíduos são permeadas por expectativas de reconhecimento de ambos os sujeitos envolvidos. Dessa forma, para mapear os recursos mobilizados pela comunidade senegalesa, também é necessário compreender como a expectativa que motivou o projeto migratório se materializa na vivência do indivíduo em seu local de destino e em sua busca pelo reconhecimento. Considerando que o reconhecimento é obtido na relação com o outro, dentro da proposta desta pesquisa também se busca identificar como esse reconhecimento se manifesta aos entrevistados e como reverbera em suas vidas.

O recorte da realidade que se pretende estudar nesta pesquisa contempla aspectos microscópicos, quando se fala em experiências individuais dos imigrantes ao longo de seu percurso até chegar ao Brasil, bem como macroscópicos, quando são analisados o contexto sócio-histórico da cidade e a mobilização coletiva dos migrantes. Por isso, dada a diferença de amplitude, a metodologia que se mostra adequada é a análise de redes:

Ela (a análise de redes) efetivamente surgiu como uma resposta crítica às correntes estrutural-funcionalistas então dominantes, insistindo nas dimensões informais e dinâmicas do funcionamento das sociedades. Ela igualmente permitiu garantir uma superação das fissuras epistemológicas clássicas da Sociologia ao integrar um nível de análise intermediário entre o comportamento individual considerado em nível microscópico e o fato social percebido em seu conjunto em nível macroscópico. (...) em nível mesoscópico – fazendo o ponto entre individualidade e globalidade – permitira superar a oposição entre holismo e individualismo metodológico. (MAILLOCHON, 2015, p. 159)

Ainda no que se refere à adequação da metodologia, a análise de redes permitirá a interação entre as histórias particulares narradas pelos entrevistados, as redes migratórias criadas entre os próprios senegaleses, tendências transnacionais e como isso se insere no cenário local de destino.

Para dar conta do questionamento sociológico proposto, optou-se pela realização de entrevistas semiestruturadas com roteiros preestabelecidos para senegaleses e para brasileiros. A intenção de estabelecer um roteiro para a entrevista visa a manter a regularidade nas informações básicas a serem prestadas, contudo, caso surgissem fatos que o entrevistado

considerasse mais importantes, o rumo da conversa poderia variar. Nesse sentido, a coleta de dados está voltada para a sua análise qualitativa, uma vez que, no período disponível para esta pesquisa, não seria viável empreender entrevistas com percentual estatisticamente significativo da população local para uma análise quantitativa. Acrescido a isso, existe a dificuldade de acesso a membros de comunidade senegalesa devido à barreira linguística: aqueles que estão há pouco tempo no Brasil, em geral, têm dificuldades para se expressar em português e não havia condições de o pesquisador realizar as entrevistas em francês. Dessa forma, os entrevistados senegaleses foram escolhidos partindo da equipe diretiva da Associação de Senegaleses de Caxias do Sul, que, em geral, já estavam há tempo suficiente no município para se comunicar com efetividade em português, mas também para refletir sobre o percurso de seu próprio processo migratório.

O outro grupo de entrevistados é composto por brasileiros residentes em Caxias do Sul que apresentavam algum grau de vinculação com a comunidade senegalesa em razão de sua atividade profissional junto ao CAM ou participação no Coletivo. Consideramos essas duas entidades como pontos de contato institucionalizados entre brasileiros e senegaleses, pois há o relacionamento entre pessoas desses dois grupos em função de suas próprias atividades. Dessa forma, delimitamos quais seriam os entrevistados brasileiros tentando conciliar a riqueza dos dados que poderiam ser coletados e uma quantidade de pessoas que permitisse tempo hábil para análise. O principal objetivo ao entrevistar profissionais do CAM é apreender a linha histórica da imigração senegalesa em Caxias do Sul, bem como características gerais do início do fluxo até o seu arrefecimento. Dessa forma, para se somar aos relatos dos senegaleses, é possível compor uma perspectiva ampla dessa comunidade, já que se trata de uma entidade a que ocorreram muitos entrevistados senegaleses para o acesso a algum serviço.

A partir da definição dos contornos da problemática da pesquisa, procedeu-se à inserção no campo de pesquisa, que se deu de forma gradual a partir de novembro de 2016 com a etapa exploratória. Nesse período, participei de eventos em espaços institucionalizados, como uma reunião da Associação com a presença de centenas de senegaleses ocorrida na Câmara Municipal de Vereadores, bem como a celebração do *Magal de Toubá* de 2016, realizada no salão paroquial de uma igreja católica no centro da cidade. As observações permitiram uma visão geral de como ocorre e de quem está presente na ocupação desses espaços de referência; permitiram também identificar algumas pautas de maior relevância para essa comunidade migrante dentro de suas demandas atuais, bem como iniciar contato com lideranças que estavam no local.

As entrevistas exploratórias ocorreram em março de 2017 e foram realizadas com interlocutores escolhidos por serem, respectivamente, presidente da Associação dos Senegaleses em Caxias do Sul e coordenador do Coletivo Ser Negão, Senegal, Ser Legal. Conforme avaliação inicial, ambos são as pessoas mais reconhecidas na comunidade senegalesa local, por isso o acesso a eles foi facilitado através de redes sociais e meios eletrônicos. Ambos estão habituados a serem considerados porta-vozes de suas entidades, dado o largo número de entrevistas e declarações que prestam em função das posições que ocupam. Dessa maneira, não encontrei obstáculos à concordância para que me cedessem as entrevistas iniciais desta pesquisa, exceto pela oferta reduzida de tempo de que dispunham.

A entrevista com o primeiro informante foi realizada em sua loja, no centro da cidade, ao final do horário de trabalho, local onde o fluxo de senegaleses é constante, já referência para essa comunidade como ponto de encontro, socialização e suporte quando necessário. Ao longo da gravação fomos interrompidos em algumas oportunidades por seu celular que tocava incessantemente, uma constante para ele também em outras oportunidades em que nos encontramos. Apesar dessa condição trazer relativo prejuízo à sequência do diálogo, o entrevistado respondeu de forma pormenorizada aos tópicos colocados, o que permitiu meu entendimento geral sobre a organização da Associação e sua história.

De forma semelhante, o segundo entrevistado me recebeu em uma brecha entre dois compromissos em uma cafeteria no centro, permitindo assim que conversássemos com menos interrupções. Ao final das entrevistas, já devidamente apresentado, pedi que indicassem respectivamente outro nome da equipe diretiva da Associação e um membro da equipe do Coletivo para que pudesse entrar em contato e marcar outras entrevistas. Esse procedimento me permitiu uma inserção gradual no campo, pois após cada entrevista a familiaridade com os informantes se fortalecia e me permitia transitar com mais naturalidade em alguns espaços que essas pessoas ocupavam, além de enxergar com maior clareza a extensão de suas redes.

A partir desse contato inicial com o campo, as demais entrevistas foram feitas entre maio e novembro de 2017, tendo sido realizadas com mais 09 senegaleses, além dos dois primeiros da pesquisa exploratória, e mais 09 brasileiros, totalizando 20 entrevistas gravadas. Mesmo após essa etapa, o pesquisador ainda frequentou eventos relacionados à migração senegalesa na cidade até fevereiro de 2018. A análise dos perfis dos entrevistados é feita de maneira pormenorizada no subcapítulo 1.4.1, contudo deve-se mencionar que os entrevistados foram divididos em dois grupos, de acordo com a nacionalidade, identificados com a letra “S” para senegaleses, sendo os entrevistados de S1 a S11 e com a letra “B”, para brasileiros, sendo

os entrevistados de B1 a B9. Além disso, os roteiros das entrevistas foram diferentes para cada grupo, já que os objetivos para coleta de dados com cada grupo também eram diferentes:

Quadro 1 - Fontes para coleta de dados

FONTES	OBJETIVOS PARA COLETA DE DADOS
Entrevistas com senegaleses	<ul style="list-style-type: none"> - Coletar relatos da trajetória migrante: desenvolvimento do projeto, trânsito e impressões iniciais após a chegada; - Definir o como se dá o envolvimento, protagonismo e relacionamento com a Associação de Senegaleses de Caxias do Sul; - Coletar a percepção sobre as possibilidades de integração e reconhecimento da comunidade senegalesa no município.
Entrevistas com brasileiros	<ul style="list-style-type: none"> - Coletar relatos das experiências vividas junto à população migrante em Caxias do Sul; - Aprender o contexto sócio-histórico do fluxo migratório senegalês dentro do município e suas principais características;

A principal estratégia para estabelecer contato com novos entrevistados foi o método “bola de neve”, tanto para o grupo de senegaleses quanto para o de brasileiros. Dessa forma, geralmente ao final de cada entrevista, pedia a indicação de um contato de outra pessoa a ser entrevistada, especialmente para os grupos que tinha por objetivo ouvir, ou seja, pedia o contato de outros membros da equipe diretiva da Associação no caso dos senegaleses.

O acesso do pesquisador aos entrevistados senegaleses também estava limitado pela barreira linguística, por isso também havia a necessidade de os entrevistados estarem no Brasil há tempo suficiente para conseguirem se comunicar em português. Por isso, todos os senegaleses entrevistados já estavam no país há pelo menos dois anos, sendo que os anos de chegada variam entre 2010 e 2015, se concentrando principalmente em 2014. Apesar de eventualmente se perceber alguma dificuldade para se expressar em português, ou ainda que fosse necessário que repetisse uma ou outra pergunta, não julgo que o fator linguístico tenha limitado ou alterado o conteúdo das entrevistas. Ficou claro, obviamente, que o tempo de permanência no Brasil é diretamente proporcional à capacidade de se expressar em português com fluidez. Não obstante, a duração das entrevistas teve média de aproximadamente 45

minutos, tendo variado nos extremos de 25 minutos a até 2 horas.

Ainda, apesar do uso da técnica “bola de neve”, sobretudo no princípio da pesquisa de campo, devido à participação e convivência em alguns meios de reunião e de eventos, também foi possível fazer contato direto com o entrevistado, me apresentar e apresentar o projeto ao pedir uma entrevista. Com exceção de uma tentativa em que não consegui agendar um horário com o entrevistado e que posteriormente parou de responder às tentativas de contato, as demais oportunidades resultaram em grande acolhida por parte dos senegaleses, que se interessaram ao perceber que eu desejava ouvi-los relatar suas próprias experiências.

As entrevistas com S2, S9 e S10 foram realizadas em uma cafeteria no centro da cidade, próximo ao ponto de referência da comunidade que mencionei anteriormente. Já o entrevistado S5 aceitou conversar na cafeteria de um *shopping* na área central de Caxias do Sul. Nesses casos, o ambiente menos intimista proporcionou alguma retração dos interlocutores, principalmente no início do diálogo, e resultou em entrevistas mais curtas. Por outro lado, as entrevistas com S1, S3, S6 e S8 foram realizadas em seus ambientes de trabalho, na maioria dos casos uma loja própria, com exceção de S6 que trabalha junto a seu marido vendendo a arte produzida por ele na praça central da cidade, nesse caso a entrevista foi feita na rua. Nesses ambientes, já se percebe mais liberdade do entrevistado ao falar e retratar sua perspectiva diante de sua trajetória e suas expectativas. Por fim, S4, S7 e S11 me concederam entrevistas em suas próprias casas, onde fui bem recebido e onde os diálogos foram especialmente ricos, favorecidos pelo acolhimento do ambiente doméstico.

Os entrevistados brasileiros reagiram de forma receptiva às abordagens para as entrevistas e o acesso aos membros do Coletivo Ser Legal se deu de maneira semelhante à dos interlocutores senegaleses, através de indicações dos próprios informantes ao longo da entrada no campo. Quanto aos entrevistados do CAM, foi feito contato direto com a coordenadora da instituição e, posteriormente, já inserido naquele ambiente, entrevistamos outras duas profissionais com maior vivência junto à comunidade migrante.

As entrevistas com brasileiros ocorreram em cafeterias nos casos de B1, B2, B7 e B8; em ambiente universitário nos casos de B4 e B5, em seus locais de trabalho para B3, B6 e B9. Não observei variação considerável da duração e profundidade das entrevistas no caso do grupo brasileiro em relação ao local escolhido. Acredito que, neste caso, a duração e profundidade se davam muito mais em função de características individuais do próprio informante, como sua disposição, seu conhecimento do meio e sua inserção nele.

Os roteiros para as entrevistas foram formulados com tópicos diferentes de acordo com

o grupo ao qual se destinavam: senegaleses; brasileiros vinculados ao CAM e brasileiros vinculados ao Coletivo. Nos roteiros para o grupo dos senegaleses, os tópicos foram divididos em três eixos principais: trajetória desde o Senegal até o Brasil e Caxias do Sul; proximidade e vinculação à Associação; integração junto ao restante da comunidade caxiense. Inicialmente, foi sugerido ao entrevistado que narrasse sua trajetória até chegar ao Brasil, permitindo uma recriação cronológica das experiências vividas (ROSENTHAL, 2014). Acredito que a tentativa de recriar o percurso do passado até o presente reduza o uso de discursos prontos para justificar o movimento migratório, ao passo que poucas vezes solicitei essa justificativa diretamente, a intenção era que os entrevistados trouxessem os aspectos que consideravam mais relevantes para, a partir desses aspectos, mapear suas demandas, sua relação com outros agentes locais e as estratégias da luta pelo reconhecimento, permitindo assim a construção de indicadores para análise.

O roteiro das entrevistas com brasileiros foi dividido nos seguintes eixos: identificação; trajetória junto ao CAM ou ao Coletivo; percepções acerca das relações da comunidade senegalesa na cidade. Não obstante, é importante salientar que a primeira parte do roteiro para entrevistas com brasileiros não foi utilizada para a análise da questão sociológica proposta, pois, ao longo da pesquisa, a proposta de análise se modificou. Contudo, o roteiro original foi mantido no apêndice desta dissertação, pois acreditamos que ele permitiu ao informante refletir sobre sua própria condição dentro da comunidade em que vive antes de partir diretamente para o tópico central, dessa forma acessamos percepções nem sempre tão óbvias à primeira vista.

1.4.1 Perfis dos entrevistados

Para favorecer a visão geral dos perfis dos entrevistados, optou-se por separá-los de acordo com sua nacionalidade. Da mesma forma, alteramos as características consideradas relevantes na análise de cada grupo.

Quadro 2 - Perfil dos entrevistados senegaleses

	Idade	Sexo	Ano de chegada no Brasil	Cidade de origem	Ocupação no Senegal	Ocupação no Brasil
S1	27 anos	Masculino	2014	Dacar	Costureiro	Costureiro/ comerciante
S2	31 anos	Masculino	2014	Dacar	Dançarino/artist a plástico	Comerciante/ dançarino
S3	33 anos	Masculino	2012	Dacar	Técnico de informática	Correspondente bancário
S4	38 anos	Masculino	2014	Dacar	Costureiro	Costureiro
S5	30 anos	Masculino	2013	Dacar	Comerciante	Representante comercial
S6	31 anos	Feminino	2015	Dacar	Técnica administrativa	Artesã/dona de casa
S7	29 anos	Masculino	2013	Dacar	Professor de idiomas/ comerciante	Comerciante/ cabeleireiro
S8	29 anos	Masculino	2011	Khombole	Comerciante	Comerciante
S9	28 anos	Masculino	2010	Touba	Comunicação visual	Comunicação visual
S10	41 anos	Masculino	2013	Dacar	Artista plástico	Artista plástico
S11	30 anos	Masculino	2014	Tivaouane/ Dacar	Comerciante	Estudante/benefi ciário

Observando os dados dos entrevistados senegaleses, percebemos que as idades variaram entre 27 e 41 anos, mesma faixa etária da maior parte daqueles que acorreram ao CAM, conforme levantamento realizado em 2015 e citado por Herédia e Pandolfi (2015), o que é condizente com o fluxo migratório em busca de trabalho. Da mesma forma, as datas de chegada ao Brasil variaram entre 2010 e 2015, concentrando-se principalmente em 2014, um ano de

fluxo intenso de estrangeiros com destino ao Brasil, quando a oferta de trabalho era farta e a mão de obra desses sujeitos era muito demandada. Observa-se ainda o predomínio de sujeitos oriundos da capital, Dacar, apesar de também haver registros de Touba, Tivaouane e Khombole, essas duas últimas cidades mais interioranas e bem menores que a capital. Por fim, quanto às profissões desempenhadas pelos entrevistados, vemos uma predominância das atividades de comércio e também do ofício de costureiro. Poucos foram os que conseguiram se manter em suas atividades, como os entrevistados S9 e S10, por exemplo, que trabalham de maneira autônoma.

Quadro 3 - Perfil dos entrevistados brasileiros

	Idade	Sexo	Profissão	Vínculo com comunidade senegalesa
B1	50 anos	Feminino	Representante comercial	Coletivo Ser Legal
B2	48 anos	Feminino	Administradora	Coletivo Ser Legal
B3	Não informada	Feminino	Coordenadora social	CAM
B4	38 anos	Feminino	Professora universitária	Coletivo Ser Legal
B5	21 anos	Feminino	Estudante universitária	Coletivo Ser Legal
B6	28 anos	Feminino	Internacionalista	CAM
B7	33 anos	Feminino	Técnica educacional	Coletivo Ser Legal
B8	29 anos	Feminino	Educadora física	Coletivo Ser Legal
B9	29 anos	Feminino	Assistente social	CAM

Quanto às entrevistadas brasileiras, todas estavam vinculadas de alguma maneira a duas das instituições que serviram de ponto de partida para o acesso à rede da comunidade senegalesa, o Coletivo Ser Legal e o CAM. Nesse sentido, observa-se variedade significativa

do perfil etário e das profissões desempenhadas pelas interlocutoras, sendo que o ponto em comum é o interesse pelas comunidades migrantes na cidade. No caso das interlocutoras do CAM, sua atividade profissional necessariamente favoreceu a criação de vínculos com a população migrante, que recorria a essa instituição para acessar direitos e para intermédio com agentes do poder público. Por outro lado, as entrevistadas vinculadas ao Coletivo Ser Legal não possuíam conexão profissional com a comunidade migrante, de modo que seu vínculo com o Coletivo ocorreu por motivações particulares e pelo desejo de contribuir com a pauta.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O leque para a abordagem de um fenômeno migratório é bastante amplo, haja vista a complexidade das relações envolvidas. Não obstante, o prisma teórico escolhido para a análise nesta dissertação é guiado pela Teoria do Reconhecimento, conforme desenvolvida por Honneth (2009). Dessa forma, buscamos desvendar as estratégias elaboradas pelos imigrantes senegaleses em Caxias do Sul para mediar as expectativas criadas com o projeto migratório e a realidade das experiências vividas na cidade. Nesse prisma, para analisar como ocorre essa dinâmica, é preciso compreender primeiro o que é considerado reconhecimento pelos senegaleses em diáspora e como o confronto com a realidade pode se traduzir em experiências de desrespeito para esses indivíduos. Para tanto, utilizaremos também estudos sobre outros fluxos migratórios e a teoria desenvolvida a partir deles por Sayad (1998), Hall (2006) e Gilroy (2012). Ainda, também é necessário pensar nas formas como se organizam as identidades da comunidade senegalesa quando inseridas em um novo contexto, para isso nos valem das reflexões sobre fronteiras étnicas, como desenvolvido por Fredrik Barth na obra de Poutignat e Streiff-Fenart (1998). Dessa forma, o objetivo deste capítulo é mapear as fontes teóricas utilizadas para desenvolver a análise do material empírico, justificar sua escolha e demonstrar como elas são capazes de interpretar a realidade observada.

2.1 TEORIA DO RECONHECIMENTO

Primeiramente trataremos do esquema normativo que norteia a Teoria do Reconhecimento para então tratar de maneira pormenorizada de seus vínculos com o estudo desenvolvido. Honneth (2009) entende o desenvolvimento das sociedades como uma busca constante por reconhecimento através das relações entre os sujeitos, valendo-se principalmente da base teórica elaborada por Hegel e Mead, o autor estabeleceu três formas de reconhecimento: das relações afetivas ou primárias, das relações jurídicas e da comunidade de valores.

A primeira forma de reconhecimento determinará a autoconfiança do indivíduo e, apesar de estar relacionada ao meio social de maneira diferente das demais, funciona como substrato para o desenvolvimento saudável do sujeito e sua maneira de estar no mundo. Ela está vinculada principalmente à dedicação materna na infância, mais especificamente ao processo de separação entre o bebê e sua mãe, quando ele adquire capacidades mínimas de permanecer sozinho e ela tem que voltar às atividades de rotina. A partir do rompimento desse laço simbiótico, o bebê

deve desenvolver a confiança de que, mesmo após a ausência da mãe, ela retornará para atender suas demandas. Com isso surge a noção de autoconfiança no sujeito, de que não será abandonado sozinho, podendo então conter seus instintos internos a fim de garantir a boa convivência em suas relações. Essa forma de reconhecimento não é determinada de maneira sócio-histórica, ou seja, apesar de variações eventuais, a noção de dedicação emotiva e a necessidade da criança de ter supridas as suas demandas na primeira infância são uma constante. Logo, entendemos que para a presente análise não seria possível e tampouco produtivo avaliar esse tipo de relacionamento nesta pesquisa.

O reconhecimento a partir de relações jurídicas e a partir da comunidade de valores ou da estima social são as outras duas formas apontadas por Honneth (2009). Elas diferem da primeira, pois estão diretamente atreladas aos valores morais das sociedades às quais os sujeitos pertencem. Assim, essas formas de reconhecimento apresentam variação histórica, já que o entendimento sobre os direitos dos indivíduos e, mais ainda, quem são os indivíduos moralmente imputáveis, também se altera ao longo do processo histórico.

Para fins de análise, Honneth (2009) julga apropriado determinar um horizonte de desenvolvimento completo das formas de reconhecimento: uma sociedade de características pós-tradicionais em que a eticidade estivesse plenamente assegurada. Dessa forma, seria possível avaliar se as relações que são objeto de estudo contribuem para a aproximação ou para o afastamento dessa eticidade almejada. Para essa finalidade, o reconhecimento através das relações jurídicas e através da comunidade de valores são os principais instrumentos para análise e as suas formas mais ampla e garantidora, respectivamente, deveriam assegurar uma base de direitos universais estendidos a todos os sujeitos, de modo que lhes fosse permitido desenvolver suas individualidades culturais e de valores, sentindo-se respeitados e estimados.

Através desse exercício teórico, ficam estabelecidas as características asseguradas pelas duas formas de reconhecimento, primeiramente com as relações jurídicas se ganha em generalização, ou seja, o espectro dos valores morais sedimentados nas normas jurídicas é expandido a uma gama maior de membros da comunidade, dessa maneira os sujeitos podem reconhecer o outro, e também a si mesmos, nas relações intersubjetivas como pessoas moralmente imputáveis. A expansão da imputabilidade moral garante que as relações sejam marcadas por esse forma de respeito e assim, percebendo o outro como um igual e como indivíduo de direito, o cidadão consegue ver a si mesmo como delimitado e garantido pelas mesmas normas, a autorrelação presente, portanto, é o autorrespeito. As relações decorrentes da comunidade de valores eticamente estabelecidos dizem respeito à garantia da estima

do sujeito perante a sociedade da qual participa, ou seja, garante o seu reconhecimento enquanto indivíduo único, bem como de seus valores e suas práticas culturais próprias dentro do guarda-chuva amplo do reconhecimento jurídico. Enquanto este permite a generalização, aquele fomenta a individualização, uma vez que garante a sua valorização específica dentre os demais e, logo, sua autoestima.

Esses modelos totalmente desenvolvidos de formas de reconhecimento funcionam como tipos ideais, ou um horizonte a ser perseguido. Com base nesses tipos ideais é possível identificar relações vividas de maneira precária que se transformam em formas de desrespeito e atacam os componentes da relação consigo mesmo que deveriam ser garantidos. É a partir da quebra dessas expectativas que podem emergir as lutas pelo reconhecimento e a partir dela que será feita a análise desta pesquisa.

As formas de desrespeito em relação ao reconhecimento jurídico e de estima social estão diretamente vinculadas ao processo de quebra das expectativas, o que dará origem à luta pelo reconhecimento. Elas ocorrem, respectivamente, através da privação de direitos e exclusão social e através da degradação e ofensa. Na primeira situação, o desrespeito se dá através do movimento inverso ao esperado pelas relações jurídicas, que seria a generalização, nesse caso, a exclusão formal do indivíduo, ou de um grupo de indivíduos, solapa o seu reconhecimento enquanto ser provido de imputabilidade moral que deveria ser uma percepção recíproca em suas relações intersubjetivas. Quando a esfera atacada é a da estima social, o desrespeito se manifesta através da vexação a que os indivíduos estão expostos devido a características particulares de seu comportamento ou cultura, ou seja, sua individualidade não é reconhecida como válida.

Honneth (2009) divide as expectativas em dois grupos, a instrumental de êxito e a normativa de comportamento, a fim de entender o seu vínculo com as relações de reconhecimento e conseqüentemente de desrespeito, bem como entender a maneira como reagem ao contrachoque com a realidade, que pode desencadear a frustração. O primeiro tipo é referente ao projeto do indivíduo que visa a um fim e fracassa quando encontra resistência inesperada, não sendo, necessariamente, um fator que desencadeia as lutas sociais. O segundo tipo, por outro lado, refere-se às normas pressupostas como válidas pelos sujeitos como um norteador básico de suas relações e vivências. Quando elas são frustradas, é desencadeado o sentimento de injustiça e desrespeito. Não cabe fazer aqui uma análise aprofundada acerca do surgimento de movimentos sociais motivados pela indignação e injustiça, entretanto a compreensão de alguns dos fatores responsáveis pelo desenvolvimento de lutas morais

é necessária para compreender os recursos utilizados nas disputas.

Em Caxias do Sul, nossa pesquisa constatou que a comunidade senegalesa vivenciou ao longo de seu percurso migratório uma série de situações que podem ser consideradas experiências de desrespeito. A marginalização e a privação de direitos é uma constante para populações migrantes no Brasil, sobretudo aquelas oriundas de outros países da América do Sul e da África como observaram Demant e Leão:

No caso dos migrantes, a teoria possibilita enxergar a falta de reconhecimento de seus direitos (reconhecimento legal) e de suas contribuições para a comunidade hospedeira (estima social) como injustiças, uma vez que contradizem o princípio de igualdade jurídica e moral humana. (DEMANT; LEÃO, 2016, p. 13)

Os autores analisaram mobilizações de grupos migrantes e simpatizantes em decorrência do assassinato de uma mulher angolana e de uma criança boliviana em São Paulo. Nesse estudo foi possível perceber que as limitações à participação política imposta a estrangeiros residentes no Brasil privam comunidades migrantes de terem garantidos direitos extensíveis a todos os brasileiros, o que representa maiores dificuldades na imposição de suas pautas junto ao Poder Público e à sociedade civil. Os autores demonstraram ainda como empecilhos jurídicos e burocráticos relacionados à obtenção de documentos como o Registro Nacional do Estrangeiro, RNE, e à demora na análise dos pedidos de refúgio contribuem para a segregação da população migrante. Sendo assim, o reconhecimento jurídico e a estima social estão interligados quando tratamos de populações estigmatizadas:

Em pesquisa que visa a operacionalizar a teoria do reconhecimento para a luta de grupos estigmatizados, Mendonça (2011), em um estudo de caso sobre os portadores de hanseníase, obteve informações que mostram que a estima social é complementar à garantia de direitos para o sentimento de autorrealização de grupos marginalizados, influenciando principalmente na disposição desses grupos em lutar contra o desrespeito. (DEMANT; LEÃO, 2016, p. 13)

As experiências de desrespeito que foram identificadas ao longo da pesquisa para esta dissertação serão tratadas pormenorizadamente ao longo do capítulo 4, contudo é possível citar como principais: dificuldades e demora para análise do pedido de refúgio e obtenção do RNE; repressão do Estado à venda ambulante; forma de entrada no Brasil; acesso à moradia; condições precárias de trabalho, racismo e xenofobia. Essas experiências foram citadas por entrevistados e foram identificadas como barreiras entre as expectativas criadas para o projeto migratório e a dificuldade de concretizá-lo.

Da mesma forma, é importante mencionar que tais experiências também são reconhecidas pelos entrevistados como formas de desrespeito. Essa percepção é uma questão importante, pois é o sentimento de violação de um valor normativo dado como certo que pode desencadear propriamente a luta pelo reconhecimento. Essas experiências de desrespeito não são exclusivas da comunidade senegalesa em Caxias do Sul, foram observadas situações semelhantes com seus compatriotas no Rio de Janeiro/RJ (HEIL, 2017), em Santa Maria/RS (MOCELLIN, 2017), Passo Fundo/RS (TEDESCO, 2017) e Porto Alegre/RS (GUILHERME, 2017) e com imigrantes de outras origens, como angolanos e bolivianos em São Paulo/SP (DEMANT; LEÃO, 2016; OLIVEIRA, 2011) e haitianos em Lageado/RS (DIEHL, 2017). Mais ainda, é uma realidade comum a comunidades migrantes no mundo todo, que carregam consigo o estigma dessa condição.

2.2 O ENCLAVE ENTRE A RACIALIZAÇÃO E O PROJETO MIGRATÓRIO – DEMAIS APORTES TEÓRICOS

Consideraremos a racialização neste estudo como um processo determinado pela capacidade de exercer poder a partir de uma posição privilegiada dentro do contexto social. Partiremos dos conceitos trazidos por Gilroy (2007) para analisar o desenvolvimento da presença da questão da raça no discurso ocidental ao longo da história, tanto no senso comum como no discurso científico. A presença do conceito da raça tal qual conhecemos hoje é um produto da modernidade, relativamente recente, tendo se estabelecido em meados do século XIX. Entretanto, as suas origens remontam ao início do período colonial, marcado pela dominação europeia sobre os povos originários da África e da América.

A evolução das técnicas de investigação científica, tanto nas ciências naturais quanto nas ciências humanas, forçou um processo de transmutação também das práticas racistas. Inicialmente marcadas pela vinculação simplista das características fenotípicas e biológicas a indicadores pejorativos e capacidades arcaicas atravessadas por ontologias místicas da realidade e dos povos, elas sofrem o impacto do desenvolvimento da biologia molecular e do avanço das tecnologias capazes de escrutinar o corpo humano, uma vez que os resultados desse tipo de pesquisa vão de encontro às crenças distintivas racistas tradicionais. Por consequência, aquilo que Gilroy (2007) chama de “novo racismo” passa a atrelar o cultural ao biológico para criar suas classificações e passa a compor o conceito do “étnico”, tirando o foco exclusivo da constituição biológica dos indivíduos, já que essa não pode mais ser levantada como indicativo

estigmatizante sem sofrer o rechaço do discurso científico. Ainda assim, a relação de poder envolvida na racialização se mantém, e sua capacidade de gerar segregação e violência é perpetuada através de novos recursos.

Peixoto (2004) discorreu sobre a amplitude do fenômeno migratório e como isso se reverbera em um leque igualmente amplo de abordagens teóricas ao longo do século XX, desde a teoria da escolha racional da Sociologia Econômica pautada pela clássica teoria weberiana da ação até os estudos das redes migratórias e enclaves étnicos. Diante dessa variedade, é conveniente não se restringir a apenas uma perspectiva teórica, pois ainda que o autor tenha isolado os objetos de estudo da Economia e da Sociologia, bem como abordagens individualistas e holistas, de modo a organizar o quadro explicativo das teorias, trata-se de “tipos ideais” teóricos que facilitam uma visão abrangente daquilo que foi desenvolvido até o momento.

Na introdução desta dissertação, apresentamos as condicionantes que usualmente são apontadas como “causas” do novo fluxo migratório senegalês para o Brasil, em referência principalmente a fatores estruturais, como visibilidade internacional e bom desempenho econômico do país. Em teorias de caráter individualista, como *push-pull*, a ação do indivíduo migrante é retratada como uma escolha racional que avalia vantagens e desvantagens diante de uma possibilidade migratória, ou seja, compara os fatores de atração do país de destino e os fatores de repulsão da origem a fim de tomar a melhor decisão. Sob esse prisma, é visível que o Brasil ganhou em fatores de atração no início dos anos 2010 e por isso passou a atrair um contingente maior de pessoas que até então não viam a travessia transatlântica como opção vantajosa de ascensão socioeconômica. Ao mesmo tempo, esse percurso se tornou viável dentro de uma estrutura de contatos e relações já existente para os senegaleses, o que nos leva aos conceitos de redes migratórias e capital social.

No caso da imigração, o conceito operativo proposto é o de capital social (como exemplo da social *embeddedness*). Este consiste num capital acumulado de relações sociais, na forma de “expectativas para a ação” ou de “fecho” de relações numa comunidade, expresso frequentemente em redes étnicas e outras redes de suporte às migrações. A sua presença nas comunidades imigrantes é elevada: é este tipo de recurso que está na base dos laços de solidariedade (*bounded solidarity*) e confiança (como a *enforceable trust*), necessários tanto à manutenção do fluxo migratório como à integração do migrante (mesmo quando esta ocorre no enclave étnico a que o indivíduo pertence e não na sociedade em geral e quando limita, mais do que liberta, as capacidades econômicas individuais). (PEIXOTO, 2004, p. 10)

Dessa forma, a motivação do sujeito migrante para partir não deve ser observada apenas

sobre o prisma individualista, assim como no decorrer de todo o processo, ele estará inevitavelmente sob constrangimentos estruturais mediando suas ações, como os elementos da teoria desenvolvida por Bourdieu (2009) sobre o capital social apontam. Ainda, em uma perspectiva mais ampla, a teoria do mercado de trabalho segmentado indica que a motivação para migrar, sobretudo a partir de países periféricos, está relacionada à necessidade do país anfitrião em suprir postos de trabalho pouco desejáveis pelos nativos. Esses “mercados secundários”, ou até informais, absorvem grande parte da mão de obra migrante apesar de não se traduzirem geralmente em uma possibilidade real de ascensão socioeconômica.

Compreendeu-se, assim, que grande parte das atrações específicas exercidas sobre a migração internacional, em particular a dirigida de países menos para mais desenvolvidos, tem a ver com os mercados "secundários" (e na actualidade, com as zonas de economia informal). É o facto de existirem actividades que funcionam com base num mercado de trabalho deste tipo que afasta a maioria dos cidadãos nacionais e atrai migrantes provenientes de regiões pobres (que, mesmo em condições económicas deficientes, poderão aumentar o seu padrão anterior de vida, ou – pelo menos – criar expectativas de mobilidade futura). É esta situação, também, que nos permite afirmar que não existe imigração sem uma "procura" econômica específica. (PEIXOTO, 2004, p. 23)

Em Caxias do Sul observamos esse fenômeno, principalmente nos relatos sobre o período do início do fluxo migratório, quando havia vasta oferta de empregos e eram comuns situações em que os empregadores buscavam contingentes de migrantes em outras cidades e até em outros estados, oferecendo trabalho e moradia, tamanha a carência de mão de obra em certos setores. Contudo, assim como Peixoto (2006) já aponta no trecho supracitado, o “mercado secundário” normalmente está vinculado a atividades penosas e não altera a fragilidade da condição do indivíduo migrante, exposto a intempéries de caráter socioeconômico que podem torná-lo menos desejável no país anfitrião (SAYAD, 1998). Nesse sentido, é possível observar a estrutura desenvolvida dentro das relações trabalhistas, onde, geralmente, migrantes senegaleses são considerados “bons trabalhadores” (HERÉDIA; TEDESCO, 2015). Sayad (1998) já apontava que os migrantes, sobretudo aqueles oriundos de países periféricos, têm seu valor enquanto ser humano vinculado unicamente a sua capacidade laboral, que é também a sua justificativa para a permanência no país de destino.

Dessa forma, valendo-se dos conceitos apresentados por Bourdieu (2009), é possível observar que o capital simbólico dos migrantes senegaleses dentro do campo das relações trabalhistas é elevado, ao passo que o *habitus* expresso pelo corpo desses indivíduos é o esperado por aqueles que lhe tomarão a mão de obra, ou seja, os empregadores, detentores do

poder simbólico. A posse desse capital, contudo, não lhes garante necessariamente o reconhecimento esperado em outras esferas da existência. Apesar do “reconhecimento” nesse setor, não há, de fato, uma subversão da estrutura do sistema classificatório preexistente, mas a sua reprodução. Essa estrutura opera em outras áreas da vida do imigrante quando ele é visto como um “problema a ser resolvido” e enquadrado em categorias já indicadoras para a segregação.

3 O PROJETO MIGRATÓRIO

Neste capítulo trataremos do fluxo migratório senegalês tal qual proposto por Sayad (1998), ou seja, como um fato social amplo que envolve o migrante em si, aqueles que ficam em seu país de origem, bem como a rede que ele aciona ao longo do percurso e durante a sua vida no país de destino. Para isso, analisaremos a conjuntura presente no Senegal que favorece o projeto migratório e traremos reflexões sobre o percurso desde a África até o Brasil a partir dos relatos colhidos nas entrevistas. Por fim, faremos um paralelo entre esse movimento e a constituição de redes sociais pela comunidade migrante em Caxias do Sul, o que permitirá compreender a formulação dos recursos na luta pelo reconhecimento.

3.1 A CULTURA SENEGALESA DA DIÁSPORA

O Senegal é um país com cerca de 14 milhões e 600 mil habitantes, localizado na África Ocidental, mais especificamente no extremo oeste do continente, faz fronteira a oeste com o Oceano Atlântico, com a Mauritânia e com o Mali a Norte e a Leste, com Guiné e Guiné-Bissau ao Sul e encravada em seu meio oeste, fazendo fronteira também com o Oceano Atlântico está a Gâmbia. Sua capital é Dacar, a maior cidade do país e também a região que concentra a maior parte da população. Além disso, de acordo com os dados do ano de 2017, o IDH do país é de 0,512 (PNUD, 2018).

O Senegal foi colônia francesa até 1960, quando conquistou sua independência, sendo assim o idioma oficial é o francês, usado predominantemente em espaços formais, em contraste com o idioma falado pela grande maioria da população, o *wolof*. A fluência no francês varia em função de o indivíduo ter frequentado as “escolas francesas” ou ter tido somente o ensino religioso nas “escolas corânicas”. A título de exemplo da normatividade imposta pelo idioma francês no país, cito trecho da entrevista de um informante sobre ser o único a saber falar essa língua na pequena cidade em que morava:

Mil novecentos e noventa e seis...voltou meu tio da Itália, foi primeira viagem dele, quando ele voltou ele me tira da escola corânica, ele me bota pra escola francês e meu vô não queria que eu foi estudar francês, porque lá nossa família não se costuma de estudar... porque ele diz que nós somos colônia de francês, eles não quer muito bem os... que nós sabe as coisa da França, tem que estudar árabe e das, das religião.
(Entrevistado S11)

É, ele que me leva pra escola francesa, eu comecei a estudar na escola francesa com seis anos no ciclo primeiro, depois que eu fui no secundário ele também sempre me

ajudava, foi eu que primeiro filho dessa cidade que tem certificado francês, ele ficou muitas coisas, todo mundo, porque se alguém manda uma coisa, é uma cidade pequeno, mas se os governo mandou uma letter, uma papel todo mundo me chamava pra eu for traduz, se as pessoas da Polícia veio, se os governo veio, se os pessoa de Prefeitura veio lá pra conversar com alguém eles me chama, por as pessoa que querem saber alguma coisa francês eu que vou chamar, eles me chama, eles ficou também começou descobrir que é muito bom de aprender francês e...eles começou a botar os filhos deles também na escola francês. (Entrevistado S11)

O idioma árabe também é popular no país e é ensinado nas escolas corânicas, entretanto o seu uso costuma ser restrito aos meios religiosos. Apesar de existir uma minoria da população que professa o catolicismo, principalmente na região de Casamance, ao sul da Gâmbia, decorrente da herança da colonização portuguesa, a grande maioria dos senegaleses é de muçulmanos *mourides*, uma das principais características a que atribuímos a coesão da rede social observada na pesquisa de campo.

Fazendo um breve retrospecto da constituição do Senegal, conforme exposto por Diallo (2011), a região onde hoje está localizado o país abrigava diversos reinos vassalos do Império de Mali no período que antecedeu a invasão europeia. Nesse período a África Ocidental era composta por Estados Tradicionais ou Pré-Modernos, sobretudo os Impérios de Gana, Songai e Mali, que apresentavam considerável equilíbrio em suas relações de poder. A partir da chegada dos portugueses em Dacar, mais especificamente na ilha de Goreé, no século XV, intensificou-se o processo colonizador que passa a desarticular a organização política preexistente e reorganizá-la de acordo com a influência europeia.

Posteriormente, em 1638, estabeleceu-se o domínio francês na região do país que é conhecida atualmente por *Saint Louis*, domínio esse que se expandiu progressivamente até se consolidar em toda a região. Em 1884, com a Conferência de Berlim, formalizou-se o título de colônia a toda a região que compunha a África Ocidental Francesa e perdurou até meados dos anos 50, com os primeiros movimentos do pós-guerra que desencadearam progressivas declarações de independência na região. É importante frisar que a organização geopolítica imposta pelo regime colonizador determinou conformações espaciais e humanas que perduram até a atualidade, principalmente quanto à manutenção de grupos no poder e na vinculação à França, como é o caso da moeda senegalesa, o Franco-CFA, que já foi inclusive pautada pela cotação do franco (DIALLO, 2011).

A lógica político-econômica imposta no período colonial deixou heranças profundas na forma como a sociedade senegalesa se desenvolveu, como apontado por Conforto (2015). Dentre tais heranças se destaca a segregação vivida pelas comunidades agrárias do interior em

contraste com o desenvolvimento e a crescente “ocidentalização” das regiões portuárias, como Dacar e *Saint Louis*. É importante compreender como a organização geopolítica desse país foi constituída, porque discrepâncias entre as regiões aliadas à urbanização progressiva ao longo do século XX provocaram fluxos migratórios internos e externos. A exemplo disso é possível citar as crises agrárias vividas na região da Bacia do Rio Senegal e posteriormente no Vale do Amendoim que corroboraram com o movimento interno de senegaleses para a região litorânea e urbana (SAKHO *et al*, 2015).

Estes autores identificam já no período colonial, entre os povos *Toucouleur* e *Soninkés* da região, a existência de uma “cultura migratória” semelhante a um rito de passagem para a vida adulta. Essa tendência vinculada aos deslocamentos internos em função da busca de ganhos econômicos e os rearranjos da política colonial permitiram que se reforçasse a migração internacional, sobretudo nos anos 70 e 80, quando o movimento populacional ainda provinha de áreas rurais para destinos tradicionais, como Itália e França (DIRECTION de la PREVISION et de la STATISTIQUE...,1995 *apud* SAKHO *et al*, 2017), até o final dos anos 90 quando o meio urbano senegalês, como Dacar, desponta como região emigrante e abrem-se novos destinos, como os Estados Unidos (AGENCE NATIONALE..., 2008 *apud* SAKHO *et al*, 2017).

A habitualidade diante da emigração internacional esteve presente por diversas vezes durante as entrevistas, conforme o trecho abaixo, que foi uma resposta diante da questão sobre as remessas financeiras enviadas pelos senegaleses a suas famílias:

Olha, como vou te explicar... não é... não é uma ajuda, é um costume né, é a nossa forma de vida, porque tipo assim, no meu país tu vê uma família inteira, todo mundo mora na mesma casa, viu, é dessa forma que a gente... conserva sabe, é, se tá família é cada um sustenta o outro, porque quando tu entra dentro de uma casa tu não vai saber quem está sustentando a casa, viu, quem pode, quem não pode também... ninguém vai reclamar de você, porque a gente sabe que tu não pode, outros te ajuda né, assim como tu não vai saber quem tá fazendo e quem não está fazendo, porque é algo de grupo né, então mesmo viajando, está fora, a gente continua com aquele mesmo costume viu, que chega o final de mês pega um dinheiro, tu manda pra família pra dar um apoio, entendeu, mesmo se tu não mandar dinheiro a família vai... vai vivendo né, viu, porque a minha irmã mais nova tá no quinto ano da faculdade de Medicina, já é quase formada, já tá quase formada... mas eu sempre converso com eles [...]. (Entrevistado S3)

A resposta do entrevistado é rica ao exemplificar como o envio de “ajuda” financeira àqueles que ficam compõe a estratégia familiar para a ascensão socioeconômica e envolve diversos membros do grupo. Trata-se de uma nova diáspora que repete o percurso da anterior e oferece traços da cosmovisão africana, uma forma diferente de estar no mundo, de ser uma família e de suplantar distâncias geográficas (CONFORTO, 2015).

Ainda no que se refere às características dos senegaleses em diáspora, é necessário tratar do aspecto religioso presente ao longo do fluxo migratório desde a constituição das redes sociais no Senegal até a sua perpetuação no local de destino. Nesta breve análise da religiosidade senegalesa, trataremos especificamente do Islamismo da confraria *Mouride*, que é a mais importante e presente para a maioria dos senegaleses, tanto em sua pátria quanto em solo estrangeiro (GONÇALVES; KOAKOSKI, 2015).

Conforme exposto por Diallo (2011), o Islã está presente na África desde meados do século VII e foi introduzido progressivamente no continente por comerciantes árabes, sobretudo nas porções Norte e Oeste, mas também na área litorânea Leste. É importante ressaltar o caráter progressivo dessa assimilação religiosa, que acabou por suplantando significativamente crenças locais, sobretudo na porção ocidental africana, na região que mais interessa aqui, a do Senegal.

Outro aspecto que contribuiu para a disseminação do islamismo foi a rejeição à colonização francesa que acabou por aproximar os senegaleses dessa religião como uma forma de resistência. Ainda no período colonial, no final do século XIX foi fundada a confraria *Mouride* por Cheikh Amadou Bamba Mbacke. Bamba pertencia inicialmente a outra confraria da época, a *Qadriyya*, entretanto após a fundação de sua própria comunidade religiosa houve um movimento contínuo de autonomização, até que se separaram definitivamente. Uma característica importante desse processo é a distinção que havia entre as duas confrarias em relação ao domínio francês, sendo a *Mouride* avessa à colaboração com os colonizadores, o que é considerado um símbolo da resistência senegalesa à invasão. Devido a essa postura, Bamba foi perseguido pelo regime colonial ao longo de sua vida através da prisão e do exílio, o que só arrefeceu em meados da 1ª Guerra Mundial quando o líder religioso autorizou seus seguidores a servirem no exército francês e auxiliarem financeiramente o fundo de reconstrução francês do pós-guerra. Sua resistência pacífica ao colonialismo difundiu a confraria que se tornou a mais popular no Senegal e constitui uma conexão extremamente relevante entre aqueles que estão em diáspora e a realidade dos que ficam, mais do que um fator de coesão, a reprodução das instituições religiosas em solo estrangeiro são um ato de resistência.

Em Caxias do Sul, desde 2012, existe uma *Dahira*, organização religiosa *mouride* que se reúne semanalmente para momentos de oração e celebração dos ensinamentos deixados pelo profeta. Conforme me foi esclarecido por um entrevistado, na organização não há um líder religioso propriamente, todos participam das atividades de oração. Em Caxias do Sul a *Dahira* recebeu o nome de *Nouru Darayni* que significa “luz de duas casas”. Essas casas seriam Caxias do Sul e o Senegal. A *Dahira* atua de forma articulada à Associação dos Senegaleses, entretanto

esses coletivos não são iguais em constituição e objetivos, mas se entrecruzam e pertencem a um mesmo corpo mais amplo.

As *Dahiras* estão presentes nas comunidades senegalesas com número significativo de indivíduos espalhadas ao redor do mundo, no Rio Grande do Sul, por exemplo, existem também em Passo Fundo e Porto Alegre. Parte de suas atividades consiste na arrecadação de recursos financeiros para a manutenção da cidade sagrada *mouride*, Touba, no Senegal, além da realização de eventos religiosos, como o *Magal* de Touba, que marca o retorno de Cheick Bamba do exílio. Outra função importante das *Dahiras* é o auxílio àqueles que se encontram em necessidade, que possam precisar voltar ao Senegal e até mesmo para a extradição do corpo em caso de falecimento em solo estrangeiro⁵. A comunhão de esforços também permite que os *Marabus*, líderes religiosos *mourides*, se desloquem até os países com comunidades senegalesas de maior vulto para celebrações islâmicas⁶, o que representa uma distinção no mercado de bens simbólicos dessa rede religiosa.

Ao longo deste item, procuramos mapear os fatores sócio-históricos que constituíram a “cultura emigratória” senegalesa e que também são os responsáveis pela formação e manutenção da rede migratória daqueles indivíduos que estão em diáspora. A rede migratória compreende um intercâmbio de informações e também, por vezes, de auxílio material entre aqueles que ficam, aqueles que foram e os que estão em trânsito, vinculados por laços consanguíneos, de amizade, ou apenas compatriotas (TRUZZI, 2008). As redes migratórias das comunidades senegalesas se mostram extremamente coesas e fundamentais para o sucesso do projeto migratório. Esse processo do trânsito será o tema do próximo subcapítulo.

3.2 DESTINO: BRASIL. ENTRE TRAJETÓRIAS, REDES E SONHOS

A possibilidade de migrar para o Brasil se tornou mais plausível para os senegaleses a partir dos anos de 2010, quando o país passou a compor a lista de destinos atrativos para migrantes internacionais em busca de trabalho. Tedesco (2017) aponta que o crescimento econômico ao longo dos anos 2000, a aproximação do Brasil com países do continente africano ao longo dos governos Lula (2003 a 2006 e 2007 a 2010) em conjunto com o endurecimento de

⁵ Como ocorreu em 2016 em Caxias do Sul:

<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2016/02/corpo-de-senegales-morto-em-caxias-deve-chegar-ao-pais-de-origem-no-fim-da-semana-4985513.html>. Acesso em: 09 jul. 2018.

⁶ Também ocorrido em Caxias do Sul, em 2015: <http://www.radiocaxias.com.br/portal/noticias/lider-religioso-mulcumano-do-senegal-palestra-neste-sabado-em-caxias-48273>. Acesso em: 09 jul. 2018.

leis anti-imigração em destinos tradicionais, como Estados Unidos e países da Europa, são fatores que contribuíram significativamente para o “novo” fluxo migratório. O pesquisador traz ainda um quadro elencando os principais motivos declarados por senegaleses para a escolha do Brasil para imigrar, sendo os principais: “tem trabalho” com 32% das respostas; “país grande” com 26%; “país rico” com 9%; “amigos” com 9% e “curiosidade” com 8%, dentre outros (TEDESCO, 2017, p. 316).

Por se tratar de um fluxo migratório tipicamente laboral (HERÉDIA; PANDOLFI, 2015), não surpreende que o Brasil tenha se tornado destino, já que nesse período representava a possibilidade de realização do sonho do sucesso econômico. Um dos entrevistados, por exemplo, havia tratado com um amigo para ir à China na época em que decidiu vir para o Brasil, planejava comprar mercadorias para revendê-las, entretanto diante da dificuldade para obtenção de documentação para a viagem à Ásia, mudou de ideia:

[...] ele diz que ele tem como, eu diz pra ele que eu não vou conseguir mais trabalho na meu loja, mas eu pensa, ele diz que ele tem uma receita pra mim emigrar aqui no Brasil, ele conhece bastante senegalês que são aqui no Brasil, eles ganham salário do... do... como ele diz, vai dar quanto em reais... hm... um salário de cinco mil reais por mês, ele me diz que conhece bastante senegalês que som pra Brasil ganhando cinco mil, eu diz "Ah, então eu vou lá!" (risos). (Entrevistado S11)

Antes de decidir de vir para o Brasil, ele relatou ter gastado o equivalente a R\$ 10 mil na tentativa de obter documentos para ir à China, porém sem sucesso. Esse conhecido do entrevistado, que aparentemente atuava como uma espécie de atravessador para viagens internacionais, ainda lhe cobrou mais o equivalente a R\$ 5 mil para “aprontar” o necessário para a empreitada até o Brasil, sob a promessa de um grande retorno financeiro e vasta oferta de trabalho.

Eu não quero mais ir no China, ele tem que me arrumar como, ele também pediu mais dinheiro, mas eu disse que se eu ganhar cinco mil por mês eu faço dois anos, três anos eu posso voltar, juntar dinheiro pra continuar meu trabalho, e...e assim que eu fui conversar com minha mãe que eu queria viajar pro Brasil, ela também não queria que eu vim, tá, ela não, não queria que eu sair de lá, ela diz "não tem que ficar com os teus..." eu disse "não, mãe, eu quero mais dinheiro, eu quero te ajudar, eu quero comprar casa nova, eu quero te levar pra Meca" lá que religião muçulmana tem que ir quando tem dinheiro e...eu quero, diz "quero deixo muita coisa pra você, porque eu sou mais velho, eu tenho que ajudar meus irmãos, eu tenho que viajar mas só por um motivo, é de trabalho, eu nunca conhecer Brasil, mas quando chego lá tem, fica tranquila que eu não vou fazer nada, só trabalhar" (Entrevistado S11)

Em outro relato, vê-se como a opção de migrar para o Brasil estava disseminada dentre as informações da rede migratória como possibilidade de grandes retornos financeiros, muito

mais prósperos do que aqueles disponíveis no Senegal. Essa perspectiva fomentou a tomada de decisões que, por vezes, mobilizavam todos os setores da vida do indivíduo, bem como seu projeto de futuro:

[...] eu tenho um atelier lá no Senegal, tenho um grande atelier lá, tenho os funcionários também, mas, lá é difícil trabalhar, se quiser pagar conta de luz, os funcionários, as coisas, aí eu sozinho não consegui, daí eu já vender meu material, juntar meu dinheiro e vim aqui no Brasil [...]. (Entrevistado S1)

As falas dos informantes refletem o sentimento de grande parte dos demais interlocutores, que viram na emigração a possibilidade de cumprir sua expectativa pessoal de realização e sucesso, ao mesmo tempo que compõem a estratégia familiar de subsistência e desenvolvimento. Nesse contexto, o Brasil não está isolado no projeto migratório da comunidade senegalesa como alternativa internacional para o trabalho, mas é necessário perceber que se tornou possibilidade com perspectiva de grande retorno financeiro para aqueles que podiam investir no projeto e tinham redes migratórias (TRUZZI, 2008) minimamente formadas para apoiá-los.

Nesse cenário, os deslocamentos para países próximos, ainda dentro da África, representam um número mais expressivo do que as migrações internacionais de longo percurso (SAKHO *et al.*, 2015). O relato do entrevistado S5 segue a mesma linha do anterior quando questionado sobre como decidiu vir para o Brasil e também evidencia a habitualidade com que migrações estão inseridas nos projetos de vida desses indivíduos:

Foi uma questão de três dias, três dias. Eu tava na Maurîtânia como eu te falei, foi lá por um mês para comprar algumas coisas, eu trabalhei como mecânico lá, eu saia nos outros país para comprar peça do carro, que são caro que não tem muito lá, para trazer lá para... hã, os carros que eu faço. Então, conversei com minha mãe que tinha hã... um tio que viaja também pelo mundo afora, então, ali, ali que surgiu ideia do Brasil, foi que tá preparando Copa do Mundo, as Olimpíadas, então meu tio "ah, por que ele não vai pro Brasil? Tem muito que tão indo no Brasil e lá tem muita trabalho, pode ficar só pouco tempo e depois volta" a minha mãe me ligou pedindo o que que eu achei, falei "Ah, Brasil eu não conheço nada" pra mim Brasil era uma cidade pequeninha do tamanho do Caxias do Sul, engraçado né (risos). (Entrevistado S5)

Dessa forma, percebe-se como as informações disponibilizadas pelas redes migratórias são determinantes na formulação da estratégia para o projeto migratório. Conforme se pode observar na fala do interlocutor S5, que não tinha qualquer informação acerca do Brasil, mas que, diante da sugestão de um familiar, se sente encorajado a enfrentar o desconhecido. No

mesmo sentido, o entrevistado S7 relatou que já viajava com frequência para outros países mais próximos do Senegal trabalhando como comerciante e a decisão de emigrar para outro continente se desenvolveu a partir dos relatos de terceiros que davam conta de condições muito favoráveis em relação àquelas que vivia em seu contexto:

Olha, o que me motivou a sair do Senegal foi várias viagens que eu já fui, entendeu, aí quando voltei de uma viagem que eu já fui e...conversei com um amigo meu, a gente falou sobre o Brasil, entendeu, sobre principalmente a Copa do Mundo, isso também incentivou um pouco, aí a gente, o Senegal é um país que curte futebol e tava falando de futebol, ah a próxima Copa do Mundo é Brasil, Brasil, comecei a dar uma pesquisada, então, pela propaganda de boca a boca, a gente falava que no Brasil o...as leis trabalhistas são muito favorecidas ao trabalhador; que o cara que trabalha ganha muito bem entendeu, aí a gente começou a se interessar né, geralmente quem sabe a história da África, sabe que África é um continente que tá muito demorado né em termos de crescimento econômico né, o que acontece, tem jovens que são formados e tudo, mas para se encaixar no mercado de trabalho dentro da África tá saturado, tá muito apertado, geralmente não tem e...a demanda é maior que a oferta, então vários jovens saem da África pelo resto do mundo pra achar alguma coisa que fazer, então isto foi o motivo de eu vir pro Brasil, para primeiramente ver se eu poderia achar alguma coisa interessante, aí veio assim, achando também que é um país maravilhoso para viver e trabalhar bem (risos)[...]. (Entrevistado S7)

A promessa de oportunidades de trabalho com boa remuneração é difundida através de uma rede de informações que envolve os emigrantes já em diáspora, familiares, amigos e conhecidos, chamada rede migratória (TRUZZI, 2008), que também pode ser definida como:

[...] agrupamentos de indivíduos que mantêm contatos recorrentes entre si, por meio de laços ocupacionais, familiares, culturais ou afetivos. Além disso, são formações complexas que canalizam, filtram e interpretam informações, articulando significados, alocando recursos e controlando comportamentos. (KELLY apud TRUZZI, 2008, p. 203)

As redes migratórias são fontes de informação extremamente relevantes para a decisão de emigrar e mais ainda, para onde emigrar. Boa parte dos entrevistados relatou que a opção pelo Brasil se consolidou a partir de informações de outras pessoas sobre comunidades senegalesas já instaladas aqui e cujos migrantes tinham relatos de sucesso em seu projeto, como também podemos observar nesses trechos de entrevistas:

Ah, meu irmão, que chegou aqui primeiro, foi em dois mil e treze, aí quando eu conversei com ele, ele falou "vem aqui, tem trabalho, tu vai conseguir trabalhar e mudar tua vida" e foi aí que ele me ligou e falou as coisas, daí eu disse pra minha família "Eu vou pro Brasil pra ver o que que vai dar". (Entrevistado S1)

[...] não, eu fica lá com meu irmão, junto com meu irmão e...meu irmão tem...amigo

dele tá lá há muito tempo, ele fala pra ele Brasil é uma país muito legal, muito bom, tem serviço pra trabalhar e meu irmão me fala "tá bom, tá bom, vai, agora vai, vai Caxias acho que vai melhor pra ti" eu falo "tá bom" depois comprou passagem e vai viajando [...]. (Entrevistado S10)

Ademais, as redes agem garantindo recursos diversos ao indivíduo no momento da chegada ao país estrangeiro, quando não existe domínio sobre o idioma, ou mesmo conhecimento sobre direitos e meios de acesso aos serviços básicos ofertados à população. Dessa forma, mesmo sem saber falar português, o migrante que integra essa rede se vê numa situação mais confortável, conforme é possível observar nas respostas dos entrevistados após o questionamento sobre a decisão de emigrar:

Olha, quando eu cheguei do Senegal...eu conhecia alguém que sabia, que eu te contei que eu ia viajar pro Brasil coisas assim, mas ele tinha um contato aqui no Brasil e daí ele disse pra mim "ah, eu tenho um contato pro Brasil, um amigo que mora em São Paulo, eu posso colocar vocês em contato né" e daí me deu o número do cara, que eu liguei desde o Senegal, falei "ah eu tô indo pro Brasil, mas você, eu queria só alguém que me, sabe, que vai me encaminhar, que vai mostrar as coisas" ele fala "ah, tudo bem, não tem problema" só que assim, o cara não podia me acompanhar em tudo né, entendeu, ele podia ir no aeroporto me pegar, o que que ele fez? Quando eu cheguei, ele já tava no aeroporto me esperando e me levou na casa dele e a primeira noite em São Paulo eu passei lá com ele, viu, e daí no dia seguinte ele deixou o trabalho dele, que eu tô agradecendo até hoje, viu, deixou tudo o que que ele fazia daí ficou o tempo todo comigo, me mostrando a cidade, me falando das coisas como é que acontecia, me leva pra cá, pra lá e enfim [...]. (Entrevistado S3)

Mesmo que a frequência da chegada de senegaleses em Caxias do Sul tenha diminuído muito nos últimos anos em função da crise econômica e da redução na oferta de empregos, algo que foi mencionado em quase todas as entrevistas, ou seja, a presença de uma comunidade bem estabelecida na cidade, ainda exerce função de atração para a região. Truzzi (2008) apontava que redes migratórias bem estabelecidas, que se mantêm e se expandem também no país de destino, podem manter o fluxo migratório apesar de condições socioeconômicas adversas. Sendo assim, é evidente que o fluxo senegalês ao Brasil diminuiu drasticamente, contudo essa porta não está completamente fechada, e a rede de informações ainda aponta possibilidades no Brasil, como podemos observar nas respostas dos entrevistados quando questiono se eles têm intenção de sugerir a parentes ou amigos que façam o mesmo percurso:

Sim, ele [irmão do entrevistado] me fala "quando tu tem uma vista, eu quero ir aí" eu disse pra ele "tranquilo" eu quer trazer ele aqui, trazer ele [...] Não, não eu quero trazer ele. [...] Eu quero trazer ele, quando eu cheguei aqui em dois mil e quatorze eu nunca pensei em trazer minha família aqui porque tava difícil, difícil, difícil, mas graças a deus, a gente conseguir as lutando as coisas, daí eu gostaria de trazer ele aqui. (Entrevistado S1)

Veio, eu chamei ele [irmão do entrevistado] porque eu precisava de alguém pra me ajudar no que que eu montava e ele veio e ele tá aqui há quase dois anos. [...] Não, ele é mais velho, o mais novo era eu. (Entrevistado S3)

A decisão de emigrar para o Brasil envolve também a elaboração de uma estratégia de ingresso no país diante da exigência de visto para senegaleses e a possibilidade de deportação caso esse documento não seja obtido. A possibilidade da emissão de um visto para trabalho⁷, que seria a alternativa mais adequada, não era viável para esses indivíduos, pois em todos os casos entrevistados, assim como na revisão da literatura (HERÉDIA; PANDOLFI, 2015; HERÉDIA; TEDESCO, 2015; RANGEL, 2015; MOCELLIN, 2017), os imigrantes não haviam firmado contrato prévio de trabalho, o que lhes permitiria o ingresso no país. Sendo assim, a estratégia comum foi o protocolo de refúgio:

Daí, porque não tinha, hã, como vou te explicar, não tinha outro papel pra gente dava aqui né, se não for o protocolo de refúgio, tu já chegava na Polícia Federal, primeira coisa que eles fazem é te dar um protocolo de refugiado, sem perguntar, entendeu, tudo, tudo que chegava de fora ficava no mesmo status de refugiado, mas na verdade, hã, o senegalês não é refugiado mesmo, entendeu, porque não tem nenhum conflito, nenhum problema no nosso país, mas eles davam refugiado pra todo mundo [...]. (Entrevistado S3)

A estratégia ficou consolidada neste fluxo migratório, tanto que no período de 2010-2014 o Senegal foi o país com maior número de solicitantes de refúgio no Brasil, apesar de não obterem êxito na solicitação (ONU, 2014). O trajeto mais comum do percurso se iniciava no Senegal com uma primeira parada na Espanha ou no Marrocos e seguia até o Equador, que não exigia visto de entrada para senegaleses, de lá os imigrantes seguiam de ônibus até o Acre, passando por Peru e Bolívia. Além desse caminho, foram registrados também ingressos através da Argentina após uma primeira escala no Equador ou ainda diretamente da Europa para São Paulo ou Rio de Janeiro, variando geralmente de acordo com a ação de coiotes ou com as condições econômicas do migrante (UEBEL, 2017).

As trajetórias foram variadas entre os interlocutores, sendo que quase todas as rotas presentes na revisão da literatura foram citadas, como poderá ser observado no quadro 4, na sequência. A ação de grupos de atravessadores também foi uma constante nos relatos, o

⁷ No período de ápice da imigração senegalesa, ainda era vigente o Estatuto do Estrangeiro, Lei 6.815/1980, criada durante a Ditadura Militar, de caráter excessivamente zeloso quanto à admissão do ingresso no país e que limitava as possibilidades de concessão de visto temporário no país, por razões de trabalho, turismo, desportismo, entre outras não aplicáveis.

que refletia em um percurso incerto e que frequentemente resultava em abusos e violações diversas:

[...] esses cara me, continua, que eu consegui uma visto de Equador, não consegui visto de Brasil, mas consegui visto de Equador; saiu de lá do Senegal até Equador; Equador eu faz cinco dia lá num hotel, lá, não sei como eles tem contato com, com, eles que mandam os convite de lá, pra gente vim, mesmo pra vistar e nós temos visto de quinze dia pra visitar no Equador, faz cinco dia que eles me bota no ônibus.. pra eu vim aqui no Brasil, mas quando eu sai do Senegal esse cara não me falou "não tenho visto de Brasil" ele diz que eu vou sair do Senegal pro Brasil e eu fico, passo na Espanha, fico um intervalo de quase um dia na Espanha, depois da Espanha, Equador, depois eu fico cinco dia, quando eu chego no Equador alguém me busca no aeroporto que me leva numa hotel, nós ficou lá cinco dia, depois que eles nos bota num ônibus pra... passar Peru, Peru é um país grande, atravessa Peru, Lima a cidade, passa Bolívia, até entra no[...] Acre, Norte de Brasil, lá tem uma campo que a gente, muitos senegaleses passou lá, os haitiano, eu acho que os governo de Brasil abriu pros haitiano, pros...porque lá que tem fronteira, eles abriu fronteira, mas como senegalês são de mesmo cor que haitiano ninguém vai conhecer nós, nós esconde tudo os nosso documento e...ficou... é muito difícil, nós passa no mato, ficou atrás dos carro, lá no mala, eles botou os coisa, os mochila, eles me esconde lá pra atravessar os polícia e ninguém viu e quando chegamos no Acre tudo bem, nós passou também por Bolívia, só que tem uns problema no Porto Maldonado que os polícia pegou nós, se tu tem roupa bonita eles pega, celular pega, dinheiro, dólar pega, tudo de nós[...] Na Bolívia, hã... no Porto Maldonado, fronteira, acho que é fronteira do... do Porto Maldonado faz parte do Peru, Porto Maldonado faz parte do Peru e lá tem os polícia muito braba, pegou nós, se tu tem... revista. Qualquer lugar que tu botou teu dinheiro eles pega, porque quando nós sair de Senegal todo nosso dinheiro era dólar e os polícia quando eles viu os dólar eles pegou tudo, mas quando nós chegamos no campo do Acre lá tudo bem, nós ficou livre, tem um que vai nos dar comida de manhã, almoço, café, almoço, janta e nós foi lá pra fazer ficha e nos dá os papel pra preencher e nós preenche tudo e nós esperando os Polícia Federal pra conseguir CPF e essas coisa, mas, lá nós tava mais de quinhentos pessoa, senegalês e haitiano no campo do Acre, um monte de pessoa e os senegaleses e os haitianos não tava muito bem, tão sempre brigando pra pegar comida [...]. (Entrevistado S11)

No relato desse entrevistado, percebemos as condições precárias de ingresso no país a que esses indivíduos ficam sujeitos, inclusive sem ter clareza quanto a sua condição ao adentrar no Brasil. Percebe-se a atuação de grupos organizados de atravessadores que lucram sobre a condição de vulnerabilidade a que os migrantes se encontram, não obstante é necessário salientar que tal exploração só é possível com a complacência de agentes públicos brasileiros, que igualmente se valem de seu poder para abusar desses sujeitos. Necessário ainda observar como o entrevistado S11 menciona em seu relato que também havia grande quantidade de imigrantes haitianos que utilizavam a rota de entrada pelo Acre e que o fato de haitianos e senegaleses serem pretos lhes dificultava a diferenciação diante da essencialização racista de “imigrantes negros”. Os relatos sobre os percalços vividos para ingressar no Brasil também estiveram presentes na fala do entrevistado S4, tratando das condições degradantes a que os

submetiam os atravessadores:

Não, eu fui...eu viajando lá no Senegal, Espanha, depois Espanha a gente foi lá no Equador; Equador, mas depois a gente pega o ônibus, pega o ônibus... entendeu, sofrendo bastante por causa disso, mas a gente foi no lugar de... qual é o nome do lugar... Acre! [...] A gente fica lá Acre, mas a gente conseguir protocolo tudo as coisas, depois a gente foi pro São Paulo, fica lá na São Paulo casa de um amigo quinze dias, depois eu tô aqui [...] Mas na verdade eu não tenho regra pra entrar aqui Brasil, não tem visa, mas Senegal e Equador antes não precisa visa, só compra passagem, tem passaporte, depois chego lá tem bastante pessoa que trabalha lá.. Se você paga dinheiro a gente traz pelo Acre, só isso [...]. (Entrevistado S4)

Fosse através de agenciadores ou por conta própria, os percursos costumavam passar pelas grandes metrópoles como Rio de Janeiro e São Paulo, como podemos observar no quadro 4, onde os imigrantes obtinham informações sobre destinos com maior oferta de trabalho através de suas redes migratórias. Alguns já tinham estabelecido contato prévio com algum membro de sua rede nessas cidades e com isso conseguiam uma casa onde ficar e mais informações sobre as possibilidades de trabalho dentro do Brasil. Em alguns relatos, as grandes cidades, como São Paulo, Rio de Janeiro e até Porto Alegre, eram associadas ao comércio ambulante, uma vida movimentada em metrópoles de grande porte, algo que não era desejável aos entrevistados. Por outro lado, Caxias do Sul, sobretudo até meados de 2015, tinha a fama de oferecer muitos postos de trabalho formais, principalmente no setor industrial, o que aparentemente refletia a expectativa da jornada migratória com a possibilidade de trabalhar muito e acumular quantias mais significativas de recursos.

[...] passei por São Paulo primeiro e fiquei alguns dias, mas eu não me contentei muito com o tipo de vida que a gente faz lá né, é uma cidade muito movimentada, não tá nada calmo e... tipo, eu sou muito de tipo que não sai sabe, que prefiro ir trabalhar, ficar em casa e... não gostei muito né e...também a maioria das pessoas que eu achei lá eles não trabalhavam, eles trabalhavam só com vendas sabe e o que eu desejava não era isso sabe, era ter alguma coisa, coisas assim ó e... alguém que conhecia, a gente comentou sobre isso e daí ele disse pra mim que tinha uma cidade boa ali no Sul, que tava oferecendo oportunidade, que tinha bastante trabalho, até faltava mão de obra e daí eu perguntei qual seria essa cidade e daí ele me disse que é Caxias do Sul né, ele me explicou tudo certinho e daí no mesmo dia eu peguei as malas e me mandei pra cá [...]. (Entrevistado S3)

[...] a gente veio no Rio de Janeiro encontrei um amigo lá, ele me falou sobre custo de vida tudo, tudo mais alto né de uma forma geral e comentou comigo "olha, tem senegaleses que vem aqui mas eles aproveitam aí no Sul do Brasil onde eles encontram trabalho bem mais rápido e o custo de vida também bem mais baixo" aí na conversa falei "então tá eu vou lá" e comprou, a gente foi na rodoviária, ele comprou passagem pra mim já que não falava português aí veio pra Caxias do Sul, aí daqui, um mês, dois meses depois eu arrumei um trabalho na Random, então a chegada foi isto, foi que todo mundo falava de Caxias do

Sul, que é um polo industrial, onde a pessoa pode achar um trabalho bem rápido.
(Entrevistado S7)

Em outros casos, percebemos que a rede migratória do interlocutor já estava constituída em Caxias do Sul, como no caso do entrevistado S11, o que lhe garantia mais segurança de ter o suporte necessário para a chegada na cidade. Também houve migrantes cujos relatos colhidos de sua rede migratória davam conta de uma comunidade senegalesa bem estabelecida e coesa no município, o que também lhes encorajava a seguir rumo ao sul do Brasil, como no caso do entrevistado S2:

Sim, é... quando eu chego em São Paulo eu conheço algum senegalês que tava aqui no... meu parente, que tá aqui no Caxias do Sul, eu fui na rodoviária, eu não entendi nada português, mas graças a deus, eu vi senegalês que conseguiu ajuda pra comprar passagem de Caxias, leva nós até no ônibus que veio aqui em Caxias, eu cheguei aqui em Caxias em, final, em... início de dois mil e quatorze, início de abril de dois mil e quatorze eu chego aqui em Caxias [...]. (Entrevistado S11)

[...] antes que eu foi pra aqui na verdade não conhecia ninguém aqui, mas até acredito que se eu vou lá no Caxias eles vai me ajudar, tenho certeza que vou encontrar alguém, mas tem uma coisa que eu não consegui esquecer... Primeiro dia que eu cheguei aqui sentado lá na praça tava muito frio! [...]. Um amigo me falou sempre aqui tem bastante senegalês, se você tá lá na praça e esperar um pouco os senegaleses estão passando, se você vê uma preto pode perguntar [...]. (Entrevistado S2)

Neste ponto, é necessário frisar que as percepções dos interlocutores quanto às vantagens oferecidas pelo município de Caxias do sul são características do recorte estudado, principalmente porque nenhum dos entrevistados exercia a atividade de comércio ambulante à época das entrevistas. Alguns de nossos informantes chegaram a exercer essas atividades em um período entre empregos como alternativa de sobrevivência, contudo, em linhas gerais, como se observa no quadro 2, trata-se de profissionais liberais, pequenos empresários ou empregados formais. Ademais, a expectativa das possibilidades e os desejos quando da escolha por uma cidade podem variar de acordo com o município escolhido e a trajetória do próprio indivíduo, entretanto, uma vez que o objetivo desta pesquisa é analisar justamente as peculiaridades da comunidade senegalesa em Caxias do Sul, acredito que tenhamos conseguido abarcar satisfatoriamente esse recorte. Conforme dito anteriormente, apesar de haver uma pluralidade de rotas adotadas pelos informantes, o ponto comum foi o protocolo de refúgio e o uso de redes migratórias. Atribuimos essa pluralidade às particularidades de cada história de vida e ao período em que se deu a migração.

Quadro 4 - Trajetórias dos entrevistados.

ENTREVISTADOS	PERCURSO ATÉ CAXIAS DO SUL	SITUAÇÃO NO BRASIL
S1	Senegal – Equador – Peru e Bolívia (de ônibus) – Brasil (Acre) – Brasília – São Paulo (de avião) – Porto Alegre – Caxias do Sul	Protocolo de refúgio
S2	Senegal – Brasil (Goiânia/GO) – São Paulo – Bahia – Paraná – Caxias do Sul	Protocolo de refúgio
S3	Senegal – Brasil (São Paulo) – Caxias do Sul	Visto de residência
S4	Senegal – Espanha – Equador – Peru – Bolívia(de ônibus) – Brasil (Acre) – São Paulo – Caxias do Sul	Protocolo de refúgio
S5	Senegal – Brasil (Campo Grande/MS) -São Paulo (de ônibus) – Caxias do Sul	Visto de residência
S6	Senegal – Brasil (Rio de Janeiro) – Caxias do Sul	Visto de residência
S7	Senegal – Brasil (Rio de Janeiro) – Caxias do Sul	Visto de residência
S8	Senegal – Brasil (Fortaleza/CE) – São Paulo – Passo Fundo – Caxias do Sul	Visto de residência
S9	Senegal – Brasil (São Paulo) – Uberaba – Paraná - Caxias do Sul	Visto de residência
S10	Senegal – Argentina – Brasil (Caxias do Sul)	Visto de residência
S11	Senegal – Equador – Peru – Bolívia (de ônibus) – Brasil (Acre) – Porto Velho (de avião) – São Paulo (de ônibus) – Caxias do Sul	Protocolo de refúgio

Para uma compreensão mais detalhada da importância da rede migratória na trajetória de cada entrevistado, acredito ser necessária uma avaliação individual de como ela foi acionada e por quem era composta, por isso cada relato da trajetória foi resumido a partir de suas características principais:

O entrevistado S1 já trabalhava como costureiro no Senegal, relatou possuir uma loja na qual empregava alguns funcionários, entretanto enfrentava dificuldades para manter sua atividade e ascender economicamente, por isso o convite de seu irmão, já residente em Caxias do Sul, surgiu como oportunidade para “mudar sua vida”. Esse informante se deslocou com

o auxílio de agenciadores e sua rede migratória foi mais importante na chegada à cidade, pois lhe garantiu moradia, facilitou sua ambientação e o aprendizado do português.

A trajetória do informante S2 é muito particular e sua entrevista foi um tanto superficial, o que atribuo à sua dificuldade em se expressar em português. Ele narrou que trabalhava como artista plástico e dançarino no Senegal e veio ao Brasil inicialmente para se apresentar em um festival em Goiânia, contudo, um desentendimento com um dos membros de seu grupo fez com que ficasse desamparado e sem recursos, sem possibilidades de retorno a seu país. Diante dessa situação passou por algumas cidades junto com outros membros de seu grupo artístico até chegar, por fim, a Caxias do Sul, também para “buscar uma vida melhor”. Inicialmente disse que não tinha intenção de permanecer no Brasil, mas ficou em virtude do revés que sofreu. Não foi possível perceber quanto da narrativa do entrevistado foi adaptada como uma estratégia para migrar, pois ele demonstrou intenção de continuar no Brasil a longo prazo e eventualmente incentivar a vinda de outros membros de sua família.

O entrevistado S3 não especificou quem eram os membros de sua rede ao emigrar, contudo referiu conselhos de um “conhecido” quando chegou a São Paulo sobre boas perspectivas de trabalho em Caxias do Sul. Sua vinda para o Brasil teve início com membros da Embaixada brasileira no Senegal quando prestava serviços de técnico em informática a esse órgão. Lá, aparentemente, lhe foi facilitado o acesso a um visto de turista que posteriormente se converteu em protocolo de refúgio quando chegou ao país.

O informante S4 realizou o trajeto mais longo, passando pela Espanha e entrando na América do Sul pelo Equador, posteriormente realizou o trajeto entre Peru, Bolívia, São Paulo e Caxias do Sul por meio de ônibus. Ele migrou através da ação de agenciadores e não forneceu maiores detalhes sobre sua permanência em São Paulo e a decisão de se dirigir a Caxias do Sul. Sua rede migratória não estava pré-constituída na cidade, ele relatou que ao chegar na rodoviária municipal se dirigiu à praça central da cidade onde aguardou até que avistasse outro senegalês para pedir ajuda. Dessa forma, percebemos que, apesar de o próprio migrante não estar inserido em uma rede migratória previamente, a existência de uma comunidade de senegaleses com grande coesão pode suplantar essa carência e se constituir enquanto rede quase que imediatamente em função da nacionalidade de seus membros.

O entrevistado S5 chegou ao Brasil diretamente através da cidade de Campo Grande e posteriormente se dirigiu a São Paulo através de ônibus, uma rota pouco provável que não foi explicada em maiores detalhes. Entretanto, tendo em vista que seu projeto de emigrar foi planejado em um curto espaço de tempo através de uma rede familiar bem constituída,

atribuiremos esse fato à casualidade e à conveniência econômica da época. Em São Paulo, ele permaneceu por um curto espaço de tempo junto a um amigo de um familiar, quando optou por se dirigir para o Sul. Em Caxias do Sul, sua rede já estava articulada, também com um conhecido de um familiar, que lhe garantiu moradia e facilitou sua ambientação num período inicial.

O percurso da entrevistada S6 também é peculiar. Ela faz parte de uma segunda etapa do fluxo migratório, pois veio ao Brasil para se unir a seu marido que havia imigrado anteriormente. Por isso, sua rede migratória já estava consolidada pela presença prévia de seu esposo, o que lhe garantia o suporte necessário para a chegada e os períodos iniciais de ambientação. A entrevistada ainda relatou a estratégia adotada para garantir um visto permanente, que foi ter um filho no Brasil junto de seu esposo.

O informante S7 se valeu de maneira significativa de sua rede migratória, tanto na decisão de emigrar quanto no período de chegada no Brasil, primeiramente por alguns dias em São Paulo e depois se dirigindo a Caxias do Sul. Nas duas cidades, foi recebido por conhecidos e por parentes, em cuja moradia pôde permanecer durante a ambientação. O entrevistado S8 é um dos que está no Brasil há mais tempo, talvez por isso sua trajetória no Sul tenha se iniciado por Passo Fundo, onde, à época, havia uma rede social minimamente estruturada que lhe garantiu moradia e auxiliou no aprendizado do português. Seu relato sobre esse período não foi muito aprofundado, entretanto informou que em Passo Fundo foi acolhido por uma casa chamada “Mama África”, mantida por uma senegalesa, onde permaneceu por alguns meses. Depois desse período, recebeu proposta de uma empresa frigorífica para trabalhar em Caxias do Sul junto com outros senegaleses que já haviam se tornado seus amigos e permaneciam assim até a época da entrevista.

O informante S9 também é um dos que está no Brasil há mais tempo, entretanto em sua narrativa descreveu o processo como “fácil”, pois um de seus irmãos já estava no Brasil, em Uberaba/MG mais especificamente, e lhe garantiu moradia num primeiro momento. O deslocamento para Caxias do Sul se deu de maneira natural de acordo com a narrativa, já que ele iniciou seu trabalho por conta própria na mesma atividade que exercia no Senegal: comunicação visual.

O entrevistado S10 chegou à América do Sul diretamente através da Argentina, onde fixou moradia por alguns meses junto de seu irmão, que também foi o responsável por indicar a cidade de Caxias do Sul como destino. O trânsito até essa cidade não foi pormenorizado durante a entrevista, contudo foi possível constatar que a rede migratória do informante não era

estabelecida nesse local, por isso ele foi acolhido por profissionais do CAM num primeiro momento.

O informante S11 se deslocou até o Brasil através de agenciadores, fazendo o trajeto entre Equador, Peru e Bolívia para posteriormente chegar ao Acre e se dirigir até São Paulo, onde obteve ajuda de outro senegalês para comprar uma passagem de ônibus para Caxias do Sul, onde um conhecido já lhe esperava. Nesse caso, apesar de a rede não ter garantido todas as etapas do processo migratório, foi determinante para um acolhimento facilitado no município de destino.

Depois de expor as trajetórias e as estratégias migratórias de cada um dos informantes foi possível chegar a pelo menos três conclusões:

1ª - Apesar de haver rotas tradicionais, como foi apontado por Uebel (2017), a exemplo da entrada na América do Sul através do Equador, outras opções podem ser improvisadas a partir de situações particulares. No caso desta pesquisa, dentre os onze entrevistados, apenas três deles utilizaram a rota através do Equador, os demais fizeram trajetos que chegaram diretamente ao Brasil por meio de via aérea, exceto o entrevistado S10 que foi primeiro à Argentina. Atribuiremos, de forma provisória, essa variação às contingências particulares de cada indivíduo e ao capital de que dispunham para investir na empreitada, seja ele financeiro ou simbólico, como uma rede migratória bem constituída, por exemplo. Ademais, as entrevistas não se propunham a ser uma amostra representativa estatisticamente, o seu objetivo não era este, mas sim apresentar estudos de casos específicos a partir dos agentes coletivos da comunidade senegalesa, por isso não nos deteremos em formular hipóteses mais complexas para justificar essa variação. Ainda assim, o importante a ser observado é como as rotas se tornam viáveis a partir da capacidade das redes migratórias de cada indivíduo em articularem os meios necessários para o percurso. Em todos os casos, porém, as redes migratórias estavam firmadas por laços pautados na nacionalidade.

2ª - Em todas as histórias narradas, bem como ao longo de toda a revisão da literatura sobre o recente fluxo migratório senegalês, há o recurso do protocolo de refúgio para adequar a sua condição no país aos objetivos almejados com a migração. Tanto nos casos em que os informantes entraram no Brasil de forma absolutamente indocumentada, através da fronteira com a Bolívia, por exemplo, ou nos casos em que obtiveram vistos provisórios, o passo seguinte foi se dirigir a uma cidade em que esse o protocolo de refúgio estivesse sendo aceito pela Polícia Federal. A análise do protocolo é feita pelo CONARE e, devido ao grande volume de pedidos e ao tamanho reduzido desse órgão, a espera costuma levar anos. A prolongada espera pelo visto

permanente gera uma condição instável e insegura para esses indivíduos, que já têm a “provisoriamente” característica do imigrante, como refere Sayad (1998). Classificaremos essa condição como a primeira forma de desrespeito identificada, à luz dos conceitos de “formas de reconhecimento” e “desrespeito”, pois entendo que a necessidade de recorrer a um procedimento burocrático que não corresponde à real condição desses indivíduos (o refúgio) e, principalmente, a instabilidade e a ansiedade geradas pela indefinição em que se encontram, constituem um desrespeito ao reconhecimento jurídico, uma vez que significam a privação de direitos e, portanto, afetam as relações intersubjetivas desses indivíduos.

3ª - Após definir a primeira forma de desrespeito na experiência migratória, proponho também a primeira hipótese quanto à estratégia de reconhecimento utilizada pela comunidade senegalesa: a constituição de redes de solidariedade. A condição legal de comunidades migrantes é um fator de segregação que não está presente exclusivamente no Brasil e justamente por se tratar de uma questão muito ampla e que envolve mudanças legislativas para ser transformada, as estratégias de resistência devem ser consideradas paliativas. As análises das estratégias desenvolvidas serão tratadas propriamente no capítulo 4, contudo é notável como as redes de solidariedade agem de maneira a propiciar, ou ao menos tentar propiciar, a garantia de direitos da comunidade migrante desde o percurso até o estabelecimento no local de destino.

3.3 A VIDA EM CAXIAS DO SUL: NOVOS MIGRANTES NA TERRA DE IMIGRANTES⁸

Neste item abordaremos as trajetórias dos informantes senegaleses a partir de sua chegada a Caxias do Sul, tratando de seus vínculos dentro e fora da comunidade senegalesa, bem como de suas relações de trabalho. Além disso, serão utilizados os relatos dos entrevistados brasileiros para obtermos uma visão mais ampla sobre as experiências vividas pelos membros dessa comunidade junto do restante da cidade. De acordo com Truzzi (2008), redes sociais e redes migratórias são conceitos distintos. A primeira delas é precedente à segunda, pois abarca todos os aspectos das relações mantidas pelo indivíduo, enquanto a outra se limita ao processo migratório. Para mapear essas relações, é determinante compreender como o indivíduo está inserido dentro da rede, qual é a sua posição e a quais recursos ele tem acesso dentro dela. Além

⁸ O subtítulo “novos migrantes na terra de imigrantes” faz referência ao projeto de pesquisa desenvolvido atualmente sobre o fluxo migratório senegalês na Universidade de Caxias do Sul e é alusivo aos paralelos feitos pela comunidade de descendentes de italianos entre elementos da sua identidade e o movimento populacional que estudamos aqui.

disso, o que percebemos ao longo da pesquisa é que as relações existentes nas redes migratórias foram muito significativas para a constituição de redes sociais coesas, ou seja, as relações de solidariedade e comunidade criadas a partir da experiência migratória podem se transformar e se expandir mesmo após os momentos iniciais em Caxias do Sul.

3.3.1 Por entre os laços da rede senegalesa

Para fins de análise, identificaremos como agentes coletivos dentro da rede social as associações ou entidades que mantêm relações próximas com a maior parte da comunidade senegalesa e as quais é possível acionar quando surgem demandas a serem atendidas. Conforme já foi explicitado na seção de metodologia desta dissertação, os principais agentes coletivos são o Centro de Atendimento ao Migrante, a Associação dos Senegaleses em Caxias do Sul e o Coletivo Ser Negão, Senegal, Ser Legal. Em contrapartida, consideraremos como agentes individuais os próprios sujeitos migrantes e alguns eventuais brasileiros que tenham papel relevante dentro da comunidade senegalesa.

Dentro da rede, o CAM é o agente mais antigo e, considerando que sua atividade é totalmente voltada para a prestação de serviços à população migrante em Caxias do Sul, seus funcionários acompanharam esse fluxo desde seu princípio, como narra sua coordenadora:

É, a gente começou a acompanhar a chegada dos senegaleses, assim ó, a gente pegou bem esse movimento tá, o CAM, porque em dois mil e onze, nós não tínhamos nenhum migrante senegalês, dois mil e onze, que tivesse sido atendido no CAM. Aí eu me lembro que tinha o pessoal lá do bairro[...] o pessoal da igreja disse assim "olha, a gente passou lá naquelas casas" porque o frigorífico mantém casas lá né, alojamentos no bairro, então "olha a gente passou no alojamento e a gente viu que tem um grupo de haitianos lá, que estão lá" aí tinha a Irmã Cleci, ela disse que, ela morou uns anos lá na França, fala fluente, fala bastante fluente o francês, ela disse "ah vou lá visitar então" aí ela pegou duas leigas e foi, aí depois ela disse "mas tu sabe, que não eram haitianos nada, eles são do Senegal" e a gente "do Senegal?" (risos) onde é que fica isso meu Deus, que até então, então foi a primeira notícia que a gente teve e eles vieram pra cá num movimento do frigorífico, daí eles tinham se instalado primeiramente em Passo Fundo, aí depois de Passo Fundo vieram pra cá, porque é a mesma empresa, aí criaram uma espécie de, e aí vieram, vieram, esse primeiro grupinho, aí em dois mil e doze, lá por março, abril, começaram a chegar novos, e foram indo pro albergue, aí chegou um ponto que o albergue, assim o albergue tinha capacidade pra trinta e cinco pessoas, daí tinham vinte e cinco lá senegaleses, aí as mulheres lá de cabelo em pé, porque diziam "meu deus do céu!" e não sei o que, e era uma época assim que era tudo novidade, aí ia pra Polícia Federal, então era aquela confusão, Polícia Federal dizia que eles tavam irregular e que iam lá prender todo mundo, eu sei que foi uma confusão assim, mas aí foi nesse período que começou, que começou, aí toda semana chegavam dez, quinze, dez, quinze, teve uma época que daí por conta dessa demanda que o albergue não queria atender [...]. (Entrevistada B3).

Em meados de 2011 e 2012, a rede senegalesa ainda não estava formada de maneira contundente em Caxias do Sul, os primeiros imigrantes que abriram o caminho até então desconhecido para a cidade chegavam através de ofertas de emprego nos frigoríficos locais, como foi relatado pela entrevistada e também como está presente na narrativa do informante S8. Contudo, a notícia de que a cidade tinha carência de mão de obra e oferecia muitas oportunidades se espalhou rapidamente pela rede e reforçou o fluxo.

Ainda assim, essa comunidade não dispunha de recursos capazes de atender as demandas de seus membros, por isso coube ao CAM esse papel. Um grande exemplo foi a chamada “Casa Azul”, uma casa alugada pela Diocese da Igreja Católica de Caxias do Sul junto ao CAM para abrigar provisoriamente os imigrantes senegaleses que chegavam em grande número. Essa casa esteve disponível por cerca de um ano e foi presente na narrativa dos entrevistados S3, S5 e S11 como sua primeira moradia quando chegaram à cidade. Depois que esse espaço foi extinto, surgiu uma outra moradia provisória, dessa vez mantida apenas pela Associação dos Senegaleses em Caxias do Sul e estava presente no relato do entrevistado S4 quando de sua chegada na cidade. A existência desses dois espaços demonstra a atuação dos agentes coletivos constituintes da rede senegalesa na cidade e sua ação enquanto estratégia coletiva frente à ausência de serviços públicos que deveriam garantir direitos básicos à população migrante. Houve ainda casos em que empresas disponibilizaram alojamentos coletivos, sobretudo no início do fluxo, para abrigar seus novos funcionários, como foi o caso dos informantes S8 e S11.

Agora que eu ia te falar também, tá daí depois de um ano, na verdade essa casa a gente fez, a gente alugou também, enfim, fez isso com a Diocese, era um acordo também junto com a Prefeitura, FAS e tal de que no ano seguinte né, como não tava previsto plurianual daquele um ano, não tinha orçamento né pra investir com isso, então no outro ano eles iam deixar um orçamento pra fazer isso, aí a gente deixou a casa alugada por um ano, aí no outro ano mudou a gestão e eles não fizeram e disseram que não, não sei o que e tal e daí tipo, daí acabou deixando né, só que daí depois disso eles já tavam bem mais fortalecidos, já tinha muito mais imigrantes senegaleses, tavam muito mais inseridos no mundo do trabalho e... e antes já tinha alguns aqui né, mas eram poucos, já tinha alguns senegaleses e daí esses aí também começaram a, a aparecer, a nos ajudar e no fim eles foram, eles, né, fizeram com a sua autonomia, a sua Associação e resolveram alugar essa casa que por muito tempo funcionou né, eles alugaram acho que foi uma, daí depois acho que não dava o aluguel aí depois alugaram outra, só que fechou agora né, mas por muito tempo foi boa...e até, porque as pessoas não tinham, ia chegando gente né e não tinha lugar no albergue, Albergue Municipal, então lá era o lugar onde eles, muitas pessoas iam, inclusive imigrantes até de outras nacionalidades [...]. (Entrevistada B9).

Atualmente, as duas casas, aquela mantida pelo CAM e a da Associação, não existem

mais. Elas foram muito importantes no período em que mais imigrantes chegavam diariamente à cidade, mas com o passar do tempo o fluxo diminuiu, e se espalhou pela rede migratória a informação de que a oferta de empregos enfrentava uma “crise” e muitos senegaleses estavam deixando Caxias do Sul ou se dedicando a atividades informais como alternativa de trabalho.

Outro aspecto das transformações decorrentes do processo de adaptação dessa comunidade ao Brasil e à cidade foi apontado pelo entrevistado S8:

Isso, mais por isso que a gente fundaram a associação na verdade, mais por uma ajuda, tipo assim, porque a gente começaram a ver que tava chegando muita gente, daí a gente tem que fazer, que se mobilizar pra não se perder né, tipo assim, já aconteceu vários casos assim que se a gente não tava unido assim não ia tá resolvido, entendeu...então, a gente sempre tentamos assim se resolver e [...] É, na verdade a gente vejo assim ó... quando a gente vai mais, participação sempre pode se dizer que é... não é que eles chegaram de não vai mais fazer... não vai mais participar... mas quando precisa de dinheiro, alguma coisa assim eles junta... só que participação sempre vai diminuir um pouquinho... porque eles tão entendendo mais português, tão arrumando mais amigos... pode dizer, 'ah eu não tô mais dependendo da associação'... entende, sempre tem aquela coisa também né, mas a gente não deixa de fazer, não deixa de chamar todo mundo, entendeu, porque como eu te digo, antes a pessoa tava mais preocupado 'bá, se acon... ah, eu tenho que ir lá mesmo, né... ah eu tô precisando, eu tenho que ir lá, quem sabe eu vou lá vai conseguir uma vaga de trabalho... ah eu vou lá porque quando eu precisa eu ligo e a pessoa de associação vai me ajudar a traduzir lá no trabalho... não, mas agora tá tranquilo, eu tô falando português super bem, já tenho meu documento, acho que não precisa mais eu ir, entendeu? (Entrevistado S8)

A fala do informante aponta para uma mudança no papel atribuído à Associação, que surgiu sob a necessidade quase emergencial de proporcionar condições minimamente adequadas para que os recém-chegados se estabelecessem e pudessem acessar serviços básicos para a regularização de sua situação no Brasil: o protocolo de refúgio, a emissão da Carteira de Trabalho, o CPF e o Cartão do SUS. Entretanto, passados os meses iniciais da chegada a Caxias do Sul, as necessidades dos migrantes se complexificam e se estendem também aos anseios por reconhecimento, seja na forma de igualdade jurídica ou da comunidade de valores. Nesse sentido, a progressiva alteração das demandas dos migrantes também é percebida por outros agentes da rede local, como as profissionais do CAM, o que fica evidente na fala da entrevistada B9:

É, eu diria assim ó, a gente passou um bom período atendendo a demanda que era acolhimento, inserção laboral e documento né, a tríade assim, aí depois foi se constituindo já uma rede entre os migrantes né, então as pessoas já vinham com alguma referência, ah "eu tenho um amigo da mesma cidade, eu tô na casa dele" essa questão talvez então o acolhimento diminuiu um pouco, permanece a dificuldade da documentação que é, e da, e da, e da questão laboral, acho que hoje são as duas demandas mais imediatas assim. Ao mesmo tempo, quem já estava aqui

passou a ter outras demandas, que eu digo, ah, saudade da época que era só conseguir uns ranchos (risos) né, só conseguir uns ranchos, acomodava o pessoal pra lá e tava tudo bem. Ai começaram a surgir outras demandas né, com relação mesmo à integração assim, ah é conflito, é questão de saúde, é uma demanda por querer estudar e às vezes não ter possibilidade, então é uma demanda por reconhecimento né, de respeito [...]. (Entrevistada B9)

Antes da solidificação desse agente, essas demandas eram acompanhadas pelo CAM, talvez por isso hoje percebamos uma conexão muito forte entre os dois agentes: ambos atuam pela garantia de direitos e reconhecimento da comunidade senegalesa, principalmente acessando outros serviços e órgãos públicos através dos laços da rede, como a Prefeitura Municipal, a Câmara de Vereadores, a Defensoria Pública da União, o Ministério Público, o Ministério do Trabalho e a Justiça do Trabalho. Na época em que a oferta de empregos era maior, esses agentes também atuavam de forma semelhante a uma central de vagas e ofertas de empregos, além de, por diversas vezes, intermediarem contratações e relações trabalhistas.

Os outros agentes coletivos identificados, como o Coletivo Ser Legal e o Coletivo Math Art, não existiam no período de fluxo mais intenso para a cidade e, dessa forma, não tiveram participação em atender as demandas da comunidade nesse período inicial, até porque suas atuações não estão voltadas para esse tipo de atividade. É possível fazer uma ressalva, entretanto, quanto às aulas gratuitas de português para imigrantes que são proporcionadas pelo Coletivo Ser Legal. Isso porque a dificuldade de não saber se comunicar em português foi uma constante relatada por todos os informantes e apontada como o grande empecilho no momento de adaptação à vida no Brasil. Inicialmente, o entrevistado S9, idealizador do Coletivo, começou a dar aulas de português através de redes sociais mesmo antes de sua criação, por isso acreditamos que essas aulas contribuíram para a superação da dificuldade de comunicação para muitos migrantes. Ainda atualmente essas aulas ocorrem, hoje, porém, num espaço disponibilizado por uma Faculdade onde a entrevistada B4 é professora, e são ministradas pelas informantes B1 e B2, voluntárias do Coletivo, utilizando material fornecido pela ACNUR/ONU voltado para o ensino de refugiados. Durante as observações, assisti a uma das aulas, mas todos os alunos eram haitianos, logo fica evidente que as aulas não se restringem à comunidade senegalesa. Além disso, esse Coletivo também presta assistência material em caráter emergencial quando acionado, conforme o relato da informante B4. Depreende-se que se trata de uma atividade eventual, vinculada a demandas pontuais e que também não se restringe à comunidade senegalesa:

[...] outra atuação do Coletivo muito significativa é a questão do auxílio emergencial

a algumas coisas que acontecem, por exemplo, teve um casal de senegaleses que foi praticamente despejado do apartamento deles e eles tinham que arrumar outro lugar; sabe, e eles não tinham uma xícara, eles não tinham uma colher, porque eles moravam com outros senegaleses sabe, e eles vieram, daí foram morando com eles e eles tiveram que sair, então a gente ó, começa desde enxoval, aí agora esse mesmo casal tão esperando gêmeos, tá, tá de sete meses, então a gente, eles não, às vezes eu acho que eles não tem muita cultura do que que tantas necessidades que tem sabe e a gente já fez isso com uma outra menina que era aluna de português lá, que ganhou nenê, todo enxoval, berço, fralda, tudo a gente cons, faz campanha, ah, aí por exemplo, esse casal ali, cada um dá cinquenta pila, dá cem pila, sabe, porque...a maioria dos senegaleses eles não gostam de receber ajuda assim, tipo, dinheiro, eles se sentem um pouco humilhados assim, porque eles gostam de se virar por si, não querem dar trabalho pros outros, mas tem casos emergenciais, sabe, teve também outros imigrantes haitianos e tal que daí às vezes precisam de uma cesta básica, daí a gente vai lá compra ou consegue com alguém, consegue com a catequese ali do Murialdo também às vezes os pais doam umas coisas, daí o Coletivo encaminha, aí "ai, uma tá no hospital, caiu" parece que, essa mesma aí, parece que vai perdendo os bebês sabe, eu já saio toda "quem pode ir?" daí eu já saio bem louca lá no Hospital Geral, a achar a mulher lá, não não aconteceu nada só baixou a pressão, tá, daí volta e traz sabe, essas coisas o Coletivo também faz, coisas emergenciais assim. (Entrevistada B4)

As demais atividades do Coletivo Ser Legal e do Math Art são direcionadas à promoção e à divulgação da cultura senegalesa através de exposições de arte⁹ e almoços festivos¹⁰. Percebemos esses eventos como fortalecedores da rede senegalesa já estabelecida na cidade, uma vez que seus frequentadores, em grande medida, são membros de um dos agentes coletivos ou pessoas vinculadas a eles.

3.3.2 “A primeira palavra que eu aprendi em português foi 'trabalho’” - reflexões sobre o trabalhador imigrante

O trecho que dá nome a este item é uma citação da entrevista do informante S4 ao relatar o início de sua vida em Caxias do Sul quando buscava por um emprego. Ela é emblemática porque reflete duas das primeiras demandas surgidas na comunidade senegalesa: a busca por trabalho e a necessidade de aprender português. Esse entrevistado chegou ao Brasil em 2014, momento em que os relatos referiam uma oferta vasta de empregos formais em Caxias do Sul, por isso, para ele, a venda ambulante não era uma opção atrativa. Ele passou por três empresas diferentes antes de um acidente de trabalho mudar sua vida e suas perspectivas de futuro no

⁹ Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/colunistas/siliane-vieira/noticia/2018/05/3por4-africa-e-tema-de-encontro-que-mistura-moda-danca-literatura-e-musica-em-caxias-10334641.html>. Acesso em: 25 jul. 2018.

¹⁰ Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/colunistas/siliane-vieira/noticia/2018/06/3por4-coletivo-ser-legal-promove-almoco-senegales-neste-domingo-em-caxias-10383118.html>. Acesso em: 25 jul. 2018.

Brasil.

Mais do que simplesmente comunicar a necessidade de encontrar um emprego, a frase do informante reflete também a forma encontrada para se inserir na sociedade brasileira e justificar a sua presença ali. Ao dizer que essa foi a primeira palavra aprendida em português, ele também diz que o trabalho foi a maneira através da qual ele conseguiu se comunicar com os brasileiros, que ele passou a cumprir o papel que ele entendia como seu através do trabalho. Ainda que esta não tenha sido efetivamente a sua primeira palavra dita em português, isto não é relevante, pois, de qualquer maneira, ele disse isso em entrevista, escolheu apontar essa questão como fundamental. A reflexão sobre a centralidade do trabalho nesse fluxo migratório remete à definição do imigrante apontada por Sayad (1998):

Qual será então essa definição? Afinal o que é um imigrante? Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito. Em virtude desse princípio, um trabalhador imigrante (sendo que trabalhador e imigrante são, neste caso, quase um pleonasma), mesmo se nasce para a vida (e para a imigração) na imigração, mesmo se é chamado a trabalhar (como imigrante) durante toda a sua vida no país, mesmo se está destinado a morrer (na imigração), como imigrante, continua sendo um trabalhador definido e tratado como provisório, ou seja, revogável a qualquer momento. A estadia autorizada ao imigrante está inteiramente sujeita ao trabalho, única razão de ser que lhe é reconhecida: ser como imigrante primeiro, mas também como homem – sua qualidade de homem estando subordinada à sua condição de migrante. (SAYAD, 1998, p. 55)

A identificação como um “bom trabalhador” é carregada pelos migrantes para justificar seu percurso e sua permanência (SAYAD, 1998), bem como para disputar o reconhecimento no Brasil, como Herédia e Tedesco (2015) identificaram. Esse discurso surgiu algumas vezes ao longo da pesquisa de campo, como no caso do informante S3, que vinculava ao longo de sua fala a aptidão do senegalês ao trabalho e outros atributos distintivos dentro do mercado de bens simbólicos que permeia a disputa pelo reconhecimento.

[...] consegui um emprego graças a deus, numa metalúrgica e comecei a trabalhar lá, fiquei quase um ano e daí... e o trabalho não era algo complicado né, não era fácil, mas também não era complicado e me dediquei muito no que eu fazia e me trocaram o cargo, me deram um cargo maior e eu trabalhava direto também e no mesmo tempo eu consegui outro emprego em cima, que eu trabalhava nove horas, tipo, dezoito horas direto eu trabalhava, dormi só três horas por dia, saía seis horas da manhã de casa e voltava às três horas da manhã. Eu fiquei um ano fazendo aquilo e... nesse ritmo né, eu descansava só às vezes no final de semana e... fiquei um ano fazendo e chegou um momento eu me disse que não, agora já chega de trabalhar pras pessoas, eu posso, eu tenho capacidade, eu tenho, sabe, mente eu tenho projetos e daí posso me virar sozinho, já que pelo menos eu tenho paz agora que eu tô falando português e eu tenho um pouco de dinheiro também eu posso me investir em outra coisa [...] os senegaleses sempre trabalhador, mesmo se ele não conseguir emprego, ele vai fazer de tudo pra ter algo pra fazer, viu, não tem roubo,

não se envolve com venda de droga, viu, não se envolve com nada que pode prejudicar a vida dele, viu, ele pode ficar trabalhando, tipo, de segunda até segunda, sem se preocupar mesmo [...] (Entrevistado S3)

Referimos a “disputa pelo reconhecimento” tanto no sentido determinado por Honneth (2009), de que o reconhecimento pela comunidade de valores se dá através da valorização da individualidade do sujeito, quanto para considerar o reconhecimento como condição privilegiada dentro de uma estrutura hierarquizada, em que é preciso acúmulo de capital simbólico para que possa ser acessada (BOURDIEU, 2009). Quando pensamos nas formas de reconhecimento elencadas por Honneth (2009), a estima social advinda do reconhecimento pela comunidade define a autoestima do indivíduo e é gerada quando as características particulares do sujeito são consideradas dignas e valorosas. Não obstante, ainda que as características atribuídas aos imigrantes possam ser consideradas distintivas, elas não refletem necessariamente uma posição de igualdade nas demais relações que a comunidade senegalesa vive dentro da cidade. Na verdade, ao mesmo tempo que essas características podem garantir a fama de “bons trabalhadores”, elas também indicam pessoas que percorreram um caminho muito longo em busca de um sonho, estão em situação desprivilegiada e, por isso, podem se submeter a atividades penosas. Dessa forma, ao menos em um momento de inserção no mercado, as atividades laborais se dão em condições subalternas, que não representam necessariamente uma escalada na estrutura social (HERÉDIA; TEDESCO, 2015):

Segundo relatos feitos pelos próprios senegaleses, aceitar o trabalho oferecido significava aceitar as condições de informalidade que lhes são impostas. Isso implica trabalho precário, longas jornadas, condições insalubres, salários abaixo do valor de mercado, jornadas duplas, trabalho noturno e trabalhos em fins de semana. A condição em que são colocados muitos imigrantes, no ambiente de trabalho, reflete que a precarização e a informalidade constituem práticas de trabalho comuns, que os expõem a situações de trabalho degradante. O fato de aceitarem o trabalho informal os coloca numa situação de vulnerabilidade, sendo que, para muitos, o salário foi negado e os acordos trabalhistas não foram garantidos. (HERÉDIA; TEDESCO, 2017, p. 143)

Dentre os entrevistados, S1, S4 e S11 relataram experiências de desrespeito à legislação trabalhista, principalmente quanto ao reconhecimento de acidente de trabalho, formalização do vínculo empregatício e pagamento de verbas rescisórias ao final do contrato. Dentre as experiências narradas, no caso do entrevistado S11, a negligência e o desrespeito apresentados por seu empregador quase lhe custaram a vida, mas ainda abordaremos sua narrativa em um tópico específico.

É, porque, a gente trabalhava sempre, senegalês gosta de trabalhar; é, é uma (inaudível) de roupa, a gente sempre trabalha, faz bem tudo, mas pra pagamento a minha chefe ela não pára de me incomodar, enrolando, desconta as coisas, vale-transporte e comida, mas ela roubou, ela não dá, quando falou a carteira assinada, essa aqui tu vai receber, esse tu vai descontar, mas quando chegou o mês de receber ele mentiu, quando ela falou, não faz nada que te falou, daí eu não quero brigar com ela, aí eu disse pra ela "eu vim trabalhar aqui, eu faço tudo as coisas que tem aqui, daí tu vai respeitas as pessoas que trabalham aqui, quando tu falou que vai receber, tem que dar" mas só enrola, só enrola, aí eu disse pra ela "daí eu não vou ficar mais aqui, eu vou" aí ela me falou "fica aqui, porque tu trabalha meu aqui, tu faz as coisas bem" daí ela quer que eu fica lá pra trabalhar, mas não, não dá. (Entrevistado S1)

[...] eu fica lá... depois carteira só... depois eu chega na carteira e dá esse cara. Mas todo final de mês ele fala "mês que vem a gente vai assinar". Eu fica lá, trabalha lá... acho que cinco mês, esse cara não consegue assinar minha carteira acho... mas eu não saber nada desse país. Entendeu? [...] Um dia eu revoltei, eu falei pra ele "oh, a única coisa que eu quero é você me dá minha carteira, eu não quero mais trabalhar aqui". Aí ele "Que que deu? Que que você aconteceu?". Agora já vou entrar com uma ação, aprender palavra de português, né(?). Eu falei pra ele "Olha, eu tô aqui há cinco mês já, você não conseguiu assinar minha carteira, todo mundo que chegou aqui tem carteira assinada, tem todas as coisas direitinho. Mas se você me mandar embora eu não tenho fundo de garantia, não tenho nada, tudo as coisas". Aí ele fala "Não, semana que vem a gente assinar", "Não, não, não, eu não quero mais". Aí depois falou pra mim "Ah, é você que sabe". Eu voltei, esse dia, eu... zangado... não continua trabalhando, fui em casa. Outro dia eu chega... atrasado... entendeu, a loja abriu às oito, eu cheguei lá, lá, às onze, todo mundo preparando pro almoço. Cheguei, ele falou "que que deu, por que você não veio trabalhar?", eu falo "Oh cara, não quero mais... e coisa que quero, me dá minha carteira assinada, carteira de trabalho, mas eu não queria fazer nada pra você, não queria vai pra justiça essas coisas, eu não quero isso"... mas... ele tem medo de me dar a carteira e eu for pro sindicato essas coisas. Aí ele falou pra mim "fala certo cara se você não procurou pra justiça essas coisas, agora tá fraco já não tem bastante coisa e eu queria tanto trabalhar contigo... mas... últimos três dias a gente não vender nada, as máquinas tá fraco" eu falo "fica tranquilo, eu sou homem que tem uma palavra, eu não vou te fazer nada, mas você me ajuda né, faz uma coisa boa, faz uma coisa bem pra mim, dá minha carteira assinada me paga tudo as coisas, os dinheiro, todos os dias que eu trabalhei lá, me paga certo" aí foi. (Entrevistado S4)

O entrevistado S4 viveu duas situações de desrespeito, a primeira que foi narrada acima e outra, em seu último emprego, quando sofreu um acidente de trabalho e, ao retornar suas atividades, os empregadores alegavam não ter condições de pagar os encargos previstos para demiti-lo:

[...] depois que eu volto a trabalhar... faz nove meses, depois que eu volto a trabalhar essa empresa, esse cara manda embora três pessoas que trabalha lá. Depois ele falou pra mim "ah, a empresa tá falindo, não tem mais coisa pra fazer; tudo os salários tá atrasado, não consegui pagar para todo mundo, tive que mandar embora todo mundo...mas, você sabe que a gente somos amigos né" eu "com certeza, a gente somos amigos" aí ele pediu pra mim "vamos faz... empresa tem direitinho jeito de mandar embora você, você tem estabilidade, mas se você quiser ajudar pra nós pode pedir demissão" olha... essas coisas é ruim, aí eu falei pra ele "se eu pedir demissão não consegui sacar o dinheiro que eu tenho lá no... lá no Caixa, não consegui o seguro-desemprego, não consegui" aí ele falou "ah, você não é amigo?

Pode, pode ajudar pra nós, tem um sofá, uma tapete, todo essas coisas, se você pedir demissão a gente vai te dar essas coisas, depois você vende" falei "oh cara, olha a situação que você me puxa cara, essa coisa não é legal" mas ele fala "tudo bem tudo bem, pode voltar a trabalhar". Um dia eu voltei a trabalhar... mais tarde eles me ligam... mas eu não consegui, acho que esse cara vai mudar tudo as coisas, a gente somos melhor amigo, eu considera ele como irmão, mas todo dia ele mostra que gosta de mim, tudo as coisas... tudo as coisas, mas, depois que eu voltei a trabalhar, pensou trocado, entendeu? Passou um dia e ele falou "a gente precisa conversar com você" [...] "a partir de agora você vai trabalhar sábado de manhã, essa empresa tem três banheiros, você vai limpar todos os dias esses banheiros, tudo as coisas (risos)" depois ele me dá uma papel "pode assinar aqui, pode assinar aqui", eu joga fora esse papel cara "não assina nada, que que é isso? Antes de você assinar minha carteira aqui você não me falou que vai trabalhar sábado[...]parece que esse cara não me considera como funcionário, esse cara me considera como escravo, mas eu não sou escravo de ninguém, eu sou preto, mas nunca por escravo, mas eu tenho cabeça quente, pedi demissão agora agora, eu falei "eu não consegui trabalhar aqui nada" eu pedi demissão "semana passada você pediu pra mim, faz demissão, agora eu pedi... mas eu prefiro sair daqui do que você...me falta de respeito cara, essas coisas eu não consegui aguentar essas coisas, por favor[...] Tu faz tudo as coisas, imagina, eu trabalhei lá, tem carteira assinada, tem um ano e cinco meses, pra cá, depois ele baixou a carteira tudo as coisas, depois a gente foi procurar o sindicato, ele não vem.[...] Não foi. Ele traz outro mulher que gere a contabilidade dele. Imagina cara, eu trabalhei lá um ano e cinco meses, sabe quanto iam me pagar, ele paga pra mim setenta reais. (Entrevistado S4)

Ainda, os informantes S3 e S6 relataram situações de sofrimento em ambientes de trabalho, principalmente devido à segregação por parte dos próprios colegas:

[...] na empresa onde eu trabalhava... e esse cara que me faz perder meu emprego. E imagina, quando eu cheguei lá ele era muito meu amigo, pelo fato que a gente nasceu no mesmo dia, no mesmo ano, no mesmo mês[...] era a pessoa que eu achei mais legal, mas era a pessoa mais ruim que eu conheci aqui no Brasil, viu. Ele me colocou em problema com o meu patrão, sabe, falava coisas que não era... que não tinha... que não tinha acontecido, que não era certo, viu, fazia fofocas, viu e ficava com inveja quando eu, quando eles me deram um cargo maior, porque o problema que se...o problema mesmo, a base do problema é que esse cargo que eu ganhei, ele queria e não conseguiu, só que eu me dedicava mais que ele no trabalho e desse jeito ele começou sabe, com problemas sabe, briga, todo dia, brigamos uma vez, quase me mandaram embora por justa causa e não tinha acontecido por que eu... eu servia muito pra empresa, não era uma empresa grande, uma empresa de dezessete funcionários, coisas assim, eu dava mais, sabe, atenção no trabalho que ele e daí tudo virou numa merda né, porque ele não gostava, não gostava de nada e daí chegou um momento também que ele começou a fazer, tipo, hã, fazer aliança com os outros para eles poder me botar fora né, aí começaram a sabotar o trabalho[...] estragavam as peças e colocavam em cima de mim e... aconteceu várias coisas ruins mesmo, viu e... me deixaram, tipo, me colocaram em mau com o patrão que tive briga feia entre eu e o patrão também, o patrão não queria me mandar embora, só que assim, a aliança deles tava pedindo para que eu fosse embora, senão eles iam continuar sabotando o trabalho, ou trabalhando menos e era mais fácil se despedir de um estrangeiro, viu, do que perder; hã, quatro ou cinco brasileiros que tavam na empresa há oito anos, por aí e daí começou esse papo de, sabe, brigar todo dia, todo dia e acabei falando pro cara "olha, é melhor que tu me mande embora, porque eu nunca vou deixar alguém pisar em cima de mim, até você mesmo, sendo meu patrão, não, o nosso

compromisso é eu trabalhar e tu me pagar; eu tô fazendo meu trabalho da melhor forma possível" e o cara resolveu me mandar embora [...]. (Entrevistado S3)

A fala do informante S3 vai diretamente ao encontro do apontamento realizado por Herédia e Tedesco (2015), de que a oferta de trabalho disponibilizada à comunidade migrante não reflete uma escalada na hierarquia social. Na verdade, o que se observa com frequência é a reprodução de uma estrutura desigual preexistente na sociedade. Nesse caso, o entrevistado sofreu boicote de seus colegas de trabalho quando lhe foi oferecido um cargo de chefia, ou seja, dessa forma ele subvertia verdadeiramente a posição destinada a um imigrante africano dentro da hierarquia social.

De maneira semelhante, a informante S6 relatou perseguições de colegas de trabalho, como transparece em sua fala que evoca a necessidade de ter força para suportar o isolamento imposto, já que, como me disse, chorou escondida diversas vezes em seu antigo trabalho como assistente de limpeza em uma rede de supermercados em função da segregação que sofria por não saber se comunicar propriamente em português e por ser estrangeira.

No lugar de trabalho[...] se tu não tem mais força tu vai deixar; tu vai ficar num, eu trabalhei na Random, como serviço de terceirizado né, mas às vezes, eu não falou com ninguém e ninguém fala comigo, só eu, às vezes eu fico no banheiro e chorei, chorei, mas depois eu falo "quem que não quer falar comigo não vou falar com eles" [...]. (Entrevistada S6)

Como também apontou Guilherme (2017), a submissão a atividades com menor exigência de qualificação, em frigoríficos, indústrias, supermercados e na construção civil também está associada à dificuldade dos senegaleses em validar seus diplomas no Brasil e em serem reconhecidos como profissionais capazes de exercer as atividades para as quais estão habilitados. Dentre os 11 entrevistados desta pesquisa, 4 deles haviam concluído o ensino superior, incluindo ensino técnico profissionalizante – S3, S6, S7 e S10 – dentre os quais, apenas o informante S10 desempenhava a mesma atividade em que é formado, a de artista plástico. Em outro trecho da entrevista com a informante S6, ela reverbera esse entendimento de forma contundente:

Eu estudava, eu fiz três anos de universidade, de administrativo de banco, eu trabalhei também em banco[...] fiz três anos como administrativo banco.[...] tudo é diferente, eu deixo lá, nunca trabalhei como limpeza, venho aqui e meu primeiro trabalho é em limpeza[...] Sim, porque nosso diploma tem uma validade lá no Europa, eu fui no Europa, eu trabalhei, mas meu marido que tá aqui, aí fica muito longe também pra separar do meu marido[...] Agora não consigo porque eu queria estudar primeiro também, tem que estudar primeiro porque lá e aqui tem uma diferença, lá as

peessoas falam só francês, aqui é português, o administrativo é um pouco diferente né, então tem que aprender primeiro e não consegui aprender porque é caro também, não tem emprego, tem que arrumar primeiro emprego pra pagar o curso [...].
(Entrevistada S6)

Depois, em outro momento da entrevista, quando questionada sobre a integração entre a comunidade senegalesa e o restante dos caxienses, sua resposta volta a tocar na questão dos postos de trabalho:

[...] não é uma integração cem por cento, porque aqui no Caxias eu nunca vi uma pessoa que trabalha com, com administrativo aqui no Caxias, as empresas não deixou, só eles trabalham como fábrica ou coisa, é aqui, em Caxias eu vi os senegaleses que fazem universidade que tem muitas coisas na cabeça, mas nunca vi uma pessoa que faz parte de alguma coisa grande, tem uma integração, mas não é muito[...] tem as universidades pública, tem que deixar os estrangeiros também entrar nessas universidades, tem os trabalho público tem que deixar também os estrangeiros entrar lá também, tem que dar uma lugar pra esse estrangeiro divulgar as culturas dele também, porque não é africano, tem os haitiano, tem outros também, tem que ir aberto as portas pra eles também, dar força pra eles. (Entrevistada S6)

Ao tratar das experiências laborais vividas pelos imigrantes senegaleses no Brasil, é necessário abordar também uma forma de trabalho fundamental em suas estratégias de sobrevivência e desenvolvimento: o comércio ambulante. Guilherme (2017, p. 61) observou que não surpreende a participação de senegaleses no comércio ambulante, uma vez que é uma atividade comum a migrantes dessa nacionalidade também em outros locais onde estão instalados. O comércio ambulante é uma opção viável para os membros dessa comunidade como forma de complementar sua renda, como alternativa ao desemprego ou simplesmente aos baixos salários encontrados nos postos formais de trabalho (MOCELLIN, 2017).

As experiências decorrentes da venda ambulante em Porto Alegre/RS (GUILHERME, 2017), Santa Maria/RS (MOCELLIN, 2017), no Rio de Janeiro/RJ (HEIL, 2017) e até mesmo na Argentina (GOLDENBERG; SOW, 2017) possuem alguns pontos em comum com Caxias do Sul/RS, dentre os quais destacaremos os prejuízos sofridos com apreensões de mercadorias realizadas pelas prefeituras e a importância da rede de apoio para que a atividade possa acontecer. Nesse prisma, as apreensões são tema frequente na pauta de reivindicações da comunidade senegalesa em Caxias do Sul, sendo que ainda na primeira reunião da Associação dos Senegaleses que observei, em abril de 2017, esse tema era motivo de reclamações atreladas também a outras questões, como demonstra a fala de um senegalês nessa oportunidade: “*Eu não quero dizer isso, estou cansado de dizer isso, mas estão nos tratando com racismo, não apreendem dos peruanos, é porque eles são marrons e nós somos pretos*”.

Os momentos em que são apreendidas as mercadorias significam um prejuízo para toda a estratégia do migrante que, como observaram Guilherme (2017) e Heil (2017), fica sem os produtos, sem dinheiro e sem opções. Entretanto, conforme apontou Mocellin (2017), essa atividade também propicia um contato maior com a comunidade local e conseqüentemente o eventual apoio de populares contrários às apreensões que questionam a atuação da Guarda Municipal¹¹.

Após a truculência da apreensão ganhar notoriedade dentro da cidade, a Associação dos Senegaleses se articulou com o CAM para intermediar junto à Prefeitura uma opção ao impasse. A principal proposta foi a criação de um espaço específico para as vendas, chamada “Feira sem Fronteiras”¹², e a autorização para a comercialização nas feiras de agricultores¹³ que ocorrem em dias e locais variados pela cidade. Entretanto, de acordo com a entrevistada B3, como pode ser observado em sua fala abaixo, a proposta não supriu as necessidades dos vendedores que continuam a trabalhar nas ruas e a ser alvo da Guarda Municipal.

É, na verdade a Prefeitura fez uma proposta, daí a gente e a Associação fez outra, eles aprovaram até, mas não sei se tá funcionando que é deles aproveitarem, que como eles não podem vender no centro, deles aproveitarem então as feiras dos agricultores pra fazer essa, esse processo, até a gente tem que fazer reunião agora, porque eu não sei como é que tá, em que pé tá, porque eu tô vendo os guris todos na rua né, se tu vai pelo centro tu vê todo mundo vendendo em pé e tal, correndo da Guarda, então tá, tá uma situação assim[...] então eles, mas não tá, não tá ajustado ainda, porque não, eles tinham a Feira Sem Fronteiras, mas aí é um pouco mais assim, pra, que é uma feira que acontece, alguns até foram, mas são os artistas aí né, todo mundo não tem a, a aptidão pra trabalhar com madeiras ou com vestimentas né, enfim, então tá um pouco assim agora, dia trezes nós temos uma reunião com a Prefeitura, pra ver o que que se pode encaminhar. (Entrevistada B3)

Em uma conversa informal na rua durante uma observação, dialogava com um senegalês que vende produtos artesanais na praça central de Caxias do Sul. Ele não foi relacionado como informante, pois nossos diálogos não foram formalizados pelo roteiro da entrevista, se deram de forma espontânea e casual. Ele relatou que as feiras da proposta da Prefeitura não proporcionam vendas com intensidade igual à das ruas, além de que esses eventos não ocorrem em dias de chuva, por isso ele continuava também a vender seu material na praça. Esse

¹¹ Disponível em: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2015/10/abordagem-de-guardas-municipais-a-ambulantes-provoca-polemica-em-caxias-4890531.html>. Acesso em: 31 jul. 2018.

¹² Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/geral/noticia/2018/03/feira-sem-fronteiras-retorna-neste-domingo-na-praca-das-feiras-em-caxias-10179855.html>. Acesso em: 01 ago. 2018.

¹³ Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/geral/noticia/2017/05/senegaleses-sao-autorizados-a-venderem-produtos-em-seis-pontos-de-caxias-9796708.html>. Acesso em: 31 jul. 2018.

interlocutor se difere dos vendedores ambulantes tradicionais porque comercializa peças de artesanato e não acessórios para celulares e roupas como a maioria, por isso gozava de maior liberdade para expor seus produtos sem uma coerção tão acentuada da fiscalização municipal.

Em uma das últimas entrevistas da pesquisa, realizada já em 2018, quando conversei novamente com o informante S7, um dos membros do corpo diretivo da Associação, ele relatou que a fiscalização da Guarda Municipal estava mais branda nos últimos tempos e que a convivência junto aos vendedores ambulantes tinha melhorado. Contudo, recentemente, a Prefeitura da cidade intensificou a fiscalização sobre essa atividade¹⁴, portanto a condição instável desses trabalhadores permanece.

3.3.2.1 O caso do entrevistado S11.

Nesta seção abordaremos de maneira mais aprofundada as experiências do interlocutor S11, isso porque sua trajetória no Brasil, impulsionada pela expectativa de um trabalho bem remunerado e conseqüente ascensão socioeconômica é atravessada pela segregação, exploração e pelo desrespeito a normas trabalhistas. Dessa forma, as experiências do entrevistado constituem um material empírico exemplar das relações estruturalmente desiguais entre nativos e imigrantes retratadas na teoria, bem como do papel fundamental das redes migratórias e do capital social para o indivíduo que está fora de seu país.

Optamos por inserir esta narrativa no item da dissertação que trata de relações de trabalho porque a experiência trágica na vida desse interlocutor se deu em função do emprego que possuía à época. A relação de desigualdade e exploração que já era estabelecida através das condições do vínculo empregatício se desdobraram e se revelaram em outras searas de sua vida, através da violação sistemática de direitos, como observaremos a seguir.

O entrevistado cresceu em uma cidade pequena no interior do Senegal, uma região em que desenvolveu principalmente atividades rurais e só se deslocou para a capital, Dacar, em sua fase adulta quando iniciou um negócio como costureiro. Ele foi criado por seus avós após o falecimento de seu pai, pois sua mãe se casou novamente com outra pessoa, e esse segundo marido não dispunha de condições financeiras capazes de prover satisfatoriamente as necessidades familiares. Sendo assim, uma fala recorrente em sua narrativa dizia respeito ao desejo de reunir condições que proporcionassem à mãe uma situação mais confortável, ou seja,

¹⁴ Disponível em: <https://caxias.rs.gov.br/noticias/2018/06/mais-de-5-1-mil-itens-do-comercio-ambulante-sao-apreendidos-pela-smu-em-2018>. Acesso em: 31 jul. 2018.

o desejo comum a tantos projetos migratórios de prover dinheiro para o sustento da família.

A perspectiva migratória inicial do informante não incluía o Brasil como destino, na verdade, sua intenção era se deslocar à China com os recursos economizados a partir do trabalho em sua loja em Dacar. Para isso, ele acionou um “conhecido” que poderia intermediar os procedimentos necessários para a obtenção de um visto, entretanto, por motivos que não foram esclarecidos na entrevista, essa empreitada resultou apenas em prejuízos financeiros ao informante, que não conseguiu o documento necessário à viagem. Depois do revés, surgiu a possibilidade de vir para o Brasil com a promessa de ganhos mensais médios de R\$ 5 mil através do mesmo atravessador, que exigiu mais recursos para providenciar os preparativos da viagem. Com esse horizonte, o entrevistado vendeu os equipamentos de sua loja, juntou todo o dinheiro que possuía, se despediu de sua família e partiu em direção à América do Sul imaginando que viria diretamente ao Brasil, com um visto, e teria rápido e volumoso retorno financeiro para um reinvestimento em sua terra natal.

O conflito com a realidade do percurso migratório, entretanto, ofereceu vivências bastante diferentes das expectativas. A primeira decepção foi no tocante ao ingresso no país, diferente do que o migrante imaginava, ele se deu através do trajeto Equador – Peru – Bolívia – Acre, por via terrestre, de forma indocumentada, submetido a abusos diversos ao longo do caminho, como condições insalubres e extorsão das forças policiais peruanas e bolivianas. Num primeiro momento, ele permaneceu junto de seus atravessadores em um alojamento improvisado pelo governo brasileiro no Acre que atendia a migrantes diversos que adentravam no país por aquela região, mas, sobretudo, haitianos e senegaleses. Depois de formalizar seu protocolo de refúgio, o informante foi conduzido por seus atravessadores até São Paulo, onde fez contato com um conhecido que o ajudou a seguir até Caxias do Sul. Finalmente, já na cidade gaúcha, ele se valeu novamente de sua rede migratória ao acionar outro conhecido, indicado por sua mãe, para conseguir moradia temporária e garantir sua inserção na rede local.

Ele obteve seu primeiro, e único, vínculo empregatício através da mediação da Associação dos Senegaleses, em meados de 2014, período em que, como já apontamos, a grande oferta de empregos na região levava empresas a buscarem trabalhadores junto às entidades representativas ou àquelas que prestavam assistência aos migrantes. Dessa forma, nosso interlocutor seguiu junto de um pequeno grupo para trabalhar em uma olaria na cidade de Salvador do Sul/RS, a cerca de 60 km de distância, com promessas de alojamento próximo ao local de trabalho, aumento de salário após o término do contrato de experiência e de que o empregador lhe levaria de volta a Caxias do Sul a cada seis meses para renovar seu protocolo

de refúgio.

Os primeiros meses de trabalho transcorreram sob relativa normalidade, a atividade na olaria era extenuante e a função do entrevistado envolvia o transporte de telhas e tijolos, sua retirada do forno, além da preparação para secagem. Como já tratado ao longo da literatura, a mão de obra imigrante costuma ser apreciada pelos empregadores, pois esses trabalhadores frequentemente estão em situação mais precária que os demais, o que os leva a serem explorados com atividades penosas e remuneração incerta, neste caso não foi diferente. Nosso interlocutor descreveu uma jornada de trabalho convencional de oito horas diárias com possibilidade de realização de horas extras, o que, no caso dele, sempre ocorria:

[...] eu vi que mesmo dias de férias, tem algumas dias que meus amigos aqui em Caxias diz que é férias, mas lá nós trabalha, eu fui falar pra meu chefe, ele diz "ah, não importa, nós trabalha" e nós continuou assim, trabalhava, trabalhava, até um dia eles me chamou, porque tem, lá nós fazer tijolo tem umas fornalha grande, tem que queimar tijolo, pra fazer tijolo tem que queimar pra secar; botar fogo pra secar tijolo e...lá tem a, o, uma pessoa que trabalha de noite, que tem que, lá no, não sei como te explica, mas eles tem uma estufa, um grande que eles botam as máquinas pra secar tijolo e nós fazia tijolo e depois tem que colocar lá, a cada duas horas tem que tirar dois vagonetes, entrar duas vagonetes e esses caras que ficam lá de noite, esse serviço tava muito pesado pra ele, ele diz que eles precisam mais alguém que eles bota em ordem e todo mundo disse que S11, S11, S11, porque S11 trabalha lá mesmo como um burro, eu trabalhava muito, é... eles me mandam pra trabalho, eles me chamam lá "S11, tu faz muito hora-extra de dia e agora nós queremos que tu fica de noite, tu muda teu carteira pra começar a trabalhar de noite, lá de noite tu vai ganhar mais que de dia" eles sabem que eu gosto dinheiro, se tu diz que eu ganho mais eu vou, de qualquer jeito fui lá, eu começou trabalhar [...]. (Entrevistado S11)

Já em seu novo turno de trabalho, porém ainda sem o devido registro em sua carteira de trabalho, nosso entrevistado sofreu um acidente durante o exercício de suas atividades, ao transportar tijolos uma das pilhas caiu e atingiu seu braço esquerdo. Apesar da violência do acidente, ele não foi levado a um serviço de atendimento médico e tampouco parou de trabalhar imediatamente, seguiu em sua função por algum tempo até que, em virtude da dor que sentia, foi obrigado a parar e ir para o alojamento. O que ocorreu a partir de então transformou a vida desse interlocutor em um absoluto martírio que beirava a tortura e era corroborado pela negligência de seu empregador. Depois de alguns dias sem poder trabalhar, ele foi levado a um posto de saúde em uma cidade próxima, foi atendido e se chegou à conclusão de que seu braço não estava fraturado, foi liberado. Nas semanas seguintes ele foi levado a uma clínica em outra cidade onde foi identificada a fratura e ele foi submetido a uma cirurgia pela qual teve que arcar com parte dos custos, uma vez que seu empregador se recusava a lhe levar a um hospital público

por receio da identificação do acidente de trabalho e um possível processo judicial. Após a cirurgia, ele não obteve cuidados da atenção básica de saúde na cidade em que estava, o ferimento infeccionou e, de acordo com seus relatos, beirou à morte. Foi novamente submetido a um procedimento na mesma clínica, mas dessa vez sem anestesia.

Seu suplício foi amenizado quando entrou em contato com a Associação de Senegaleses de Caxias do Sul pedindo ajuda, o que foi possível quando nosso interlocutor foi para essa cidade apesar dos protestos de seu empregador. Lá, em conjunto com o CAM, a Associação conseguiu encaminhá-lo para um serviço médico adequado, contudo a gravidade da lesão e a demora para receber os cuidados devidos resultaram na perda dos movimentos do braço esquerdo. De acordo com sua narrativa, nosso interlocutor permaneceu internado em Caxias do Sul em dois hospitais diferentes por cerca de dois meses, nesse período também pôde acessar seus direitos previdenciários. À época da entrevista, o informante residia em Caxias do Sul, não obteve melhoras nos movimentos de seu braço, participava de programa de reabilitação profissional da Previdência Social e ingressou com ação trabalhista contra seu antigo empregador.

Infelizmente, essa narrativa de absoluto desrespeito não está isolada dentre as vivências percebidas por imigrantes, principalmente de países periféricos, cujos direitos são sistematicamente violados. Por se tratar de um relato profundo e pormenorizado, acreditamos que ele ilustra com clareza o que já é apontado na teoria sobre fluxos migratórios no que diz respeito à valorização do indivíduo apenas como mão de obra, e como a suposta predileção por trabalhadores migrantes está atravessada pela exploração e pela segregação. Além disso, a narrativa identifica a importância decisiva do capital social para a superação de dificuldades diversas e, nesse caso, de risco à vida.

3.3.3 “Sempre vai ter alguma coisa pra me dizer que eu não sou brasileiro” - Reflexões sobre racismo e xenofobia na experiência migratória.

A citação que dá nome a este item é um trecho da entrevista com o interlocutor S8, quando questionei a ele sobre manifestações de racismo e xenofobia sofridas por imigrantes senegaleses na cidade. Abaixo temos o trecho em seu contexto original:

Olha, na verdade a gente sofre, eu digo que...sempre a gente vê alguma coisa que mostra que nós não somos brasileiros, entendeu, de qualquer forma, de qualquer falar, de qualquer olhar...porque o racista eu acredito que não é só o pegar e dizendo alguma coisa assim, mas até o olho que a pessoa faz, até o pensamento que a pessoa

faz, isso aí tudo são racista[...] até que a gente vai tá aqui pode ser dez anos, cinquenta anos, sempre vai ver alguma coisa né, que mostra que nós não somos brasileiros, que tu tem limite, que tu não pode fazer isso, não pode falar, não pode fazer aquilo, entende, então uma coisa assim ó, que a gente eu acredito que não vai ser fácil, tipo assim, a gente tem que sabendo isso e tem que tentar mesmo de, de, de, entendendo e ir levando e esperando com o tempo, esperando com o tempo sempre pode melhorar alguma coisa assim... (Entrevistado S8)

Dentre os entrevistados, apenas os interlocutores S1 e S2 informaram não terem vivido situações em que foram vítimas de racismo ou xenofobia. Os relatos mais comuns foram de olhares curiosos, enviesados, constantes, de provocações, segregação e isolamento nos locais de trabalho pelos quais passaram e também de xenofobia institucionalizada no acesso aos serviços de saúde, principalmente quanto a atendimentos negligentes e dificuldade de comunicação. Houve também relatos de situações mais graves, como ofensas raciais em espaços públicos, casos de agressão¹⁵ e até um homicídio¹⁶.

[...] por exemplo, gente que chegou aqui quase, a maior parte que chegou dois mil e treze, dois mil e quatorze entrou muitos imigrantes que o Brasil não tava preparado para receber e outro, hã, o povo daqui eu já, não tava acostumado com africano, já tava acostumado com italiano, com espanhol, com...imigrante dos outros país que não fosse África, então, para tu conseguir contrato para alugar uma casa era difícil, era complicado, porque única coisa que eles pensava "ah eles vão morar tua casa, eles vão estragar, não vão pagar aluguel". Cada casa que tu vai para alugar eles vão dizer "não, já tinha alugada, não, não tá alugada, não, não, não é assim". (Entrevistado S5)

[...] eu trabalhei lá um ano, depois eu não me, eu tava sentindo algumas, alguma coisa que eu tinha que sair de Caxias do Sul, mas eu não sabia que era, porque sempre tive muito preconceito, teve muita coisa, nossa passava por muitas coisas, chego até a chegar em casa, tu faz uma pergunta "por que eu tô passando por tudo isso?" eu deixei meu pai, deixei minha casa, deixei meu pai, deixei minha mãe, vim até aqui para passar por tudo isso, então, talvez foi por isso, eu disse "ah não, eu vou sair daqui". (Entrevistado S5)

No último trecho de sua fala, o interlocutor S5 fala sobre um momento em que deixou Caxias do Sul/RS por conta da segregação que vivia na cidade, mas alguns dias depois decidiu voltar por conta de uma oferta de emprego. Na sequência, ele dá maiores detalhes sobre uma experiência traumática, pois, na ocasião de sua entrevista, estávamos conversando em uma

¹⁵Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/geral/noticia/2017/07/vitima-de-racismo-senegales-e-agredido-no-centro-de-caxias-do-sul-9841695.html>. Acesso em: 02 ago. 2018.

¹⁶ Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/geral/noticia/2016/02/senegales-e-assassinado-em-caxias-do-sul-4984272.html>. Acesso em: 02 ago. 2018. A causa do homicídio foi determinada pela polícia como sendo em função de uma dívida, entretanto, ainda que não tenha sido caracterizado o racismo, o crime abalou a comunidade senegalesa da região.

cafeteria dentro de um shopping da cidade, o que lhe trouxe lembranças:

O que que me deixava mal era em primeiro lugar o lugar que a gente tamo conversando hoje, nós estamos dentro de um shopping. Eu me lembro no meu primeiro dia que eu entrei no shopping Iguatemi eu saí correndo, porque... a gente, eu posso dizer, eu chamo muito a atenção, porque sou alto, mas para mim não me, para mim não afeta em nada a minha vida, é uma coisa que Deus me deu, uma coisa que deus quer que seja, eu vou ser, porque ninguém se fabrica sozinho, mas o primeiro dia que eu entrei no Shopping Iguatemi, cara... parece que todo mundo parou para nos olhar, nós éramos cinco, eu não falo, eu não falo bem português. Mas, hoje em dia se tu fala eu posso entender, mas essa época as pessoas falavam e gente, a gente, eu não entendia bem o que falavam mas eu sabe que não era coisa boa, as pessoas olhavam, davam risada, faziam... tu sabe que, que essa gente tão falando de ti, de uma coisa... tu não tá gostando, então a gente, a gente chegou e saiu correndo. (Entrevistado S5)

Na fala seguinte, o informante S10 avalia como prejudicada a relação com os vizinhos do prédio onde vive com sua família.

Incomodam muito sim [se referindo a seus vizinhos brasileiros], porque é... porque eles, eles fala quando nós tá estragando prédio, não dá pra morar junto com eles, como, como, nós fez pra pagar nosso lugar, nós, nós, hã, nós conseguir pagar nosso aluguel, o apartamento entendeu, e todo dia se eu entra dentro do elevador, hã, é eles tá bravo e fala um monte de coisa mal, mas não tem problema por isso [...] Não sei por que, não sei, acho que eles não quer morar junto com nós, porque nós é, acho que nós é africano, não sei, eu já, eu já perguntei pro, pra homem que fica no ponto "por que eles ficam reclamando muito?" se eu trago minhas coisa uma mulher vai lá "ó, africano vai estragar tudo os, tudo, elevador" eles fala de coisa mal [...] não sei qual problema, não sei, não sei, porque "como eles conseguir pagar aluguel deles, eu tá louco, que fazer, que fazer esses africano, que eles vendem, como eles conseguir pagar os aluguel pertinho do centro" ele fala "tão caro, como eles consegue pagar tudo" eles fala isso, mas tá bom, não tem problema por aí, nós deixa tudo pra Deus [...]. (Entrevistado S10)

Inicialmente, antes de proceder à análise dos dados, imaginávamos que as manifestações de racismo e xenofobia estariam isoladas dentre as principais demandas da comunidade senegalesa, contudo foi possível perceber que o pensamento segregacionista se dissemina e interfere em todos os aspectos da vida desses indivíduos.

Ele se manifesta através da segregação vivida nos espaços de trabalho, com o isolamento em relação a colegas brasileiros, com a dificuldade de acesso a serviços como o SINE/MTE, com a informalidade e o desrespeito às normas trabalhistas, conforme relatos dos informantes e como observaram Herédia e Tedesco (2015). Além disso, Vilela, Collares e De Noronha (2012) demonstraram que minorias étnico-raciais sofrem distinção negativa no mundo do trabalho no Brasil, mesmo com a qualificação igual à de brasileiros brancos, ou seja, “o mercado de trabalho brasileiro é sim um gerador de desigualdades em que os grupos são

discriminados por suas origens nacionais e/ou cor/raça” (VILELA; COLLARES; DE NORONHA, 2012, p. 26). As pesquisadoras indicaram que tanto imigrantes de outros países sul-americanos quanto brasileiros negros migrantes sofrem distinção negativa em relação a brasileiros brancos, sendo que entre esses dois grupos, os nativos negros estão em pior situação na maioria dos estados devido à discriminação.

A discriminação também se manifesta na dificuldade de acesso aos serviços de saúde, principalmente devido à dificuldade de comunicação, na burocracia e desconfiança para conseguir alugar um imóvel e através de redes de boatos que “exotizam” possíveis traços culturais senegaleses. O boato mais marcante e difundido foi o de que senegaleses “comiam cachorros”, uma fala recorrente em várias entrevistas, principalmente junto aos membros do quadro diretivo da Associação. Esse boato teria surgido quando havia uma casa alugada pelo CAM que funcionava como alojamento provisório para os imigrantes e, supostamente, alguns cães desapareceram na região. Nesse sentido, a experiência narrada pelos senegaleses constitui a rede de boatos, como já identificado por Elias e Scotson (2000), para manipulação de informações por um grupo em condições privilegiadas em detrimento de outro *outsider*, o que reforça os processos de segregação e estigmatização no convívio social.

Sob outro viés, a xenofobia institucionalizada afeta a convivência urbana em searas diversas, como o acesso à saúde e a direitos trabalhistas, por exemplo. Nesse sentido, foi recorrente o relato sobre a necessidade de os imigrantes recorrerem à sua rede social para que pudessem receber atendimento médico ou requerer benefícios trabalhistas e previdenciários. Na maioria das vezes, a principal barreira é o idioma, contudo houve relatos de negligência quanto ao atendimento do serviço público. Não obstante, as impressões narradas até então ganharam concretude pública em maio de 2016, quando o então prefeito de Caxias do Sul, Alceu Barbosa Velho, prestou declarações ao Jornal Pioneiro que fazia uma reportagem¹⁷ sobre os fluxos migratórios internacionais recentes na cidade:

Ninguém pode achar que o poder público pode tudo. Agora vem esse bando de imigrantes e a prefeitura tem de dar trabalho e comida para todo mudo? Não é assim [...] Eles têm atendimento gratuito pelo SUS e acesso a tudo que as demais pessoas têm. Não é porque vieram de fora que vamos passar eles na frente de quem está aqui. Se eles querem trabalhar, têm de procurar trabalho. Está ruim para todos [...] Está tudo normal. Esses tempos mesmo fui fazer uma intervenção cirúrgica no Hospital Pompéia e tive de esperar uma haitiana ser atendida. O poder público de Caxias não

¹⁷ Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/geral/noticia/2016/05/vem-esse-bando-de-imigrantes-e-temos-de-dar-trabalho-e-comida-diz-prefeito-de-caxias-5793331.html>. Acesso em: 04 ago. 2018.

é omissivo. Não se queixar de quem é omissivo.

Essa declaração gerou manifestações por parte da comunidade senegalesa e do CAM que criticaram seu caráter xenófobo. Entretanto, ela é esperada na medida em que reflete a institucionalização da discriminação a partir de uma percepção desse fluxo migrante já disseminada na região. De modo semelhante, a pesquisa de Diehl (2017) revelou entendimento similar quanto à rede social de outro município, no sentido de que a comunidade migrante, sobretudo quando se trata de pessoas negras, concorre com os locais no acesso a serviços básicos, além de ser prejudicial à sociedade que a recebe.

3.3.4 “Do Sul, da fé e do trabalho” - A migração em paralelo à identidade caxiense.

A citação que dá nome a este subcapítulo compõe a logomarca da gestão municipal de Caxias do Sul de 2013 a 2017, e escolhemos utilizá-lo porque dá conta de boa parte dos valores atribuídos à identidade caxiense, ou *italianidade* como já mencionamos, conforme observado por Kanaan (2008) e Santos (2017).

No início do desenvolvimento desta pesquisa tínhamos por objetivo focar a análise nas relações consequentes à interação entre a identidade caxiense e o fluxo migratório senegalês, dada a presença da identidade italiana na organização das estruturas de relações dentro do município (KANAN, 2008; SANTOS, 2017). Entretanto, ao longo da pesquisa de campo e da revisão da literatura, percebemos que esperar que a comunidade migrante identificasse os traços da identidade local e os mobilizasse na disputa por reconhecimento era um equívoco, inclusive devido à brevidade do tempo de residência na cidade, cerca de 4 ou 5 anos em sua maioria. Além disso, comunidades étnicas em diáspora, segregadas pelas distinções socioeconômicas e raciais em condição de pária (CÉSARO; ZANINI, 2017) tendem a se agrupar em unidades coesas e reforçar os traços culturais que lhes são característicos, conforme Poutignat e Streiff-Fenart (1998) observaram em estudos sobre outros fluxos de diáspora.

Mesmo tendo superado essa questão, é inevitável considerar que as identidades definem relações interpessoais, pois identificar o outro significa também classificá-lo e classificar a si próprio em uma interação (JENKINS, 2008). Por isso, o roteiro das entrevistas de informantes brasileiros pontuava tópicos relacionados à identificação étnica do próprio interlocutor e às manifestações da *italianidade* em relação ao novo fluxo migratório internacional.

A partir dessa proposta, a primeira recorrência observada foi a associação da *italianidade* a práticas racistas e xenófobas. Isso porque a terceira pergunta era direcionada à

percepção do informante quanto à presença da identidade italiana na forma como está estruturada a cidade e em quase todas as respostas colhemos falas sobre a segregação de grupos étnicos minoritários ao longo da história do município. Em alguns casos, até mesmo no segundo questionamento que tratava sobre a identidade étnica da família do interlocutor já foi possível identificar traços da associação entre *italianidade* e segregação. É possível argumentar que, por se tratar de uma pesquisa sobre uma comunidade migrante que sabidamente é vítima de manifestações racistas, as respostas poderiam estar enviesadas para essa questão. Contudo, antes da coleta de dados não foi informado aos entrevistados acerca da temática específica da pesquisa, além disso, por se tratar dos primeiros tópicos do roteiro, a referência sobre os imigrantes ainda não havia sido recuperada.

Quanto a essa constatação, também seria possível argumentar certa predisposição das interlocutoras em associar a identidade italiana a práticas de segregação, uma vez que as entrevistadas compõem o Coletivo Ser Legal e por isso têm maior proximidade com a comunidade senegalesa em que a pauta do enfrentamento ao racismo e à xenofobia é uma temática recorrente. Ainda assim, uma vez que a *italianidade* é um dos mediadores das relações de poder nessa região (KANAAAN, 2008), compreender o espaço do imigrante negro em seu sistema de classificação também significa compreender a desigualdade com que essas relações ocorrem, e mais ainda, compreender que o papel atribuído ao imigrante senegalês nessa relação é estigmatizado.

Um dos tópicos do artigo de Herédia e Tedesco (2015) sobre as relações de trabalho vividas pela comunidade senegalesa em Caxias do Sul tem o título “úteis e invasores”¹⁸, uma referência à dupla condição do imigrante: útil enquanto força de trabalho barata e disposta a aceitar condições laborais precárias; invasor quando busca o acesso à cidadania em condições de igualdade com os locais. Essa reflexão também está presente na observação de Sayad (1998) sobre a instabilidade da condição do migrante sempre vinculada e justificada através do trabalho e suscetível a instabilidades socioeconômicas que tornem sua permanência menos desejável.

Nesse prisma, encontramos outra forma de classificação que age sobre a comunidade senegalesa, entretanto essa confere uma distinção supostamente positiva aos imigrantes dentro da estrutura organizacional local, pois identifica nesses indivíduos valores como honestidade, assiduidade e apreço ao trabalho, características que são caras à identidade cultural local. Nesse

¹⁸ Conforme o título de um livro de Maurizio Ambrosini: *Utiles invasori. L'inserimento degli immigrati nel mercato del lavoro italiano*. Milano: Franco Angeli, 1999.

sentido, Diehl (2017) observou relação semelhante ao analisar a percepção de brasileiros residentes em Lajeado/RS ao fluxo migratório de haitianos na cidade. O processo de racialização presente em algumas das relações vividas pelos imigrantes opera através da segregação e também através da distinção entre eles, dividindo a categoria de “trabalhadores negros” entre os “negros estrangeiros”, e os “nossos negros”¹⁹. Nessa perspectiva, o “negro estrangeiro” se diferencia do brasileiro quando adota comportamentos destoantes da expectativa do imaginário racista, ou seja, adota comportamentos que não seriam esperados de sua raça.

Durante a pesquisa de campo, em maio de 2017, houve a exibição de um documentário produzido por caxienses sobre os novos fluxos migratórios internacionais. Após a exibição, houve um breve debate sobre o tema, do qual participaram o entrevistado S8, os produtores do documentário e mais cerca de 10 pessoas da plateia, nenhuma delas identificada. Ao longo da discussão, o tema se voltou para a estigmatização enfrentada pelas comunidades migrantes, quando um dos espectadores, dirigindo-se ao informante S8, disse:

Tu fala da falta de conhecimento mesmo sobre os senegaleses, acho que sempre quando chega alguém estranho na cidade, sempre a primeira coisa é desconfiar mesmo assim, e querendo ou não a gente tem o estereótipo do cara que vem, vem, hã, geralmente pobre, daí já vai querer roubar; vai se envolver com drogas, acaba criando no imaginário o que não é verdade né. E... esses tempos eu tava ouvindo uma história de [...] que não sei o que que aconteceu, uma mulher foi assaltada, daí os senegaleses ajudaram a mulher e pegaram o cara e não sei o que e daí a pessoa dizia que os senegaleses eram gente boa e tal... então, a cidade começa a conhecer um pouco também pelas atitudes que vocês mostram na rua assim e... até falar do tipo assim “ah eles não enganam, se é senegalês é tranquilo” já se começa a ouvir um pouco essa fala assim de vocês que não é tudo preto, favelado, que rouba e se envolve com drogas, se é senegalês já é um preto diferente.²⁰

A manifestação é exemplar para demonstrar a essencialização que o racismo produz ao atrelar características estigmatizantes, raça e condição socioeconômica. Na mesma fala, ainda, os imigrantes senegaleses são classificados como “pretos diferentes”, ou seja, cujas características identificadas não correspondem aos estigmas. Não obstante, dentro dessa estrutura social racializada, como expôs o interlocutor S8, o limite de sua ascensão é ser um “preto diferente”, e apenas enquanto suas práticas estiverem de acordo com os valores dos estabelecidos, vivendo a condição de “bom trabalhador”, pois não houve, de fato, rompimento

¹⁹ Expressão utilizada por espectadora de documentário sobre as imigrações internacionais recentes em Caxias do Sul após a exibição.

²⁰ Fala proferida por um espectador não identificado após a exibição do documentário.

do sistema hierárquico racista.

A identificação dessa realidade específica por parte dos entrevistados senegaleses apresentou graus variados, pois houve referências a Caxias do Sul como uma “cidade muito fechada”²¹, onde o estranhamento ao *outsider* se dava de forma mais incisiva, sobretudo quanto à cor da pele. Ao mesmo tempo, a constituição de uma rede de apoio coesa formada também por agentes caxienses favoreceu a convivência na cidade junto aos locais e tornou mais acolhedor o ambiente até então inóspito. De forma geral, percebemos que elementos da *italianidade* foram identificados pela comunidade senegalesa como atributos presentes nas relações cotidianas com os locais.

²¹ Como observamos na fala da informante S6.

4 AS DEMANDAS E AS ESTRATÉGIAS EMPREGADAS

Neste capítulo procederemos à análise dos dados empíricos coletados sobre as vivências da comunidade senegalesa em Caxias do Sul em conjunto à revisão da literatura sobre o tema e às abordagens teóricas elencadas. Primeiramente, identificaremos as principais demandas dessa comunidade ao longo de sua jornada migratória a partir das experiências de desrespeito vividas em contraste com as expectativas motivadoras desse deslocamento. Em seguida, aprofundaremos a análise sobre o capital social e as redes migratórias que são mobilizadas pelos imigrantes e já despontam como estratégia principal para a superação das adversidades. Dessa forma, com um espectro amplo de análise, acreditamos que será possível abarcar a multiplicidade de relações presentes no processo migratório, além de verificar em que pontos as experiências desses indivíduos se aproximam e se afastam da perspectiva dos referenciais teóricos.

4.1 AS DEMANDAS DA COMUNIDADE SENEGALESA EM CAXIAS DO SUL

Nesta seção identificamos as principais demandas da comunidade senegalesa a partir das entrevistas realizadas, das observações e da revisão da literatura sobre este fluxo migratório. Em sequência, relacionamos tais demandas aos elementos da teoria do reconhecimento como proposta por Honneth (2009), principalmente para compreender se as dificuldades vividas por essa comunidade podem se caracterizar como formas de desrespeito às expectativas de reconhecimento e como tais experiências se refletem na coesão do grupo e nas ações coletivas.

Primeiramente, é necessário apontar as dificuldades iniciais decorrentes do processo migratório que ainda permaneceram presentes no período em que foram realizadas as entrevistas, em média, cerca de 3 ou 4 anos após a chegada. Elencamos os seguintes pontos como mais recorrentes:

- Dificuldade para ingressar no país, sobretudo por vias tradicionais;
- Dificuldade para se comunicar em português;
- Obtenção de trabalho formalizado.

Organizamos os pontos em ordem cronológica às suas manifestações no decorrer do percurso migratório. É evidente que eles não são exclusivos da diáspora senegalesa e tampouco foram observados em todos os discursos dos informantes, entretanto, por abrangerem aspectos

diversos das vivências observadas, serão material suficiente para a análise proposta.

A primeira dificuldade que identificamos para o projeto migratório é a transposição das fronteiras nacionais, uma questão muito discutida atualmente na mídia, sobretudo em relação aos destinos tradicionais de migrantes de nações periféricas, como países da Europa e os Estados Unidos. As barreiras impõem restrições ao fluxo humano que é visto como indesejado, ao mesmo tempo que a demanda por trabalhadores para um mercado segmentado exerce papel de atração e se vale da fragilidade a que os indivíduos estão submetidos (PEIXOTO, 2004). No caso em tela, a principal estratégia para o ingresso no país é a via aberta pelos imigrantes haitianos, ou seja, iniciando pelo Equador até o Acre (UEBEL, 2017), como já apontamos, com o protocolo de pedido de refúgio em seguida. Dessa forma, a morosidade e a burocracia da avaliação do pedido de refúgio pelo CNIg têm um caráter duplo: ao mesmo tempo benéfico e prejudicial, pois permitem que os migrantes residam e trabalhem no Brasil até que obtenham um visto de residência enquanto também lhes mantêm em uma condição frágil e provisória (DEMANT; LEÃO, 2016). Foi comum a referência à demora para a obtenção de um visto permanente de residência que dificulta, principalmente, o retorno ao Senegal para visitar a família, já que o solicitante de refúgio não poderia ingressar novamente no Brasil se voltasse ao seu país. Nessa questão, é importante observar a distinção de reconhecimento sociojurídico entre os sujeitos classificados como “imigrantes” e como “estrangeiros” (SAYAD, 1998 *apud* CAVALCANTI; SIMÕES, 2014). É comum se designar “estrangeiro” para fazer referência ao indivíduo oriundo de um país privilegiado, ou, ainda que de um país periférico, em uma posição privilegiada, pois detentor de recursos culturais, sociais e econômicos que lhe garantem meios facilitados para a superação das barreiras burocráticas durante o deslocamento. O “migrante”, por outro lado, é caracterizado como aquele que deixa seu país em condição de vulnerabilidade e ingressa na nação de destino por vias alternativas, exposto a riscos, destinado a se inserir em um mercado de trabalho secundário (PEIXOTO, 2004), renegado pelos nativos, sujeito a jornadas de trabalho maiores, atividades penosas e informalidade.

Observando as categorias da distinção supracitada, fica evidente que os senegaleses são classificados como “migrantes” e não como “estrangeiros” e que essa diferenciação influencia todas as relações que eles vivem na nação anfitriã. Formalmente, não caberia falar em desrespeito quanto a relações jurídicas no sentido atribuído a elas por Honneth (2009), pois no ingresso desses sujeitos no Brasil são observadas as normas que estabelecem igualdade de direitos para os solicitantes de refúgio. Não obstante, a disparidade de condições existente na estrutura social que fomenta essa migração, assim como a disparidade entre os tratamentos

dispensados a “estrangeiros” ou a “imigrantes”, configuram uma negação de reconhecimento junto à comunidade de valores, ou seja, um desrespeito (HONNETH, 2009). Já desde o início do processo migratório, é possível inferir que os migrantes não se encontram em condições de igualdade com pessoas provenientes de outros países privilegiados e menos ainda com os nativos, portanto as relações intersubjetivas não são marcadas integralmente pelo respeito, pois o reconhecimento do migrante como um igual fica prejudicado.

O segundo item que elencamos, a dificuldade para se comunicar em português, foi citado por todos os entrevistados como a primeira dificuldade vivida a partir do momento em que já estavam no Brasil. Não surpreende o fato de que não falar o idioma do país anfitrião represente um desafio importantíssimo a ser superado, já que prejudica quase todas as outras relações necessárias para a convivência na cidade, como a busca por trabalho e acesso a serviços de saúde, por exemplo. Nesse sentido, a questão foi contornada pelos entrevistados de forma gradual, ao longo do tempo, com a ambientação e convivência com brasileiros, exceto o entrevistado S1 que relatou ter recebido aulas de português de um caxiense junto a outros imigrantes em sua casa. Todos os interlocutores conseguiam se comunicar de forma razoável, variando normalmente de acordo com o tempo de residência no Brasil e com a frequência da interação com brasileiros. Contudo, ao longo das observações e também dos relatos dos informantes, concluímos que, mesmo passados alguns anos do “pico” migratório, ainda há porcentagem considerável de senegaleses que não se comunicam em português. Inferimos que esse contingente de senegaleses sofre uma segregação ainda mais acentuada, tendo que recorrer a outros membros dessa comunidade quando precisam acessar serviços públicos.

No capítulo anterior, dedicamos uma seção à análise e aos relatos das relações de trabalho vividas pelos imigrantes senegaleses em Caxias do Sul. Em linhas gerais, é possível determinar dois períodos com características distintas: o primeiro, até meados de 2015, foi marcado pela larga oferta de trabalho, principalmente aqueles de baixa qualificação no setor industrial ou de serviços e foi responsável por atrair a maior parte do contingente migrante para a cidade. Alguns entrevistados que já estavam no município nesse período conseguiram se inserir satisfatoriamente no mercado de trabalho. Apesar de os salários não refletirem as suas expectativas, nesse período era possível acumular recursos para enviar ao país de origem e até investir em um negócio próprio quando se sujeitavam a longas jornadas laborais e a mais de um vínculo empregatício. Até então, as dificuldades mais comuns não diziam respeito propriamente à obtenção de um trabalho, mas às condições em que ele ocorria, à segregação vivida nesses espaços por outros funcionários brasileiros ou por seus empregadores e algumas vezes à

violação de normas trabalhistas. O segundo período, que se estende até o presente momento, apresenta o esvaziamento das ofertas de trabalho com o conseqüente deslocamento de senegaleses para atividades informais, como a venda ambulante, e para outras regiões do estado, do Brasil ou, até mesmo, outros países. Nessa fase, além de reclamações sobre falta de oportunidades de trabalho formalizado, temos o acirramento dos conflitos decorrentes da atividade de venda ambulante que sempre foi uma alternativa de trabalho presente para essa comunidade, mas que se intensificou e passou a protagonizar discussões sobre a ocupação dos espaços centrais da cidade e a legitimidade da presença desses indivíduos. Esses achados vão ao encontro das constatações em relação às outras searas das vivências da comunidade senegalesa, ou seja, como foi apontado por Sayad (1998), diferentemente dos “estrangeiros”, os “imigrantes” são identificados como úteis quando sua capacidade de ocupar os postos de trabalho renegados pelos nativos é desejável, portanto sua condição é instável e suscetível a formas de desrespeito por não estarem identificados pelo “outro”, neste caso os nativos, como iguais nas relações intersubjetivas.

As dificuldades apresentadas até agora representam formas de segregação dos imigrantes senegaleses para ingressar no país, para acessar serviços públicos e nas relações trabalhistas. Não obstante, há um tipo de segregação menos institucionalizado, mas também presente nos relatos dos entrevistados, geralmente de forma mais sutil, dissolvido por entre as experiências narradas: aquele que ocorre nos espaços públicos cotidianos, em interações diárias e corriqueiras. Em relação a essa questão também foi possível estabelecer dois momentos com características diferentes, o momento do fluxo migratório mais intenso, em meados de 2014 e a época em que foram realizadas as entrevistas, no segundo semestre de 2017. A principal diferença identificada entre esses períodos é em relação ao estranhamento causado pela mera presença da comunidade senegalesa na cidade, o que foi perceptível tanto nas falas dos informantes como na repercussão gerada nas mídias locais. Com o passar do tempo, percebemos que esse estranhamento se atenuou, entretanto a identificação dos imigrantes de forma estigmatizada e racializada ainda está presente nas relações intersubjetivas. Nesse sentido, classificamos essas experiências de desrespeito como negação ao reconhecimento em sua terceira forma, conforme apontado por Honneth (2009), ou seja, a forma de reconhecimento que se dá através da comunidade de valores e que garante estima ao sujeito em sua individualidade. Nem sempre a presença dessa forma de desrespeito era evidente nas entrevistas, sobretudo nas respostas ao questionamento direto que fizemos quanto a manifestações de racismo. Atribuímos tais respostas, primeiramente, à consciência de que o

entrevistador era um brasileiro e que, eventualmente, comentários negativos sobre o Brasil pudessem causar algum constrangimento. Isso foi perceptível, sobretudo, em um argumento recorrente de que “em qualquer lugar do mundo existe racismo”, logo o país e a cidade não seriam, particularmente, racistas. Além disso, por vezes observamos o esforço por “esquecer” ou “minimizar” as experiências negativas que foram vividas nessa seara quando os sujeitos, num processo de negociação para recriar a própria história, como tratado por Pollak (1989), suprimindo lembranças depreciativas através de falas como “eu nem dou bola”, “finjo que não é comigo” ou “se tem isso de racismo, eu nunca vi”. Ainda assim, há narrativas sobre a convivência com brasileiros em que surgem relatos sobre manifestações preconceituosas em espaços públicos e que tais manifestações representaram uma barreira a ser superada, principalmente nos primeiros meses no Brasil.

Essas foram as principais barreiras vividas pelos interlocutores na empreitada de seu projeto migratório e são encontradas quando cruzamos os dados obtidos nas entrevistas com as observações diretas e a revisão da literatura. Embora elas não estejam isoladas umas das outras no ambiente empírico, para fins de análise convencionou-se abordá-las separadamente para facilitar o aprofundamento. Contudo, na vida real desses indivíduos essas barreiras se cruzam e inter-relacionam influenciando diversos aspectos da vida dos sujeitos, principalmente porque estão calcadas na construção do olhar do “outro” que os identifica e classifica a partir de uma posição privilegiada.

Portanto, inferimos que a estrutura na qual esses sujeitos estão inseridos é geradora de situações de desrespeito que se manifestam, dentre outras formas, negando-lhes reconhecimento tanto para a generalização, ou seja, para garantir igualdade nas relações intersubjetivas, como para a estima das características individualizadoras. Ainda assim, com o objetivo de identificar demandas que eventualmente pudessem ter passado despercebidas na construção da análise desta pesquisa, incluímos uma questão ampla que geralmente encerrava o roteiro das entrevistas: “Se você pudesse mudar uma coisa na sua vida no Brasil, hoje, o que mudaria?”. O objetivo dessa pergunta era permitir aos interlocutores que falassem espontaneamente sobre seus desejos e esperanças após reviverem todo o processo migratório ao longo da narrativa e quando já estava estabelecida maior intimidade com o pesquisador. Abaixo temos um quadro que sintetiza as respostas²²:

²² As entrevistas dos informantes S8 e S9 compuseram a pesquisa pré-exploratória, quando o roteiro ainda estava em construção e esse questionamento não havia sido incluído, por isso não estão relacionados no quadro.

Quadro 5 - Desejos de mudança dos entrevistados

Entrevistado	Se pudesse mudar uma coisa na sua vida no Brasil, hoje, o que mudaria?
S1	Pessoas que são racistas não vão mudar, todo país tem gente boa e gente ruim. Esperança de que seu negócio cresça, possa vender fora do país e viajar.
S2	Se tornar um grande artista no Brasil, ficar famoso, formar um grupo como “Senegal brasileiro” ou “Senegal Brasil”.
S3	Aumentar o seu negócio para melhorar sua renda e trabalhar para apoiar sua comunidade, de forma que não dependa da intermediação e auxílio de outras pessoas.
S4	Continuar mudando ao longo de seu projeto migratório, se tornar uma pessoa melhor, casar no Brasil, ter uma casa e uma família.
S5	Não teria saído de seu país.
S6	Trazer seu filho para o Brasil. Mostrar como sua cultura é rica e multiplicá-la.
S7	Gostaria de mudar o pensamento de pessoas que considera racistas para que passassem a enxergar todos como iguais.
S10	Gosta de sua vida e seu trabalho como eles são, não mudaria. Sua arte e sua ética são seu modo de vida desde sempre.
S11	Superar as limitações decorrentes de seu acidente de trabalho e ser capaz de ajudar financeiramente sua família e sua comunidade no Senegal.

Ao verificar os principais elementos do quadro, percebemos que as respostas têm o mesmo sentido das demandas já identificadas anteriormente, ou seja, a esperança de aumentar sua renda e suas condições de vida, bem como enviar remessas financeiras para sua família. Também ficou evidente o desejo por uma vida que representasse seu ideal de sucesso do projeto migratório e como são frustrantes as barreiras vividas no Brasil, chegando ao limite do entrevistado S5, cujo arrependimento pela empreitada frustrada é externalizado ao responder que, se pudesse, não teria deixado seu país. Não obstante, são notáveis as reiteradas referências a experiências de racismo e a forte referência ao desejo de poder reforçar e valorizar sua identidade cultural no Brasil.

Nesta seção interpretamos os dados empíricos realizando aproximações com a teoria para compreender como as experiências dos imigrantes afetam aspectos responsáveis pelo relacionamento desses sujeitos dentro e fora da comunidade, além de componentes de sua própria personalidade. Na seção seguinte, por fim, analisaremos como as expectativas frustradas pela realidade encontrada no país anfitrião influenciam as estratégias dessa comunidade na busca pela integração e pelo reconhecimento.

4.2 AS ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA

Depois de identificar as principais demandas da comunidade senegalesa em Caxias do Sul, analisar as redes migratórias que envolvem o deslocamento desde o Senegal até o Brasil e considerar também as relações intersubjetivas que são atravessadas pelas identidades arraigadas tanto nos caxienses brasileiros quanto nos senegaleses, é possível apontar quais as estratégias utilizadas pela comunidade migrante em seu processo de integração. Ao longo da pesquisa de campo e análise dos dados coletados, percebemos como as identidades podem se reforçar no contato com o diferente. De fato, é exatamente nessa direção que aponta o referencial teórico.

Poutignat e Streiff-Fenart indicaram que grupos minoritários inseridos em um contexto de segregação, geralmente a partir de um processo migratório, reforçam seus traços culturais específicos para se afirmar e se diferenciar (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998). Entretanto, os autores também argumentam que os aspectos reforçados nessas circunstâncias são negociados a partir de suas formas originais anteriores ao deslocamento migratório. Não obstante, é importante salientar que essas constatações partiram de estudos empíricos de comunidades migrantes já estabelecidas há algum tempo, até mesmo já em sua segunda geração. No caso dos senegaleses em Caxias do Sul, por se tratar de um movimento populacional muito recente, o uso dos referenciais da comunidade caxiense é limitado, ainda assim as observações são válidas por indicarem uma tendência dentro de um contexto semelhante.

Ao longo das narrativas, tornou-se evidente que o capital social representado pelas redes migratórias permite não só a migração em si (TRUZZI, 2008), como também estabelece os laços necessários para a integração na cidade e o combate ao isolamento e à solidão (ROCHA-TRINDADE, 2010). Em Portes (2000, p. 137), temos a definição de capital social como “[...] capacidade de os atores garantirem benefícios em virtude da pertença a redes sociais ou a outras estruturas sociais [...]”, conceito um pouco mais abrangente que aquele trazido por Bourdieu. A nosso ver, os benefícios apontados pela definição supracitada são justamente as estratégias de integração e superação de dificuldades que só são possíveis em virtude da coesão dessa comunidade, logo são o objeto desta pesquisa.

Dessa forma, estabelecida a rede social da comunidade senegalesa como principal elemento para superação das barreiras ao longo do projeto migratório, é possível identificar o ator mais ativo dentro dessa rede em Caxias do Sul, que é a Associação dos Senegaleses, responsável em grande medida por estabelecer os laços que garantem benefícios aos membros

da comunidade étnica. Nesse sentido, o associativismo migrante é um fenômeno recorrente em processos de diáspora, de fundamental importância para esses indivíduos que inevitavelmente estão em uma condição vulnerável, como sintetiza Rossi (2012):

A necessidade de “fazer grupo”, de encontrar um lugar no qual se sentir em casa, a possibilidade de criar um espaço social e de socialidade são os fatores principais que desde sempre têm caracterizado a força associativa das minorias ou de um grupo qualquer de pessoas que se sentem unidas devido a uma peculiaridade étnica, seja essa cultural, territorial ou religiosa. As associações têm acompanhado, e continuam a fazê-lo, a história dos movimentos migratórios tentando responder de cada vez: à necessidade de ajudar o migrante a ultrapassar o isolamento social; a afirmar os valores e as tradições do grupo ao qual pertence; à vontade de oferecer assistência aos seus membros; e a agir na defesa dos interesses deles no caso de terem situações complexas com a sociedade de chegada. (ROSSI, 2012, p. 37-38)

Nosso estudo empírico não identificou diferenças em relação às funções das associações de comunidades migrantes apontadas por Rossi no trecho supracitado. Da mesma forma, os achados de Guilherme (2017) e Heil (2017) a respeito da organização de imigrantes senegaleses em Porto Alegre e no Rio de Janeiro, respectivamente, apontavam a rede intrincada composta por esses indivíduos para o compartilhamento de informações sobre as possibilidades de trabalho, para a cooperação na aquisição de produtos para a venda ambulante e para a obtenção de moradia. Portanto, concluímos que as estratégias adotadas pela comunidade em Caxias do Sul não diferem daquelas presentes em outras cidades.

Mesmo após essa conclusão, seria possível inferir que a segregação vivida pela comunidade senegalesa no município da serra gaúcha é mais acentuada do que em outros locais apontados e atribuíamos isso às características próprias da *italianidade*. Essa afirmação tem por base as falas dos interlocutores brasileiros que vincularam diretamente essa identidade cultural a práticas de segregação marcadas pela racialização, entretanto essa diferença não apresentou repercussão nos recursos acionados pelos migrantes.

Superado o tópico principal acerca do capital social acionado pelos informantes estrangeiros, cabe agora analisar os demais atores que compõem sua rede social especificamente em Caxias do Sul. Nos estudos sobre o associativismo migrante, convencionou-se dividir as organizações em quatro tipos, de acordo com seus objetivos e composição (AMBROSINI, 2005 *apud* ROSSI, 2012), sendo que no levantamento empírico identificamos três espécies, cujas características por vezes se atravessam. São elas: associativismo de caridade, associativismo de reivindicação e associativismo promovido pelos imigrantes.

Com exceção do CAM, os demais atores coletivos em Caxias do Sul podem ser categorizados como “associativismo promovido pelos imigrantes”, são eles a ASCS, Coletivo Ser Legal, Coletivo Math Art e a Associação dos Imigrantes Negros. Apesar do Coletivo Ser Legal e o Coletivo Math Art não serem compostos exclusivamente por estrangeiros, suas atividades tiveram início a partir da iniciativa de senegaleses que até hoje coordenam os coletivos, sendo assim achamos válido incluí-los nesse grupo. Não obstante, é inegável o protagonismo assumido pela ASCS como representante da comunidade diante do restante da sociedade caxiense e também do poder público. Da mesma forma como foi observado por Rossi (2012), a ASCS teve início com um senegalês que já residia em Caxias do Sul há mais tempo que a maioria, por isso já reunia condições de trabalho e moradia e constituiu a organização a partir de demandas de outros compatriotas que viviam dificuldades semelhantes às suas no momento de chegada ao país anfitrião. Atualmente, observamos que, em sua maioria, os membros do corpo diretivo da Associação superaram as dificuldades iniciais do momento de chegada, encontram-se estabelecidos através de suas atividades profissionais e já possuem visto permanente de residência. Sendo assim, juntamente aos coordenadores do Coletivo Ser Legal e do Coletivo Math Art, dirigem suas ações à reprodução e ao fortalecimento de valores senegaleses culturais e identitários na cidade. Ainda assim, esperávamos que a preocupação com questões identitárias estivesse mais presente nos discursos dos entrevistados, todavia a urgência das necessidades materiais ganha protagonismo na vida desses indivíduos, sobretudo a necessidade de obter um trabalho vantajoso que, afinal, foi a motivação para todo o projeto migratório.

Na categoria “associativismo de caridade”, incluímos o CAM, em função da característica filantrópica de sua atuação, totalmente voltada para a atenção às necessidades da população migrante da cidade, desde a oferta de aulas de português, disponibilização de moradia provisória e intermediação de relações empregatícias, até a facilitação do acesso a serviços de cunho assistencial. Nessa categoria é possível incluir também o Coletivo Ser Legal, pois, conforme as falas de seus próprios membros, parte das atividades do grupo consiste em atender situações pontuais de vulnerabilidade social quando acionados através da arrecadação de doações, por exemplo.

Por fim, na categoria de “associativismo por reivindicação”, apontamos a presença da Associação de Imigrantes Negros, pois o próprio nome da organização remete a uma pauta comum unida não por uma mesma nacionalidade, mas pela necessidade de se opor às condições de estigmatização em função do racismo sofrido por imigrantes negros. Apesar de o presidente

dessa associação ter citado que a organização realiza atividades de intermediação de relações trabalhistas e inserção da comunidade junto aos locais, as principais ações que identificamos são a promoção de atividades junto ao movimento negro local para debater questões atinentes a processos de racialização que afetam nativos e estrangeiros.

No capítulo anterior, já apontamos as principais atividades desenvolvidas por cada um dos atores coletivos que compõem a rede social senegalesa em Caxias do Sul. Entretanto, cabe ainda um último adendo com vistas a demonstrar que, apesar de termos tratado os atores coletivos dentro da rede como organizações harmônicas em sua atuação, existem divergências quanto a seus objetivos e ao entendimento das necessidades da comunidade senegalesa. O principal ponto de atrito ocorre entre certos membros da ASCS e o CAM, pois alguns estrangeiros têm o entendimento de que, por vezes, a organização filantrópica age e se pronuncia em nome da comunidade imigrante, o que, a nosso ver, é mais uma manifestação da luta pelo reconhecimento dos *outsiders* com papel proeminente na estrutura dessa rede, os quais buscam reafirmar a valorização de seu grupo étnico quando frisam sua capacidade organizativa e autossuficiência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como principal objetivo identificar as estratégias mobilizadas pelos imigrantes senegaleses residentes em Caxias do Sul que se deslocaram para o Brasil a partir de meados dos anos 2010 a fim de se integrarem na cidade anfitriã e atingirem seus próprios objetivos no processo migratório. A formulação desse objeto de pesquisa se deu a partir da revisão da literatura sobre a identidade cultural presente nesse município da serra gaúcha em paralelo às notícias sobre o fluxo migratório senegalês e à pesquisa pré-exploratória que já apontavam uma forte coesão e organização do grupo estrangeiro.

Ao longo da pesquisa, percebemos que o deslocamento para o Brasil se tornou uma opção viável a partir das informações disponíveis nas redes migratórias que indicavam uma rigidez maior no controle de ingresso em países considerados destinos tradicionais, como a Itália e a França por exemplo. Ao mesmo tempo, as imagens do crescimento econômico brasileiro e da carência de mão de obra incentivavam expectativas de grande retorno financeiro para esse projeto migratório. Durante todo o projeto, a rede de contatos se mostrou determinante para viabilizar a logística do deslocamento, desde a saída do Senegal até os períodos iniciais no Brasil, da mesma forma que fomentou a expectativa de ganhos financeiros que lhes permitisse ascender socialmente tanto no Brasil quanto no Senegal.

Essa expectativa por vezes se transformou em frustração ao longo do processo migratório quando confrontada com uma realidade que oferecia resistências inesperadas. Dividimos essas resistências em ordem cronológica para proceder à investigação e à análise. Primeiramente temos o deslocamento em si, que ofereceu dificuldades, sobretudo para o ingresso no país, cujos meios de acesso eram, por vezes, desconhecidos pelo migrante até então. Após esse momento, temos a situação instável dos solicitantes de refúgio, o que corrobora a condição provisória que todo migrante vive no país anfitrião. Já na cidade de destino, pontuamos as dificuldades vividas em relação à comunicação em português, condições no ambiente de trabalho, acesso ao trabalho formal, acesso a serviços municipais e estaduais e a segregação em espaços públicos.

Identificadas as principais demandas da comunidade senegalesa, utilizamos elementos da teoria do reconhecimento, como desenvolvida por Honneth (2009), para proceder à análise do impacto das experiências de desrespeito pelas quais esses sujeitos passaram. O objetivo com essa escolha foi relacionar as expectativas de reconhecimento dos imigrantes às situações de desrespeito e, conseqüentemente, às estratégias desenvolvidas para superar tais condições

adversas. Conforme hipóteses iniciais, buscávamos identificar também em que medida a identidade cultural da cidade anfitriã, fortemente assentada em um movimento migratório mitificado, poderia atravessar os recursos mobilizados pelos senegaleses para garantir a sua integração.

Não obstante, a pesquisa empírica apresentou uma realidade em que a *italianidade* era percebida pela comunidade senegalesa apenas em linhas gerais e não foi determinante em suas estratégias para cumprir a expectativa do projeto migratório e tampouco para a sua integração. O fato de o fluxo ser recente, com menos de dez anos desde a chegada da maioria dos sujeitos, é uma das justificativas que encontramos para isso. Ademais, acreditamos que na construção dessa hipótese supervalorizamos sobremaneira a perspectiva e a identidade da comunidade de estabelecidos do município, em detrimento da importância e da força dos fatores identitários da população migrante, cuja coesão de estruturas éticas e religiosas pauta fortemente suas redes de solidariedade.

Para a análise dos dados coletados, foi necessário readequar a perspectiva através da qual identificávamos as prioridades dos sujeitos investigados, quando concluímos que muito antes de buscar o reconhecimento como estima das suas características individuais, havia o desejo por atender a expectativa maior do projeto migratório, a obtenção de trabalho capaz de prover recursos financeiros vantajosos. Além disso, o reconhecimento enquanto garantia de direitos iguais, se mostrou preponderante dentre os anseios dessa comunidade em Caxias do Sul, o que se materializa através da expectativa de acesso a serviços do Estado, formalização dos vínculos empregatícios e tratamento igualitário nos espaços de trabalho.

Em todas as barreiras que elencamos como dificuldades da comunidade senegalesa, observamos que a rede migratória, então já transformada e expandida como rede social, esteve presente como recurso para superar, ou ao menos atenuar, as experiências de desrespeito. Uma vez que essa rede é mobilizada principalmente pelos agentes coletivos que a compõem, concluímos que o associativismo é a estratégia que buscávamos em nossa pesquisa. Esse resultado não exclui recursos secundários, de cunho mais individual, que também foram observados. Contudo, para compreender a relação entre diferentes estratégias adotadas no município seria necessária uma análise das micro-relações cotidianas, o que demandaria um aprofundamento na pesquisa etnográfica, por isso relegaremos esse questionamento a estudos futuros.

Por fim, apesar de a hipótese inicial ter se mostrado incorreta no decorrer dos processos de análise, acreditamos que os resultados desta dissertação reforçam a necessidade da

implementação de políticas públicas garantidoras de direitos às populações migrantes, diante da sorte de violações que foram observadas na pesquisa de campo. Ainda, acreditamos que a pesquisa reforçou os achados da maior parte da literatura, demonstrando que a perspectiva assimilacionista é desrespeitosa e que a convivência plural decorrente de diásporas, como disse Hall (2018), é o que traz o novo ao mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- BRIGNOL, Liliane Dutra; COSTA, Nathália Drey. Migração e usos sociais do Facebook: uma aproximação à webdiáspora senegalesa no Rio Grande do Sul. **REMHU**, Brasília, Ano XXIV, n.46, jan/abr. 2016. pp. 91-108. Disponível em <http://www.csem.org.br/remhu/index.php/remhu/article/view/579>. Acesso em: 05 ago. 2018.
- CAVALCANTI, Leonardo; SIMÕES, Gustavo Frota. Assimilacionismo X Multiculturalismo: Reflexões teóricas sobre os modelos de recepção dos imigrante. **Esferas**, Brasília, Ano 2, n. 3, jul/dez. 2013. pp. 153-160.
- CÉSARO, Filipe Seefeldt; ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Migração senegalesa e mouridismo: um breve exercício interpretativo. *In*: TEDESCO, João Carlos; KLEIDERMACHER, Gisele (Org.). **A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina: múltiplos olhares**. Porto Alegre: EST Edições, 2017. pp. 255-273.
- CONFORTO, Marília. A Cosmvisão Africana: considerações sobre o mundo africano. *In*: Herédia, Vania Beatriz Merlotti (Org.). **Migrações internacionais: O caso dos senegaleses no Sul do Brasil**. Caxias do Sul: Belas Letras, 2015. pp. 51-65.
- DEMANT, Peter Robert; LEÃO, Augusto Veloso; Mobilização Política e Integração de Migrantes no Brasil: Os casos de Zulmira Cardoso e Brayan Capcha. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.31, nº91, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbsoc/v31n91/0102-6909-rbsoc-3191022016.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2018.
- DIALLO, Mamadou Alpha. **A Construção do Estado no Senegal e Integração na África Ocidental**: os problemas da Gâmbia, de Casamance e da Integração Regional. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), UFRGS, 2011.
- DIEHL, Fernando. **Estrangeiros em uma terra estranha**: racialização e estigmatização dos imigrantes haitianos em Lageado, Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em Sociologia), UFRGS, 2017.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FANON, Frantz. **Pele Negra Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2002.
- GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. São Paulo: Editora 34, 2012.
- _____. **Entre Campos**: Nações, Culturas e o Fascínio da Raça. São Paulo: Annablume, 2007.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª

ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GOLDBERG, Alejandro; SOW, Papa. Migrantes senegaleses en Argentina: contexto sociopolítico-laboral y vulneración de derechos. *In*: TEDESCO, João Carlos; KLEIDERMACHER, Gisele (Org.). **A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina**: múltiplos olhares. Porto Alegre: EST Edições, 2017. pp. 117-133.

GONÇALVES, Maria do Carmo dos Santos; KOAKOLSKI, Yan Cássio. “*Salaam Aleikum*”: o aspecto religioso na dinâmica migratória dos senegaleses para Caxias do Sul, RS. *In*: Herédia, Vania Beatriz Merlotti (Org.). **Migrações internacionais**: O caso dos senegaleses no Sul do Brasil. Caxias do Sul: Belas Letras, 2015. p. 239-262.

GUERRA, Sidney. Alguns aspectos sobre a situação jurídica do não nacional no Brasil: Da lei do estrangeiro à nova lei de migração. **Direito em debate**, Ijuí/RS, ano XXVI, n. 47, jan- jun 2017, p. 90-112.

GUILHERME, Ana Júlia. **Imigrantes haitianos e senegaleses no Brasil**: Trajetórias e estratégias de trabalho na cidade de Porto Alegre/RS. Dissertação (Mestrado em Sociologia), UFRGS, 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2006.

_____. **Da diáspora**. Identidades e mediações culturais. SOVIK, Liv (Org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

HEIL, Tilmann. Perder, só perder. Vendedores senegaleses durante os jogos olímpicos no Rio de Janeiro. *In*: TEDESCO, João Carlos; KLEIDERMACHER, Gisele (Org.). **A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina**: múltiplos olhares. Porto Alegre: EST Edições, 2017. pp. 229-253.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. Migrações internas e suas dinâmicas: O caso de Caxias do Sul. *In*: HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; MOCELLIN, Maria Clara; GONÇALVES, Maria do Carmo Santos (Org.). **Mobilidade humana e dinâmicas migratórias**. Porto Alegre: Letra&Vida, 2011. pp. 65-77.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; PANDOLFI, Bruna. Migrações internacionais: O caso dos senegaleses em Caxias do Sul. *In*: Herédia, Vania Beatriz Merlotti (Org.). **Migrações internacionais**: O caso dos senegaleses no Sul do Brasil. Caxias do Sul: Belas Letras, 2015. pp. 95-113.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; TEDESCO, João Carlos. O lugar do imigrante nos espaços de trabalho em Caxias do Sul: o caso dos senegaleses. *In*: Herédia, Vania Beatriz Merlotti (Org.). **Migrações internacionais**: O caso dos senegaleses no Sul do Brasil. Caxias do Sul: Belas Letras, 2015. pp. 137-169.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2009.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico do Brasil**. Rio

de Janeiro, IBGE, 2010.

JENKINS, Richard. **Social Identity**. New York: Routledge, 2008.

KANAAN, Beatriz Rodrigues. **Imigrações contemporâneas e italianidade**: um estudo sobre jogos identitários na região industrializada de Farroupilha/RS. 2008. 173f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. UFRGS. Porto Alegre. 2008.

_____. Migrantes em terra de imigrantes: um olhar antropológico sobre jogos identitários na região industrializada de Farroupilha/RS. In: HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; MOCELLIN, Maria Clara; GONÇALVES, Maria do Carmo Santos (Org.). **Mobilidade humana e dinâmicas migratórias**. Porto Alegre: Letra&Vida, 2011. pp. 93-104.

MAILLOCHON, F.. Por que a análise das redes? In: PAUGAN, Serge (Coord.). **A pesquisa sociológica**. Petrópolis: Vozes, 2015.

MENIN, Assis Felipe. Novos imigrantes em Caxias do Sul (RS): identidade e história oral. **Ponto e Vírgula** – PUC/SP. São Paulo. n. 20, segundo semestre de 2016, pp. 42-65.

MOCELLIN, Maria Clara. Percurso de migrantes urbanos recentes em Caxias do Sul: expectativas de trabalho e redes familiares. In: HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; MOCELLIN, Maria Clara; GONÇALVES, Maria do Carmo Santos (Org.). **Mobilidade humana e dinâmicas migratórias**. Porto Alegre: Letra&Vida, 2011. 79-92.

_____. Senegaleses na região central do Rio Grande do Sul: deslocamentos, trabalho, redes familiares e religiosas. In: Herédia, Vania Beatriz Merlotti (Org.). **Migrações internacionais: O caso dos senegaleses no Sul do Brasil**. Caxias do Sul: Belas Letras, 2015. pp. 115-136.

_____. Deslocamentos e trabalho ambulante entre jovens senegaleses no Rio Grande do Sul. In: TEDESCO, João Carlos; KLEIDERMACHER, Gisele (Org.). **A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina**: múltiplos olhares. Porto Alegre: EST Edições, 2017. pp. 339-358.

OLIVEIRA, Maria Cristina Oliveira. Os estudantes bolivianos nas escolas brasileiras: sociabilidades e diferenças culturais no cotidiano. In: XV CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, Curitiba/PR, 2011. Disponível em http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=search_result&Itemid=171. Acesso em: 05 ago. 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. **Refúgio no Brasil**: uma análise estatística janeiro de 2010 a outubro de 2014, 2014. Disponível em: http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=t3/fileadmin/Documentos/portugues/Estatisticas/Refugio_no_Brasil_2010_2014. Acesso em: 05 ago. 2018.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989. pp. 3-15.

PEIXOTO, João. As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro-Sociológicas. **SOCIUS Working Papers**, Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade Técnica de Lisboa, n. 11, 2004.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). 2018. **Statistical Update 2018: Human Development Indices and Indicators**. Nova York. Disponível em: <http://report2017.archive.s3-website-us-east-1.amazonaws.com>. Acesso em 05 ago. 2018.

PORTES, Alejandro. Capital Social: origens e aplicações na Sociologia contemporânea. **Sociologia, problemas e práticas**. Lisboa. n. 33, 2000. p. 133-158.

_____. Convergências teóricas e dados empíricos no estudo do transnacionalismo imigrante. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Coimbra: Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. n. 69, out. 2004. p. 73-93.

RANGEL, Larissa. Onde está a África no Brasil? Um retrato da recente imigração senegalesa sob o olhar da mídia brasileira. *In*: Herédia, Vania Beatriz Merlotti (Org.).

Migrações internacionais: O caso dos senegaleses no Sul do Brasil. Caxias do Sul: Belas Letras, 2015. pp. 67-94.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. Associativismo em contexto migratório. **Revista Migrações – Número Temático Associativismo Imigrante**, Lisboa, n. 6, 2010. pp. 39-58.

ROSENTHAL, Gabriele. História de vida vivenciada e história de vida narrada: a interrelação entre experiência, recordar e narra. **Civitas**, Porto Alegre, v.14, n.2, mai-ago. 2014. pp. 227-249. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/17116>. Acesso em: 05 ago. 2018.

ROSSI, Maria. Associativismo Migrante: participação e representação. **Revista Ágora**, Vitória, n. 16, 2012. pp. 37-51.

SAKHO, P; DIOP, R. A; MBOUP, B. DIADIOU, D. A Emigração internacional senegalesa: das casas no campo às cidades litorâneas. *In*: Vânia Beatriz Merlotti Herédia (org.)

Migrações internacionais: o caso de senegaleses no Sul do Brasil. Caxias do Sul, Brasil: Quatrilho, 2015.

SANTOS, Miriam de Oliveira. A emergência discursiva do conceito de “Pioneiro Italiano” como marcador identitário e delimitador de fronteiras étnicas. **Tessituras**, Pelotas, v.2, n.1, jan/jun. 2014. p. 40-52, Disponível em:

<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/2557/3245>. Acesso em: 02 abr. 2017.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

TEDESCO, João Carlos. “Em nome de...”: religião, trabalho e mercado. Senegaleses em frigoríficos do centro-norte do Rio Grande do Sul. *In*: TEDESCO, João Carlos; KLEIDERMACHER, Gisele (Org.). **A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina**: múltiplos olhares. Porto Alegre: EST Edições, 2017. pp. 311-338.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social Revista de Sociologia**, v.20, n. 1, 2008, pp. 199-218.

UEBEL, Roberto Rodolfo Georg. Senegaleses no Rio Grande do Sul: panorama e perfil do novo fluxo migratório “África-Sul do Brasil”. *In*: TEDESCO, João Carlos; KLEIDERMACHER, Gisele (Org.). **A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina**: múltiplos olhares. Porto Alegre: EST Edições, 2017. pp. 185-207.

VILELA, Elaine Meire; COLLARES, Ana Cristina Murta; DE NORONHA, Claudia Lima Ayer. A situação socioeconômica de minorias étnicos/raciais no mercado de trabalho brasileiro. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 36., Águas de Lindóia/SP, 2012. Disponível em http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=8196&Itemid=76. Acesso em: 05 ago. 2018.

APÊNDICE 1 - Roteiro das entrevistas pré-exploratórias.

- Há quanto tempo você está no Brasil?
- Como você chegou até Caxias do Sul?
- Atualmente qual a sua atividade principal (trabalho / estudo / outros)? De quais outras já participou? Há outros senegaleses lá?
- Como foi a sua chegada no Brasil? E em Caxias do Sul? Precisou de ajuda? Teve essa ajuda?
- Onde e com quem você mora?
- Pretende voltar ao Senegal? Pretende trazer a família para viver no Brasil?
- Como é o seu relacionamento com os caxienses? Conversa? Com qual frequência? Onde?
- O que costuma fazer nos horários de lazer?
- Já sofreu algum tipo de preconceito, racismo ou xenofobia?
- Há quanto tempo existe a ASCS / Coletivo Ser Legal?
- Como ele se constituiu?
- Quem participa atualmente?
- Se reúnem com qual frequência?
- Quais as principais atividades e objetivos da ASCS / Coletivo?

APÊNDICE 2 - Roteiro das entrevistas com imigrantes senegaleses.

- Questões para identificação: Nome, idade e escolaridade.
- Morava em qual cidade no Senegal? Qual era sua principal ocupação lá?
- Há quanto tempo você está no Brasil? Já tem visto de residência?
- Como você chegou até Caxias do Sul?
- Como foi sua chegada no Brasil e em Caxias do Sul? Precisou de ajuda? Teve essa ajuda?
- Atualmente quais as suas atividades principais (trabalho / estudo / outros)? De quais outras participou? Há outros senegaleses lá?
- Onde e com quem você mora?
- Pretende voltar ao Senegal? Pretende trazer a família para cá?
- O que mudou para você, depois de vir para o Brasil?
- Como é o seu relacionamento com os caxienses? Conversa? Com qual frequência e onde?
- Já sofreu racismo ou xenofobia de alguma forma?
- O que costuma fazer nos horários de lazer? Quais os lugares da cidade de que mais gosta e a que costuma ir?
- Qual o seu grau de envolvimento com a Associação dos Senegaleses? Participa das reuniões? Concorda com as pautas e com as ações?
- Você acha que a comunidade senegalesa está bem integrada em Caxias do Sul? Por quê?
- Se você pudesse mudar uma coisa na sua condição aqui, hoje, o que mudaria?

APÊNDICE 3 - Roteiro das entrevistas com membros brasileiros do Coletivo Ser Legal

- Questões para identificação: nome, idade, profissão e escolaridade;
- Você é nascido e criado em Caxias do Sul? Com qual etnia você se identifica? Isso é forte na sua família?
- Acha que a *italianidade* ainda é presente em Caxias do Sul atualmente ou vem perdendo força nos últimos tempos? Por quê? Onde e como identifica a possível permanência ou mudança?
- Sabe por que os senegaleses vieram para o Brasil e há quanto tempo estão em Caxias do Sul?
- Como conheceu o Coletivo Ser Legal?
- Há quanto tempo e como participa do Coletivo?
- Como é o seu contato com senegaleses? Conhece no trabalho? Faculdade? Espaços de lazer? Conversa? Já foi na casa de algum?
- Já presenciou ou ouviu falar por parte de caxienses sobre a presença de imigrantes senegaleses na cidade? Como, por quem e onde?
- Já presenciou ou ouviu falar por parte de caxienses sobre a presença de outros imigrantes negros? Como, por quem e onde?
- Já presenciou ou ouviu falar de manifestações de tentativas de integração dos senegaleses em Caxias do Sul (cito produção fotográfica, Romaria de Caravaggio e festas de temática senegalesa)?
- Acha que os imigrantes senegaleses estão integrados na cidade? Como você acha que estariam melhor integrados? O que poderia mudar?

APÊNDICE 4 - Roteiro das entrevistas com profissionais do CAM

- Questões para identificação: nome, idade, profissão e escolaridade;
- Você é nascido e criado em Caxias do Sul? Com qual etnia você se identifica? Isso é forte na sua família?
- Acha que a *italianidade* ainda é presente em Caxias do Sul atualmente ou vem perdendo força nos últimos tempos? Por quê? Onde e como identifica a possível permanência ou mudança?
- Desde quando você trabalha no CAM? Trabalhou sempre em Caxias do Sul? Quais as suas experiências com outros imigrantes?
- Sabe por que os senegaleses vieram para o Brasil e há quanto tempo estão em Caxias do Sul?
- Quais as condições em que os imigrantes senegaleses chegam em Caxias do Sul de uma forma geral?
- Quais as principais demandas dos senegaleses ao chegarem à cidade? E atualmente?
- Como você vê a atuação da ASCS e do Coletivo Ser Legal para que atinjam essas demandas?
- Como você vê a ação do Poder Público Municipal para a integração dos senegaleses com a comunidade local?
- É comum o relato de racismo ou xenofobia sofrido por imigrantes senegaleses? E por outros imigrantes? Quais? Onde? Como? Por quem?
- Acha que os imigrantes senegaleses estão integrados na cidade? Como você acha que estariam melhor integrados? O que poderia mudar?
- Quais impactos você acredita que as tentativas de integração sobre a interação dos senegaleses com a comunidade local? (cito produção fotográfica, Romaria de Caravaggio e festas de temática senegalesa).